

mia couto



cronicando



CAMINHO



Ficha Técnica

Título original: CRONICANDO

Autor: Mia Couto

ISBN: 9789722123518

Editorial Caminho, SA

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Editorial Caminho, SA, Lisboa

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.caminho.leya.com

www.leya.pt

Índice

[Ficha Técnica](#)

[A carta](#)

[A sombra sentada](#)

[Lénine na cabeceira](#)

[1. Atropelou-se ninguém](#)

[2. A promoção de ninguém](#)

[3. Obrigações de caixote](#)

[4. O pedinte pendente](#)

[O viajante clandestino](#)

[Sangue da avó, manchando a alcatifa](#)

[A ascensão de João Bate-Certo](#)

[A velha e a aranha](#)

[Lixo, lixado](#)

[O gato nacional](#)

[O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa](#)

[O Januário, ou melhor: o Januário](#)

[O jardim marinho](#)

[Lágrimas novas para as velhas damas](#)

[A rua de pernas para o ar](#)

[O filho da morte \(No campo de refugiados\)](#)

[A lição do aprendiz](#)

[Mulher roxa em vestido laranja](#)

[Natural da água](#)

[Balões dos meninos velhos](#)

[Pingo e vírgula](#)

[Pela gravata morre o tímido](#)

[A prenda do viajante](#)

[As medalhas trocadas](#)

[Mezungos\[19\]](#)

[A mancha](#)

[O rio que bebeu o homem](#)

[Um pilão no nono andar](#)

[Entre a missa e as misses](#)

[O homem com um planeta dentro](#)

[Sangue da actriz no cinema da vida](#)

[No zoo-ilógico](#)

Animais, animenos

O monstro infantil

(Declaração de amor ao Loxodonta africana)

O secreto namoro de Deolinda

Ossos do ofício

O retro-camarada

O cabrito que venceu o Boeing

A culatra saiu pelo tiro

Os anjos embriagados

A derradeira morte da estátua de Mouzinho

Sonhar de bicho

Escrevências desinventosas

A morte nascida do guardador de estradas

(aos puristas da língua)

África com kapa?

Carta entreaberta do corrupto nacional

O português, as raças, os corvos

Amar à mão armada ou armar a mão amada?

Pescador na ida, herói na chegada

O Gentipó, suas gentis poeiras

A carta

A velha dobrou as pernas como se dobrasse os séculos. Ela sofria doença do chão, mais e de mais se deixando nos caídos. Amparava-se em poeiras, seria para se acostumar à cova, na subfície do mundo?

— *Me leia a carta.*

Me entregava o papel marrotado, dobrado em mil sujidades. Era a carta de seu filho, Ezequiel. Ele se longeara, de farda, cabelo no zero. A carta, ele a enviara fazia anos muito coçados. Sempre era a mesma, já eu lhe conhecia de memória, vírgula a vírgula.

— *Outra vez, mamã Cacilda?*

— *Sim, maistravez.*

Sentei o papel sob os olhos, fingi acarinhar o desenho das letras. Quase nem se viam, suadas que estavam. Dormiam sob o lenço de Cacilda, desde que chegara a guerra. Essas letras cheiram a pólvora, me rodilham o coração. Era o dito da velha. Agora, passados os tempos, aquele papel era a única prova de seu Ezequiel. Parecia que só pelo escrito, sempre mais desbotado, seu filho acedia à existência.

Nas primeiras vezes eu até me procedia à leitura, traduzindo a autêntica versão do pequeno soldado. Eram letras incertinhas, pareciam crianças saindo da formatura. Juntavam-se ali mais erros que palavras. O recheio nem era maior que o formato. Porque naquela escrita não havia nem linha de ternura. O soldado aprendera a guerra, desaprendendo o amor? Em Ezequiel, morrera o filho para nascer o tropeiro?

Nas primeiras leituras, meu coração muito se apertava em inventadas dedicatórias àquela mãe. Enquanto lia, eu espreitava o rosto da idosa senhora, tentando escutar uma ruga de tristeza. Nada. A velha se imovia, como se tivesse saudade da morte. Seus olhos não mencionavam nenhuma dor.

Eu tentava um alívio, desculpar o menino que não sobrevivera à farda. Nem se entristenha, mamã Cacilda. Também, maneira como carregaram esse menino para a tropa! Sem camisa, sem mala, sem notícia. Atirado para os fundos do camião como se faz às encomendas sem endereço.

— *Entenda, mamã Cacilda.*

Mas ela já dormia, deitada em antiquíssima sombra. Ou mentia que dormia, debruçada na varanda da alma? Fingia, a velha. Como o rio, num açude, se disfarça de lagoa. Depois, ela regressava às pálpebras, me apressava.

— *Continua. Por que paraste?*

Já não restava nada que ler. Era só o gorduroso gatafunho, despedida sem nenhum beijo. Pode a carta de um saudoso filho terminar assim: «unidade, trabalho, vigilância»?

Mas a velha insistia, cismalhava. Eu que lesse, toda a gente sabe, as letras igualam as estrelas: mesmo poucas são infinitas. Eu lhe fosse paciente, pobre mãe, sem nenhuma escola. Foi então que passei a alongar aquela tinta, amolecendo as reais palavras. Inventava. Em cada leitura, uma nova carta surgia da velha missiva. E o Ezequiel, em minha imagináutica, ganhava os infintos modos de ser filho, homem com méritos para permanecer menino. Cacilda escutava num embalo, houvessem em minha voz ondas de um sepultado mar. Ela embarcava de visita a seu filho, tudo se passando na bondade de uma mentira. Diz-se: na própria doideira nos vamos loucurando.

Até, um dia, me trouxeram notícia. Ezequiel perdera, para sempre, a existência. Ele se desfechara em incógnitos matos, vítima dos bandos. A mãe nem suspeitava. Perguntei: desconhecia-se o paradeiro dela. Ficasse eu atribuído de lhe entregar o escuro anúncio. Esperei. Nesse fim de tardinha, porém, mamã Cacilda não compareceu em minha casa. Assustei: adivinhara ela o destino de Ezequiel? Quem conhece os poderes de uma mãe em exercício de saudade?

Decidi ir ao seu lugar. Parti ainda restavam manchas do poente. Cacilda cozinhava uns míseros grãos, ementa de passarinho.

— *Senta, meu filho, fica servido, não custa dividir pobreza.*

Fui ficando, me compondo de coragem. Como poderia eu deflagrar aquele luto? Comemos. Melhor: fingimos comer. Faz conta é uma refeição, meu filho. Faz conta. Modo que eu vivo, fazendo de conta.

— *E agora, diz: por que vieste nessa minha casa?*

Olhei o chão, o mundo escapava pelo fundo. Ela venceu o silêncio.

— *Me vens ler o meu filho?*

Acenei que sim. Aceitei o velho papel mas demorei a começar. Eu queria acertar os meus tons, evitando o emergir de alguma tremura. Finalmente, atravessei a escrita, ao avesso da verdade. Trouxe as novas do filho, seus consecutivos heroísmos. Ele, o mais bravo, mais bondoso, mais único.

Como sempre, a mãe escutou em qualificado silêncio. As vezes, no colorir de um parágrafo, ela sorria: sempre igual, esse meu filho. Eu me parabendizia, cumprida a missão do fingimento. Me despedi, quase em alívio. Foi então, em derradeiro relance, que eu vi: a velha mãe lançava a carta sobre a fogueira. Ao meu virar, ela emendou o gesto. O papel demorou um instante a ser mastigado pelo fogo. Nesse brevíssimo segundo, eu anotei a lágrima pingando sobre a esteira. Ela fingiu tirar um fumo do rosto, fez conta que metia a carta sob o lenço. Me voltei a despedir, fazendo conta que aquele adeus era igual aos todos que já lhe concedera.

A sombra sentada

O sol andava descalço na planície, arrastando seus pés diurnos sobre a paisagem. Meus olhos tossiam a muita poeira e, agachados sob as pálpebras, entreviam o chão esquelético.

Aquela visão magoava: esse esqueleto de terra era, afinal, o de todos nós. E aquela areia que se estendia, devagarosa, era a nossa alma, moribunda.

Eu ia visitar o velho Travage, queria ouvir o seu conselho sobre os mundos. Travage tinha sido guarda da passagem de nível. Durante anos, a seu mando paralisavam os comboios. Levantava a bandeira e os ferros faiscavam travagens. Donde seu nome.

Depois, o tempo cacimbou-lhe os olhos. Disseram-lhe: leva a reforma e vai. Ele regressou à primeira pedra, num lugar onde nunca se escutou o uivo dos comboios. Mas o velho, quase surdo, acreditava que, por entre os demorados silêncios, se sentia o metálico suspiro das máquinas.

— *A linha já chega aqui perto? Um dia a força me vai voltar. Então, hei-de procurar onde anda o xitimela.* [\[1\]](#)

No pensamento do velho abundava o tempo. Esse era o gosto de o voltar a ver. Por esse gosto eu largara meus afazeres urbanos e me fizera aos trilhos. Ia seguindo pelos caminhos de terra, desses que nascem da conversa entre o chão e os pés viajantes. No atalho arenoso, as minhas pernas eram escolares, gémeas aprendizes da lonjura.

Quando cheguei, Travage veio à varanda dos olhos e me admirou:

— *Você andou até aqui só para me ver?*

Saudou-me com palavras avisantes: uma terra que não viaja é porque já não sonha. Entreguei-lhe os cigarros que embrulhara num saco plástico. O velho remirou o saco como se ele valesse mais que o conteúdo.

— *Esse plástico também é lembrança?*

E riu-se, mostrando a boca desguarnecida. Corrigiu o riso com as costas da mão.

— *Os dentes me faltam só para rir. Se mesmo tivesse os todos, já nem tinha serviço para dar-lhes. Agora engulo o quê? Saliva, só mais nada.*

E explicou-se: a vergonha do riso. Alegria deve ser mordida, enrolada. A alegria pede a letra erre. Rir sem dentes é como beber cerveja sem espuma. Desta vez, fui eu que sorri.

— *Estou a falar* — disse ele. — *Qual é a competência do riso desdentado?*

Nossa preguiça era essa: divagar, devagar. O assunto, mal que surgia, se perdia. Mas Travage, nesse enquanto, me perguntou:

— *Continuam a atacar os comboios?*

Eu me calei perante a evidência: ali estava um assunto com a tristeza toda de fora. Respondi: às vezes. Ele abanou a cabeça, enxotando a angústia.

— *A guerra está com fome: engole famílias, todas inteiras.*

O velho reentrara em si, cercado por suas próprias palavras. Olhando-o naquela inclinação dolorosa, fui pensando em como nos vamos desabitando da morte inocente, tanto é o crime. Porque o medo da sua perca me chegou como que um pressentimento de luto. Porém, eu não temia que a vida daquele velho tropeçasse em doença ou se enroscasse na idade. Eu receava apenas que viessem de surpresa e o matassem.

Perguntei-lhe se ainda dormia no mato.

— *Já não. Durmo aqui, mato é lugar dos cabritos.*

Lembrei-lhe como era exposta aquela sua pequena casa. Ele não respondeu. Não sei se não ouviu ou se embrulho lhe roubara a atenção. Remexeu no saco retirou de lá os maços de tabaco.

— *Leva, já não preciso. Só fica o plástico, mais nada.*

Surpreendeu-me aquela recusa. Mas eu não insisti, adivinhando aquelas razões escondidas que ele usava.

— *Alguma coisa está para acontecer: faz tempo que não ouço os comboios por estes lados. Tantíssimo tempo.*

Despedi-me do velho, sentindo que nunca mais voltaria a adoçar a minha alma naquela sombra sentada.

Lénine na cabeceira

1. Atropelou-se ninguém

Escusam: nunca encontrarão registo da ocorrência. Mas o caso desatou-se quando um mendigo recebeu devido atropelamento, no cruzamento das avenidas em vias de irrecuperação.

Pisado foi o paupérrimo, isento de nome, desses que carecem de atestado. As roupas, aos fiorrapos, lhe davam a suficiente identidade. Era um pedinte, bastava.

Pelo visto, o maltrapeiro ousara atravessar as instruídas avenidas. Teria ambições de cidadão? Ou seria sua embriaguez conduzir as congénitas solas em tão distinto alcatrão? Fosse o seu quê: mal foi dele, alcatramado, demolido no meio do trânsito.

O criaturo se palpava, conferindo as costolentas. Os passantes paravam, espreitavam. Mas vendo tão descategorizado sinistrado se afastavam, metendo-se nos ombros. Não foi nada. Só um desses, população. Foi grave? Nem valia atendimentos, um gajo tão magro só podia ser batido de raspão.

2. A promoção de ninguém

Mas, eis. Alguém, entre os curiosos, faz notar um saco no meio dos destroços. O caso, num instante, alterou-se da figura. Um simples atropelado é pequeno assunto nos correntes dias. Um ladrão, sim, continua a merecer bastante escândalo.

Vários braços se entremurraram para arrancar o misterioso saco, vasculhar suas entranhas. O que levava o pedinte em tal saco? Com certeza, era produto de roubalheiras. E, de pronto, se aventavam sentenças. O maltrapilho deixara de ser ninguém, se promovera a ladrão. Não se cometesse o erro de lhe entregar à polícia. Justiça, a haver, teria que ser ali mesmo, na hora, porrada fresquinha. Já se voluntariavam justiceiros quando do cujo saco se derramou estranho conteúdo: eram livros, dezenas, centidezenas. Alguns de envergadura, calhamaçudos. O que era aquilo, um intelectual disfarçado de esfarrapado?

— *Um maltrapilho, ainda vá. Um ladrão, vá que não venha. Mas um intelectual, isso é que não.*

Soavam condenações: reatrole-se o gajo, mais os livros.

— *Os livros não. Deixem ver primeiro.*

Foi o assombro. Não eram simples livros: eram manuais das mais proletárias teorias. Compêndios, citações, obras escolhidas. Havia Marx, Engels, Trotsky, Mao Tsé Tung, Che Guevara. Os assistentes se admiravam: o sinistrado seria delegado da V Internacional? Foi a voz apertando o engasganete dele:

— *Eh pá, onde saíram esses todos livros?*

— *A razão que explico não sou: fui dado.*

De um lado relampejou um virapé.

— *Já disse: esses livros fui dado.*

— *Foste dado com quem?*

— *Com o senhor daquela casa.*

E apontou a residência em frente.

3. Obrigações de caixote

Foram, dirigiram-se à tal casa. Em manada, ngo-ngo-ngo, bateram à porta. O residente confirmou, tinha dado os livros ao pedinte. Explicava-se em termos, quando, de repente, proclamou um pranto:

— *Não me tragam os livros de volta, por amor de Deus!*

Dava pena: o homem, ainda de pijama, molhando as flanelas. Os visitantes lhe consolaram, absurdo personagem que ansiava o desaparecimento de seus bens. Não, declarava ele, vocês é que não entendem. Enchi estantes e estantes com tais literaturas. Nunca li quase nenhum. Agora, me quis livrar deles. Mandeí quinze caixotes para as tabacarias. Todos vieram de volta, os tabanqueiros disseram que o produto não tinha já nenhuma venda. A propósito, nenhum dos excelentíssimos está interessado em levar alguns livrinhos? É de graça, um caixote sem mais obrigações. Ninguém quer? Então, senhores, por que se vão embora, assim com as pressas? É só um caixotinho, só unzinho...

4. O pedinte pendente

O esmolista atropelado mantinha-se, no asfalto, um caso pendente. Pois que, após a multidão se dissolver, ele também se pedestrou. O pedinte compunha o tipo «atropelado-e-foge».

Em seu esconderijo, ele ainda conserva os todos livros. Apenas um ele usou, não para ler (que isso ele ignora) mas para acender as fogueirinhas, o bom luminho onde ele aquece os seus esquecimentos. Os livros restantes ele lhes conserva, em pilhas arrumadinhas, cada pilha com sua cor de capa. Nas obras completas, ele designa os assentos dos imaginados visitantes. Um outro, mais volumaço, lhe serve de almofada. Na capa da obra, Vladimir Lénine parece posar um outro, mais malicioso sorriso. Porque ambos, o mal e o bem-trapilho, costuram no pano da desilusão o mesmo sonho. Como se os dois soubessem que um mundo feito só de justiça não será coisa para este tempo. Mas que, no actual hoje, bem que o mundo poderia ter um pouco mais de justiça.

O viajante clandestino

— *Não é arvião. Diz-se: avião.*

O menino estranhou a emenda de sua mãe. Não mencionava ele uma criatura do ar? A criança tem a vantagem de estrear o mundo, iniciando outro matrimónio entre as coisas e os nomes. Outros a elas se parecem, à vida sempre recém-chegando. São os homens em estado de poesia, essa infância autorizada pelo brilho da palavra.

— *Mãe: avioneta é a neta do avião?*

Vamos para a sala de espera, ordenou a mãe. Sala de esperas? Que o miúdo acreditava que todas as salas fossem iguais, na viscosa espera de nascer sempre menos. Ela lhe admoestou, prescrevendo' juízo. Aquilo era um aeroporto, lugar de respeito. A senhora apontou os passageiros, seus ares graves, sotúrnicos. O menino mediu-se com aquele luto, aceitando os deveres do seu tamanho. Depois, se desenrolou do colo materno, fez sua a sua mão e foi à vidraça. Espreitou os imponentes ruídos, alertou a mãe para um qualquer espanto. Mas a sua voz se arfou no tropel dos motores.

Eu assistia a criança. Procurava naquele aprendiz de criatura a ingenuidade que nos autoriza a sermos estranhos num mundo que nos estranha. Frágeis onde a mentira credencia os fortes.

Seria aquele menino a fractura por onde, naquela toda frieza, espreitava a humanidade? No aeroporto eu me salvava da angústia através de um exemplar da infância. Valha-nos nós.

O menino agora contemplava as traseiras do céu, seguindo as fumagens, lentas pegadas dos instantâneos aviões. Ele então se fingiu um aeroplano, braços estendidos em asas. Descolava do chão, o mundo sendo seu enorme brinquedo. E viajava por seus infinitos, roçando as malas e as pernas dos passageiros entediados. Até que a mãe debitou suas ordens. Ele que recolhesse a fantasia, aquele lugar era pertença exclusiva dos adultos.

— *Arranja-te. Estamos quase a partir.*

— *Então vou despedir do passaporteiro.*

A mãe corrigiu em dupla dose. Primeiro, não ia a nenhuma parte. Segundo, não se chamava assim ao senhor dos passaportes. Mas só no presente o

menino se subditava. Porque, em seu sonho, mais adiante, ele se proclama:

— *Quando for grande quero ser passaporteiro.*

E ele já se antefruía, de farda, dentro do vidro. Ele é que autorizava a subida aos céus.

— *Vou estudar para migraceiro.*

— *Es doido, filho. Fica quieto.*

O miúdo guardou seus jogos, constreito. Que criança, neste mundo, tem vocação para adulto?

Sáimos da sala para o avião. Chuviscava. O menino seguia seus passos quando, na lisura do alcatrão, ele viu o sapo. Encharcado, o bicho saltiritava. Sua boca, maior que o corpo, traduzia o espanto das diferenças. Que fazia ali aquele representante dos primórdios, naquele lugar de futuros apressados?

O menino parou, observante, cuidando os perigos do batráquio. Na imensa incompreensão do asfalto, o bicho seria esmagado por cega e certa roda.

— *Mãe, eu posso levar o sapo?*

A senhora estremeceu de horror. Olhou vergonhada, pedindo desculpas aos passantes. Então, começou a disputa. A senhora obrigava o braço do filho, os dois se teimavam. Venceu a secular maternidade. O menino, murcho como acento circunflexo, subiu as escadas, ocupou seu lugar, ajeitou o cinto. Do meu assento eu podia ver a tristeza desembrulhando líquidas missangas no seu rosto. Fiz-lhe sinal, ele me encarou de soslado. Então, em seu rosto se acendeu a mais grata bandeira de felicidade. Porque do côncavo de minhas mãos espreitou o focinho do mais clandestino de todos os passageiros.

Sangue da avó, manchando a alcatifa

Siga-se o provérbio: dá-se o braço e logo querem a mão. Afinal, quem tudo perde, tudo quer. Contarei o episódio, evitando juntar o inútil ao desagradável. Veremos, no final sem contas, que o último a melhorar é aquele que ri.

Mandaram vir para Maputo a avó Carolina. Razões de guerra. A velha mantinha magras sobrevivências lá, no interior, em terra mais frequentada por balas que por chuva. Além disso, a avó estava bastante cheia de idade. Carolina merecia as penas.

A vovó chegou e logo se admirou dos luxos da família. Alcatifas, mármore, carros, uísques: tudo abundava. Nos princípios, ela muito se orgulhou daquelas riquezas. A Independência, afinal, não tinha sido para o povo viver bem? Mas, depois, a velha se foi duvidando. Afinal, de onde vinham tantas vaidades? E por que razão os tesouros desta vida não se distribuem pelos todos?

Carolina, calada em si, não desistia de se perguntar. Parecia demorar-se em estado de domingo. Mas, por dentro, os mistérios lhe davam serviço. Na aldeia, a velha muito elogiara a militância dos filhos citadinos, comentando os seus sacrifícios pela causa do povo. Em sua boca, a família era bandeira hasteada bem no alto, onde nem poeira pode trazer mancha. Mas agora ela se inquietava olhando aquela casa empanturrada de luxos. A filha vinha da loja com sacos cheios, abarrotados.

— *Esse abastecimento não é tão de mais?*

— *Cala, vovó. Vai lá ver televisão.*

Sentavam a avó frente ao aparelho e ela ficava prisioneira das luzes. Apoiada numa velha bengala, adormecia no sofá. E ali lhe deixavam. Mais noite, ela despertava e luscofuscava seus pequenos olhos pela sala. Filhos e netos se fechavam numa roda, assistindo vídeo. Quase lhe vinha um sentimento doce, a memória da fogueira arredondando os corações. E lhe subia uma vontade de contar histórias. Mas ninguém lhe escutava. Os miúdos enchiam as orelhas de auscultadores. O genro, de óculos escuros, se despropositava, ressonante. A filha tratava-se com pomadas, em homenagem

aos gala-galas[2]. A avó regressava à sua ilha, recordando a aldeia. Lá, no incêndio da guerra, tudo se perdera. Ficaram sofrimentos, cinzas, nada.

— *Essas todas coisas, meu genro, de onde vêm?*

— *São horas extraordinárias.*

Deviam de ser horas muito extraordinárias, avaliava a avó. Cansada de tanta coisa que não podia explicar, ela pediu para regressar. Voltava para o lugar onde pertencia, vizinha da ausência.

Então, os filhos lhe ofereceram roupas bonitas, sapatos de muito tacão e até um par de óculos para corrigir as atenções da idosa senhora. Carolina cedeu à tentação. Bonitou-se. Pela primeira vez, saiu a ver a cidade.

— *Nunca atrevesse nenhuma rua. Você não tem idade para pedestrar.*

Não chegou de atravessar. Logo no passeio, ela viu os meninos esfarrapados, a miséria mendigando. Quantas mãos se lhe estenderam, acreditando que ela fosse proprietária de fundos bolsos? A avó sentou na esquina, tirou os óculos, esfregou os olhos. Chorava? Ou seriam apenas lágrimas faciais, por causa das indevidas lentes?

Regressada a casa, ela despiu as roupas, atirou no chão os enfeites. Da mala de cartão retirou as consagradas capulanas, cobriu o cabelo com o lenço estampado. E juntou-se à sala, inexistindo, entre o parêntesis dos parentes.

Nessa noite, a televisão transmitia uma reportagem sobre a guerra. Mostravam-se os bandidos armados, suas medonhas acções. De súbito, sem que ninguém pudesse evitar, a velha atirou a sua pesada bengala de encontro ao aparelho de televisão. O écran se estilhaçou, os vidros tintilaram na alcatifa. Os bandos se desligaram, ficou um fumo rectangular.

— *Matei-lhes, satanhocos*[3]. — gritou a avó.

Primeiro, todos se estupefactaram. Os meninos até choraram, assustados. O genro reabilitou-se aos custos. Soprando raivas, ergueu-se em gesto de ameaça. Mas a avó, apanhando a bengala, avisou o homem:

— *Tu cala-te. Não sentes vergonha? Há bandidos a passear aqui na tua sala e tu não fazes nada.*

Incrustada em espanto, a família encarava a anciã. Carolina monumentara-se, acrescida de muitos tamanhos. Então, atravessou a sala, vassourou os

estragos, meteu os vidrinhos num saco plástico.

— *Estão aqui todos* — disse.

E entregou o saco ao genro. Do plástico pingavam gotas de sangue. O genro espreitou as próprias mãos. Não, ele não se tinha cortado. Era sangue da avó, gotas antiquíssimas. Tombaram no tapete, em vermelha acusação.

Na manhã seguinte, a avó despachou o seu regresso. Voltou à sua terra, nem dela se soube mais. Na cidade, a família se recompôs sem demora. Compraram um novo aparelho de televisão, até que o anterior já nem era compatível. De vez em quando, recordavam a avó e todos se riam por unanimidade e aclamação. Festejavam a insanidade da velha. Coitada da avó.

No entanto, ainda hoje uma mancha vermelha persiste na alcatifa. Tentaram lavar: desconseguiram. Tentaram tirar os tapetes: impossível. A mancha colara-se ao soalho com tal sofreguidão que só mesmo arrancando o chão. Chamaram o parecer do feiticeiro. O homem consultou o lugar, recolheu sombras. Enfim, se pronunciou. Disse que aquele sangue não terminava, crescia com os tempos, transitando de gota para rio, de rio para oceano. Aquela mancha não podia, afinal, resultar de pessoa única. Era sangue da terra, soberano e irrevogável como a própria vida.

A ascensão de João Bate-Certo

João, o Bate-Certo. Consta-se: sua teima era a cidade. Queria ir lá, capturar aquelas visões. Queria confirmar os ditos, desses que viajam por distantes poeiras. O cheiro do fruto, afinal, se parece com o perfume da flor?

Mais que mais, ele queria ver os edifícios. Apreciar os cimentos escalando altura, pisos e sobrepisos, num andamento de andares. Naquele seu lugar, em contraste, tudo era terrídeo, vizinho da areia. Bate-Certo apostava: se havia rés-do-chão teria que haver o rés-do-céu.

Pois certa manhã, o moço partiu, faz conta foi. Todos sabiam: ele ia satisfazer suas visões. O João andava muito aborrecido de si, com cara de nenhuns amigos, de tanto lhe apetecer o mundo. Cumprisse, portanto, o sonho a sua desejada viagem.

Voltou, dias depois. E nem mais se executou fosse para que fosse. Ficava a viver devagarinho, sentado, em artes de devaneio. O que fazia? Contemplava a quanta altura, namorava o céu e seus arredores. Se partira num sonho, mais ele regressou sonholento.

— *Meu filho panhou doença de ficar.*

A mãe sacudia uma tristeza. O coitado, pensava ela. Diferença entre homem e mulher é que, nos primeiros, a doença sempre é exagerada. Mas a velha julgava em tender: seu menino nunca experimentara o degrau, não saboreara nenhuma subidoria. Uma dúvida, às vezes, lhe estremecia: seria que ele se dava de despegar dali, ermigrante? Nem nunca ela lhe dirigiu inquérito. Mulher não foi feita para perguntar. Por muito que estranhasse, ela se enevoava, sumida no parentêsis dos ombros.

O tempo foi percorrendo os dias. E o Bate-Certo sempre igual. No entanto, a mãe se foi assossegando: este menino não tem vocação da estrada. Ele não é de arriscar sua vida numa mala. E se descansava. O filho se mantinha prisioneiro do mesmo chão onde ela se esteirava.

Mais no diante se veio a concluir: afinal, o João nem tanto se desausentara. Ele apenas aguardava a paragem da chuva. Assim que o céu se azulou, ele se ergueu. Foi à caixa das ferramentas e retirou martelo, serrote, pregos. Tudo herança de seu pai, mestre de carpintaria. Lhe chamavam o

Carpintão. Morreu, nem se sabe que doença o suspendeu no sempre. Parece que nele o juízo se esgotara, exausto de pisar os dois lados da verdade.

Pois o Bate-Certo, naquele dia, fez honra da herança. Começou a construção de uma escada. Ao princípio, se entendia ser distracção. Ele não tinha mão para muita obra. Dias de madeira e engenho se seguiram e já a escada crescia até assentar na copa da mafurreira. Parecia que o acto já cobria a intenção. Puro engano. Pois o João, subindo nos lances, acrescia mais e mais degraus. Na supra-sequência, dia em cima de dia, a escada subira tanto que ninguém mais divisava onde ela, lá no topo, ganhava encosto.

E sempre o Bate-Certo, escada acima, alpinistando. Os outros se troçavam: gastasse o moço o tempo em mais proveitoso suor. E punham admirações: naquela altitude, ele não arriscava a vertigem dos despe nhascos? O certo era ele tombar, estrumando-se em terras alheias.

— *E você faz o quê, lá em cima?*

Bate-Certo abreviava um sorriso. E mais nenhuma resposta. O que se dizia: que ele, lá no último degrau, se varandeava, contemplando os mais distantes lugares. Outros escolhiam o método de rir, escapando à obrigação de entender. Ele se há-de cansar!

Já muita tábua se desfolhara enquanto se aguardava o cansaço de João. Mas ele não desfolegava. E, cada dia, acrescia mais uns tantos degraus. Estranho era o somado seguinte: ele já não levava madeiras para cima. Subia só de ferramenta, escalando manhãs. De onde vinham os seguintes materiais?

A multidão se ajuntava para o ver subir, risos fechando aquela visão ascendendo ao céu. Até que não se distingvia, perdido entre nuvens e cacimbos. Descia cada vez menos. De quando em quando regressava ao chão, mas era só para encher os bolsos com areia. Depois, voltava a subir. O murmúrio juntava as bocas, na aldeia. E sempre que o Bate-Certo vinha abaixo, era motivo de mais multidão. Começaram a ver, então, que, agarrado às roupas, ele trazia bocados de nuvens, o algodão dos céus.

A mãe recebeu então as muitas aflições: ela que aproveitasse uma das ascensões do filho e escondesse a caixa das ferramentas. A velha até que

obedeceu. Foi aos matos e escondeu os antigos utensílios do falecido. No dia seguinte, o jovem despertou e, como sempre fazia, saiu de casa para revirar a manhã com seus olhos sonhadores. Quando se preparava para subir viu que não havia a caixa. Ele nem se perturbou. Se encaminhou, subiu, cantando com habilidade de ave. Voltou à noite, trazendo um saco bordado, cujas cores e pano jamais se viram iguais. A velha suspeitou o saco e espreitou dentro: brilhavam novas ferramentas. De onde trazia ele os tais objectos? Tanta foi a pergunta que a velha entonteceu, caída de doença. Os aldeões acharam que era mazela de família, maldição de antepassados. A velha cedo deixou de versar nas conversas. Os outros pouco se importavam de saber. De toda a volta, soavam era os pedidos: me traga um rádio, parelha, bacecola[4]. Me traga, João, por alma de teu pai, saúde de sua mãe.

Porém, única coisa que João trazia eram nuvens, braços cheios de nuvens em rama. Com elas foi enchendo sua casa, onde a mãe sofria as dores do desnascer. Quando se espreitava pela janelinha, parecia ali se completava o planeta. A mãe, pouco em pouco, foi sentindo a leveza de uma infância. Uma noite, ela prendeu o braço do filho e malbuciu:

— *Diga, meu filho: lá em cima, é bonito mais que aqui?*

Ele sorriu sem jeito, perdidas que lhe estavam as palavras. E, com os dedos feitos mais para ternurar madeiras, fechou os cansados olhos de sua mãe. Dizem essa noite: único sítio que choveu foi dentro da casa de João Bate-Certo.

A velha e a aranha

Deu-se em época onde o tempo nunca chegou. Está-se escrevendo, ainda por mostrar a redigida verdade. O tudo que foi, será que aconteceu? Começo na velha, sua enrugada caligrafia. Oculta de face, ela entretinha seus silêncios numa casinha tão pequena, tão mínima que se ouviam as paredes roçarem, umas de encontro às outras.

O antigamente ali se arrumava. A poeira, madrugadora, competia com o cacimbo. A mulher só morava em seu assento, sem desperdiçar nem um gesto. Em ocasiões poucas, ela sacudia as moscas que lhe cobijavam as feridas das pernas.

Sentada, imovente, a mulher presenciava-se sonhar. Naquela inteira solidão, ela via seu filho regressando. Ele se dera às tropas, serviço de tiros.

— *Esta noite chega Antoninho. Vem todo de farda, sacudu*[\[5\]](#).

Para receber António ela aprontava o vestido mais a jeito de ser roupa. Azul-azulinho. O vestido saía da caixa para compor sua fantasia. Depois, em triste suspiro, a roupa da ilusão voltava aos guardos.

— *Depressa-te, Antoninho, a minha vida está-te à espera.*

Mas eram mais as esperas do que as horas. E o cansaço era sua única carícia. Ela adormecia-se, um leve sorriso meninando-lhe o rosto. E assim por nenhum diante.

Desconhece-se a data, talvez nem tenha havido, mas num dos seus olhares demorados, a velha encontrou um brilho cintilando num canto do tecto. Era uma teia de aranha. Ali onde apenas o escuro fazia esquina, havia agora a alma de uma luz, flor em fundo de cinza.

A velha levantou-se para mais olhar o achado. Não era a curiosidade que lhe puxava o movimento. Assustava-lhe a sua transparência demasiada. E, de logo, lhe surgiu a pergunta: que luz tecera aquele bordado? Não podia ser obra de bicho. Não. Aquilo era trabalho para ser feito por espírito, criaturamente. A teia podia só ser um sinal, uma prova de promessa.

Decidiu-se então a velha surpreender o autor da maravilha. A partir dessa tarde, seus olhos emboscaram o tempo, no degrau de cada minuto. Esquecida do sono e do sustento, não houve nunca sentinela mais atenta.

Até que, certa vez, se escutou um rumor quase arrependido, desses feitos para ser ouvido apenas pelos bichos caçadores. Por uma breve fresta se injanelava uma aranha. Era de um verde pequenino, quase singelo.

Com vagaroso gesto a velha foi tirando o vestido do caixote. Usava os mais lentos gestos, fosse para o bicho não levar susto.

— *Qualquer uma coisa vai acontecer!*

Era suspeita que ela bem sabia. Confirmou-se quando as duas, mulher e aranha, se olharam de frente.

E se entregaram em fundo entendimento, trocando muda conversa de mães.

A velha sentiu: o bicho pedia-lhe que ficasse quieta, tão quieta que talvez qualquer coisa pudesse acontecer. Então ela se fez exacta, intranseunte. As moscas, no sobrevoos das feridas, estranharam nem serem sacudidas.

Foi quando passos de bota lhe entraram na escuta. Antoninho! A velha esmerava-se na sua imobilidade para que o regresso se completasse, fosse o avesso de um nascer. E lhe vieram as dores, iguais, as mesmas com que ele se havia arrancado de sua carne.

Encontraram a velha em estado de retrato, ao dispor da poeira. Em todo seu redor, envolvente, uma espessa teia. Era como um cacimbo, a memória de uma fumaragem. E a seu lado, sem que ninguém vislumbrasse entendimento, estava um par de botas negras, lustradas, sem gota de poeira.

Lixo, lixo

Orolando Mapanga não tinha onde cair vivo? É a impura verdade. Dele se fica sabendo que não existe pobreza de espírito. O que há é miséria sem espírito. O caso sendo universátil merece as tantas linhas. Pois o que importa não é o acontecimento mas a gente que há no não-acontecer da vida.

Lugar de viver de Orolando era na lixeira, lá no interior, primeira transversal, à direita. Com boas vistas para o mar, mesmo na vertente de um monte de desperdício. Apanhando boa brisa, mau grado os péssimos odores.

Ali ele despachava seus afazeres. Ao fim da tarde, saía a procurar restos de comida, gordurazinhas, singelas putrefacções. Raspava o fundo das latas, auscultava o ventre dos sacos. Ao ler seu constante sorriso, dir-se-ia que a felicidade é coisa encontrável mesmo na imundície. Orolando bem que defendia as vantagens do lugar:

— *Aqui não chega nenhum bandido.*

Lugar seguro de viver, isso ele garantia. Sossegado, também. Só no fim da madrugada o silêncio se sujava com os camiões trazendo o lixo. Mas, para ele, aquele barulho era o anunciar de mantimentação.

Nunca se aproximou dos camiões. Ele não queria mostrar sua vivência a ninguém, chamar a inveja dos outros.

Essa gente quer coisas completas, cheias. A mim me basta o bocadinho da metade: era o pensar dele enquanto empurrava um velho carrinho de mão pelas ruelas da lixeira.

Outra vantagem era a guerra morar longe. É verdade que ali sempre se escutavam disparos. Mas era coisa da distância, lá no lugar dos citadinos.

Certa noite, ao buscar adormecimento, Mapanga escutou um ronco.

— *É um porco, isso.*

Sabia, o campo lhe ensinara. Voz de bicho era sua sapiência. Pelo cantar de uma só galinha ele adivinhava o tamanho de toda a criação. Pelo balido do cabrito ele já via a cor do bicho.

Desta vez, porém, ao invés da doce lembrança dos campos, seus olhos se nevoaram de ódio. Afinal, havia outro ser disputando as sobras. E ali mesmo jurou morte ao intruso.

Desde então se dedicou a perseguir o suíno. Saía, manhã cedinho à procura dele. A lixeira nunca lhe parecera tão grande. Ele conhecia os recantos, os fedores, os charcos. Porém, não havia maneira. O bicho esburacava nos monturos, sacana, não ficava nem rasto do cheiro. Vantagem do porco é ter um focinho polivalente, dá para escavar também.

Até que, numa madrugada, Orolando despertou com um bafo que se despejava em seu rosto. Berrou, borrou-se.

— *Maiuê, as hienas me comem o nariz!*

Palpou o escuro, deu de mãos numa pele lisa, agarrou com força. Foi como se espremesse um saco cheio de gritos. Era o porco, em aflição. Segurou a presa com força, que a bicheza é inteligente há muito mais tempo que os homens. Amarrou-lhe as pernas e ficou-se longo tempo a contemplar a berraria do prisioneiro. Primeiro, lhe chegou um sentimento que há muito não experimentava. Ali estava um vencido, implorando as clemências. Gozou aquele poder, em desconhecido fundo de sua alma. Afinal, agora ele era proprietário não de restos mas de uma vida inteira e recheada. Enquanto matutinava este sentimento, de quando em quando, despachava uns pontapés no bicho.

Nesse dia, nem saiu a procurar abastecimento. Só ficou ali, olhando o novo habitante, escolhendo o destino a lhe aplicar. Indecidia-se: morte haveria de ser. Mas o porco merecia ser comido? Deixou o despacho para mais tarde: aquela era sentença que não viria do pensamento.

A noite chegou, cansada do seu trabalho na outra face do mundo. Orolando Mapanga anotou o frio, juntou velhos jornais à sua volta. Mas o cacimbo lhe trouxe arrepios, esgotados que estavam seus agasalhos. Então, ele se chegou ao porco, abraçou-lhe como só merece uma mulher. E, aos poucos, se foi contagiando com o quentinho de uma outra vida.

No seguinte dia, ele se polemicava: mais vale a fome ou o calor de uma companhia? Pelo sim pelo talvez, decidiu adiar sentença no bicho. E quando, entre os lixos, descobriu uma velha corda, lhe deu uso de trela e levou o suíno a passear. Mesma coisa os brancos fazem com os cães. O bicho de estimação mereceu até nome: téksmanta[6].

Agora, quem passar pela lixeira pode ver um porco, com dignidade canina, encaminhando seu dono pelos detritos, oferecendo seu faro para a escolha das migalhas da sobrevivência. Dizem o Mapanga se vai esquecendo da língua humana, soletrando só a fonética do bicho. Afinal, vivendo na porcaria ele combina melhor com o idioma dos porcos: é o parecer dos trabalhadores do lixo quando se despedem dos domínios de Orolando Mapanga.

O gato nacional

Uma dessas noites a insónia levou-me à rua. Caminhava a sossegar o sono quando vi o gato. Andava com pés sábios, sem nunca ofender o chão. De passo fofo, o gato pisava a meia-noite.

Quando me enfrentou, o bicho mais que me contemplou: encandescceu-me. Estudámo-nos. Nenhum de nós, nem eu nem o gato, estamos em nosso próprio território. Eu a ver se despachava a insónia. Ele a caçar os fartos ratos das lixeiras.

Foi quando ouvi alguém chamando. Era uma voz morna, aquecida na lareira da garganta. A dona da voz, autora do chamamento, foi-se chegando. Que fazia aquela mulher entre esquinas apagadas? Seria uma prostituta? Não podia saber, desadivinrava. Não sou desses que avança certeza sobre mulheres. Estou por de mais avisado de surpresas.

Ela deu alguns passos na minha direcção. Aprumou a cabeleira desfrisada num gesto de guerreira em preparos para a batalha. Parou quase próxima e procurou alguma coisa na malinha. Coçou a cabeça e temperou o peito:

— *O senhor, por acaso, tem fósforos?*

Selecionei o meu melhor em matéria de fósforos mas, quando me dispunha a riscar a caixa, ela corrigiu-me:

— *Não é para acender. É para alumiar a escada do meu prédio. Daqui até lá em cima não há nem uma lâmpada.*

Lá em cima eram doze andares. Tudo isso de escadas. Calculei os degraus e compaixonei-me daquelas pernas vistosas. De repente, a voz dela sacudi-me:

— *Mas... afinal é o senhor! Não se lembra de mim?*

Olhei-a com o benefício do luar que escorria pelo pátio. Aquela cara já andara por meus olhos mas apagara-se do nome que trazia.

— *Sou a Tininha, não se lembra?*

Tininha? Não, não podia. Aquela menina que fora minha vizinha, caladinha, tão internada na inocência, tão na véspera de ser mulher? Custava para acreditar que fosse a mesma.

— *Sou eu mesma.*

Eu tinha a surpresa mingando-me a língua. O meu recurso foram estas perguntas tolas, próprias dos embarços. Que fora feito de sua vida?

— *Levaram-me para Niassa. Voltei de lá há uns anos.*

Niassa devolveu-a igual. A estada fora só um tempo, um compasso de nada. Ela ali estava, turistando seu corpo pela avenida. Sorriu: era quase tímida, timiúda. Baixou o rosto, ao peso da vergonha. Ela sabia que, a meus olhos, continuava Tininha. A minha lembrança lavava-lhe a excessiva maquilhagem. E o rosto dela, despintado, indefeso, era sua maior nudez. Ficámo-nos olhando, trocando silêncio triste. Magoava-me a menina que nela teimava sob a máscara. Magoava-a a ela também. Talvez por isso tenha passado a mão sobre os lábios naturais. Afinal, não era ela que usava *bâton*. Era o *bâton* que a usava a ela.

— *Posso dizer uma coisa? A verdade é que nem preciso de fósforos. Ando sempre com lanterna.*

— *Então por que me pediste?*

— *Pensei que era um cooperante.*

Sorriu de serviço duplo: era uma desculpa e, ao mesmo tempo, a despedida. Eu regressei ao escuro, passo lento procurando não despertar o pensamento. No mesmo muro onde começa esta crónica, o mesmo gato me distraiu. Agora, já não perseguia comida. Seu andar meticuloso tapeteava o telhado à procura de gatas ciosas, ociosas, ansiosas.

Fiquei a apreciar suas maneiras delicadas, enroscando corpo na voz enquanto se aproximava da fêmea. O gato esmerava suas bichezas, apurava o macho que lhe ia no sangue. Vaidoso, recolhia já trunfos antecipados do sucesso. Eis senão quando a gata, bufando e unhando, rasga o encanto do momento. E o pobre conquistador dos telhados se retira, derrotado, enrodilhado.

Sobrevém-me um sorriso ténue: será que, entre os gatos, também valem as divisas? Se assim for, então no bolso do pobre gato só devia tilintar a moeda autóctone. O gato seria nacional.

O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa

Nós éramos os do muro, sentadiços. Os outros corriam os futebóis, dispensavam suores. Enquanto nós, não. As meninas passavam, com suas batas brancas, pareciam aprendizes de garças. Os outros perseguiam-nas caçando simpatias. Nós ficávamos no muro, olhos trincando as sombras femeameninas.

Nosso futebol era ali, na mesa de matraquilhos do Bar Viriato. A mesa de jogo dormia fora do bar, ao dispor do luar que tombava no pátio. Era tão pesada que nenhum ladrão punha nela sua cobiça. Os rouba-dores daqueles tempos tinham dedos tremedrosos, eram gente de pequeno empreendimento.

Naquele pátio do Bairro Matacuane ficava o estádio do nosso encantamento. Era ali que vibravam as nossas multidões quando a pequena bola de madeira escorecaía no buraco da baliza. Mas nós, sem idade e com as raças todas à mistura, só podíamos frequentar o imaginário relvado no intervalo dos outros. A mesa de matraquilhos era nossa só quase às vezes. No resto, pertencia aos tropas, soldados que abundavam por aqueles lados. O Viriato ficava na fronteira dos mundos, subúrbio dos subúrbios.

Sempre quando há quartéis, os bairros perdem seus nomes civis. E o nosso lugar era agora chamado de Zona do Quartel. Com o novo nome vieram as prosti tutas e encheram os bares com suas grandes pernas cruzadas. Mesmo em nossos sonhos aquelas pernas se descruzavam sob lençóis que transpiravam. Por isso, nossos pais já não permitiam que muito parássemos pelos lados do Bar. Os receios deles careciam de fundamento. Nós só entrávamos no exterior. Lá dentro, apenas nossa curiosidade espreitava.

Mas a brincadeira dos matraquilhos custava cada vez mais preço. A moeda roubávamos lá em casa descartando eu de meu pai e Nandito não se sabe de onde. A moedinha abria o momento mágico. A gente metia na ranhura e a máquina expedia suas nove bolinhas, já tão gastas que coxeavam em cada volta de seus épicos percursos.

Foi quando se deram os casos chamados para estória. Primeiro acharam graça: apareceu um dos bonequinhos pintado de preto. O avançado do centro da minha equipa tinha mudado de raça, da noite para a madrugada. Os soldados portugueses, quando chegaram, fizeram riso e alcunharam o novo matraquilho de Eusébio.

Depois, apareceram mais três avançados, subitamente transcoloridos. Ainda encontraram piada, anedotaram. Distribuíram mais nomes: Coluna, Vicente, Matateu. Só o dono do bar é que ventilou ameaças: se descubro o sacana do pintor, ai de quem!

Um dia a mesa amanheceu com todos os jogadores de raça negra. No Bar Viriato, bem luso de seu nome e propriedade, figuravam os matraquilhos mais africanos do mundo.

Eu e Nandito apresentámo-nos bem cedinho, madrugada recém-estreada. Não tocámos no jogo, ficámos espectadores. Olhávamos as gotinhas de cacimbo, rebrilhando nas botas dos bonequinhos.

Até que surgiram os tropas, barulhosos, donos.

Chegaram-se aos matraquilhos e trocaram suas admirações. Dessa vez, ninguém riu. Ao inverso, havia uma raiva partilhada que multicrescia. De repente, um dos soldados se deu de berrar salivando raivas. Os outros tentavam de acalmar-lhe as fúrias. Mas nada, o homem se atestara de ódios. Súbito, retirou do cinto uma pistola e em volta fechou-se o silêncio, solene. Parecia cinema, o Nandito olhava de espanto cheio: aquilo já não era Viriato, era o *saloon*. E aquele soldado acenando a pistola era o Clint Eastwood, o Rambo dos tempos. Quem sabe foi por causa desse estado de maravilhação que o Nandito não ouviu gritarem quando o soldado louco apontou sobre o guarda-redes da minha equipa. O tiro soou e o pequeno boneco esvoou, salpicando estilhaços, mais súbitos que o sangue.

Ainda hoje aquele tiro continua ressoando em minha vida, junto com esse outro grito que, por engano de um relâmpago, me pareceu sair do bonequinho alvejado.

O Januário, ou melhor: o Januário

O seguinte: Januário, o bateleiro, apurava-se na travessia do rio Pungué. Por força de seus braços, homens e coisas passavam para o oposto lado do rio. lugar estava cheio de paisagem. A planície toalhava extensos verdes. A estrada de areia se desenrolava cega até se despenhar no rio. Os viajantes, defronte à corrente, aceitavam a soberania da água sobre os viventes. Na pausa, eles olhavam o fazer de Januário e esperavam seus raros despachos.

— *Primeirem-se vocês, pessoas. Depois, as cargas.*

Não era ordem, mas simples conferir de princípios. Depois, o pau fincava no fundo e a jangada de madeira rumava. Os olhos de Januário, oblíquos, buscavam não se sabe que infinito. Houvesse ou não um rio: ele tinha sempre o olhar na outra margem. Como se outra travessia ele empreendesse dentro de seus cursos interiores.

Januário ia e vinha, cruzando o interminável desfile fluvial. Os passageiros que vinham da Europa espreitavam aventuras, inebriavam-se de exótico:

— *Neste rio não há crocodilos?*

De Januário os estrangeiros não queriam senão a tradução dos mistérios. Ele, em si, não constava. Fosse porque ele jamais respondeu à pergunta, jamais desvendou segredos do mato. No líquido silêncio, ele e o rio fluíam em recíproca viagem.

Só depois de a luz se afogar na savana é que Januário despegava dos serviços náuticos. Ninguém sabia os caminhos por que regressava, ninguém conhecia onde morava. Dizem que, incertas vezes, lhe viram passando montado num hipopótamo, perdendo-se nos capinzais.

Improvado cavaleiro em improvável montada, Januário se retirava pelas traseiras do mundo. Os mesmos que falavam o assunto asseguravam que, pela via de igual vivículo, o bateleiro atravessava a madrugada para se chegar ao rio. Dizem.

Foram fluviando os anos, aguamentos. O rio sempre vencendo a paisagem, pois só ele se republicava, gerando-se mesmo depois das secas. Até que, um dia, o progresso se decidiu a construir ali uma ponte de cimento e ferro. Bem

junto do local onde labutavam Januário e o batelão. Fizeram um desvio na estrada enquanto espetavam ferros na areia e erguiam plataformas de betão.

Januário assistia, impassível, à construção. Várias vezes lhe avisavam:

— *Essa ponte será o fim de sua utilidade.*

Ele não respondia nem palavra nem gesto. Os outros insistiam:

— *Você vai ficar desempregado, Januário.*

Mas a aflição nele não pegava. Se havia sombra naquele homem, seria a sombra do meio-dia: ninguém podia assinalar.

A ponte, enfim, se fabricou. Mas o trânsito ainda não abrira: a obra já parida, carecia ainda de cerimónia de registo. A inauguração se anunciou para o seguinte dia. Mas foi adiada, motivo das chuvadas.

O que se passou, em seguida, ninguém pode com provar. Foi o rio que inchou, grávido das chuvas? Foi erro de construção, desatenção do ferro? Mas naquelas noites de chuva houve gente que ficou de alma à janela, inquirindo o escuro. Esses juram ter visto uma manada de hipopótamos investindo contra a ponte. E na garupa do primeiro animal: Januário, o próprio expropriado. E assim se explicaria a ponte naufragada.

Do bateleiro não mais se soube. Hoje, dele se lembram apenas os mais velhos, na hora dos poentes. Afinal, quando o mato escurece é só o Sol quem anoitece. O resto mantém-se vivo, de sono bastante desperto.

O jardim marinho

Era uma vez um menino que nasceu cego para as coisas da terra. Só via o mar e o que nele havia. Sabia caminhos nas águas, carreirinhos. Dava nome às ondas, de uma em uma. Dizia: a luz nasce do mar e não dos astros. A claridade lhe chegava do azul, ainda molhada e, depois, flutuarejava nos céus.

Andar em terra enjoava-lhe. Tinha temor de pisar em solo firme, de cair no duro chão. Até o verde terrestre lhe incomodava. O menino não sabia tocar as folhagens, ásperas e secas. Plantas, para ele, eram as algas, escorregadias e ondulantes.

— *Quero a minha escola no mar, pai. Em terra não posso.*

O pai respondia:

— *Há-de ser, filho.*

A mãe chorava. Como podia ela ter gerado aquele menino, mais a jeito de ser peixe? E a criança, apalpando o escuro, tocava as lágrimas da mãe e acreditava que ela sorria. No seu entender, água seria sempre sinal da felicidade.

— *A mãe contenta-se. São meus dedos que dizem.*

A pobre mulher não respondia. Aquele era seu único filho. Para o sustentar ela tivera que trabalhar na cidade. O dinheiro que o marido retirava das pescarias já não chegava. Nem tão pouco. Os três já eram tantos, mais bocas que braços. Quando ela saía para o trabalho, pelas traseiras da casa, o menino se derramava em total despedida. Como se fosse infinita a estrada.

O pai parecia nem dar conta da estranheza de seu filho. Aceitava. Mesmo decidira puxar a cabana mais para junto da rebentação. Prendas que o miúdo lhe trazia: conchas, búzios, brilhos da maresia.

— *Será que passa?*

Dúvida e angústia da mãe olhando o filho no meio das águas, nadando com despacho de golfinho. Ela sacudia a cabeça, negando-se: em terra o menino não tinha a competência de nem um passo, sequer um. Fora de água, sua visão se apagava. O pai, muitas das vezes, adentrava-se por terra,

desafiando o miúdo para vir junto. Mas o filho chorava do escuro onde o mergulhavam.

Com o tempo e como a doença piorasse, a mãe passou a dedicar ódio ao mar. O incansável ruído das ondas já lhe inundava o sono. Ela deixou de dormir, ocupada em sofrer.

— *Marido, vamos sair daqui. Vamos no interior.*

— *E nosso filho?*

— *Ele se habitua, você vai ver.*

Concluía o homem que era impossível, o menino não resistiria. E assim demorou-se o tempo. O menino deu-se de bem crescer, encharcado de azul e sal. Agora, já não era mais criança. Ao fazer do corpo se ajuntava a vontade de ainda mais ser das águas. Um dia, ele:

— *Devo ir. Eu pertença lá.*

E apontou o oceano. A mãe escondeu dentro um quase alívio. Mas era uma consolação triste, como se fosse o descanso de um parto falecido. Ela já não o ouvia, ele falava qualquer coisa de ser jardineiro, plantar nas ondas.

— *Não chora, mãe. Eu hei-de passar a visitar.*

O pai suspirou um longo silêncio.

— *Não, filho. Já não vais-nos ver mais. Vou levar tua mãe para longe, ela não pode continuar-se vizinha da água.*

Ele dobrou a despedida, perdendo-se no azul inatingível. Os dois velhos ficaram a ver a sua extinção. Quando o Sol ajoelhou a beijar o horizonte, ela pediu ao marido:

— *Não vamos partir esta noite. Só amanhã.*

O pescador, de silêncio, consentiu. Mas, naquela noite, eles não buscaram o aconchego da cabana. Ficaram, sob os ramos da Lua, olhando o escuro abismo por onde o filho desaparecera, ouvindo os seus passos afogando-se na distância.

Lágrimas novas para as velhas damas

Dona Anunciação devorava o jornal, no mais cedo da manhã. Não se detinha nas notícias do mundo, desse mundo que ela dividia em duas singelas porções: o de lá e o de cá.

Com suas mãos magras abria o matutino na página dos anúncio funerários e via pelas fotografias se tinha morrido alguém conhecido. Procurava os brancos. Apesar de quase todos lhe serem estranhos, o simples facto de serem da sua raça e de terem morrido dava-lhe a sensação de realmente os ter conhecido.

Sua irmã Vitorinha, ainda mais velha, não se importava com novidades. Seus olhos tinham superado a validade. Era Anunciação que lhe transmitia as notícias fúnebres. Descrevia com exaltante detalhe o aspecto físico dos falecidos. Nas palavras da irmã, todos se tornavam cheios de aspecto, de semblante bondoso e de olhos azuis. Vitorinha, cujos desempregados olhos eram realmente azuis, ouvia os tristes relatos e lacrimejava:

— *Ai de nós, Sãozinha, que já somos tão poucos.*

As duas velhas só saíam de casa para acompanhar funerais. Vestidas de luto, lá seguiam num idoso carro. Anunciação conduzindo para desgraça dos peões da Avenida do Trabalho. Uma vez, por distracção, ultrapassaram o cemitério e estacionaram no Jardim Zoológico. Chegaram mesmo a comprar bilhete de ingresso, Vitorinha comentando que «isto está cada vez pior, um dia até se paga para...». Não chegou a terminar a frase: um rugido de leão esfaimado interrompeu a lamúria. Anunciação fugiu com tal pressa que, por momentos, se esqueceu que não viera só. Voltou atrás depois, já ciente do lugar onde estava, para deparar com Vitorinha ajoelhada, orando fervorosamente frente à jaula dos ursos, o jazigo dos Moreiras, como ela mais tarde se referiu.

Sucedeu que, durante dias bastante consecutivos, nenhuma cara «conhecida» se estampou na sexta página do jornal.

— *Agora, não tem morrido ninguém, já viu, Vitorinha?*

E as velhas já começando a ficar neuróticas, sem motivo para as suas cerimoniais excursões, não puderam conter a exclamação quando o anúncio

apareceu:

— *Está aqui um! Vitorinha, prepare-se depressa que vamos agora mesmo para o aeroporto.*

— *Aeroporto?*

— *Ai Deus, que disparate. Queria dizer cemitério.*

E arrancaram às pressas, não fossem perder o enterro. No caminho, Vitorinha, curiosa:

— *Era uma pessoa... conhecida?*

— *Era. Uma pena, um jovem.*

E começou a descrever o malogrado: um príncipe, olhos azuis, boca rasgada, sorriso bom. Vitorinha abanava a cabeça, reprovando a divina injustiça:

— *Antes Deus nos levasse a nós, mana.*

Chegaram ao cemitério, compraram flores. «Credo, o preço que pedem por meia dúzia de botões silvestres», resmungava a mais velha. Anunciação apressando-lhe o andar:

— *Há certas coisas que até fica mal regatear preços, mana.*

— *E eu disse alguma coisa? Ora que esta...*

Em seus passinhos de magra distância, foram-se juntando a um pequeno grupo que, rodeando uma tumba, se despedia de seu ente querido.

Com respeito e discrição, dona Anunciação acercou-se de um dos presentes e perguntou, quase em surdina:

— *Coitado, tão jovem. Era filho de quem?*

— *Era filho do Mucavele.*

— *Mucavele?*

— *Sim, do Fabião Mucavele, esse que está sentado ao lado do caixão.*

Dona Anunciação agradeceu e engoliu em seco. Mucavele? Mas então e a foto do jornal, tão clara, o moço parecia branco. Um desacerto de tinta na impressão ou seus olhos seguiam o caminho dos de Vitorinha?

Quis explicar o engano à irmã mas preferiu reservar-se. Vitorinha, surda como era, só perceberia se ela desatasse para ali aos gritos. Pensou em retirar-se sem dar nas vistas. Mas, de repente, olhando o rosto de sua irmã e vendo-lhe as grossas lágrimas, sentiu uma enorme e irreprimível tristeza por

aquele que era enterrado. E chorou, chorou lágrimas que em funeral de nenhum conhecido haviam sido tão verdadeiras.

Ainda hoje a família Mucavele se interroga sobre o estranho aparecimento das duas velhas brancas e mais ainda sobre o profundo e solidário recolhimento com que, mesmo depois da cerimónia, se mantiveram junto à tumba.

A rua de pernas para o ar

E foi o enormíssimo estrondo. No bairro, todos se inquietaram. Seria a guerra, ali chegada pé ante pé? Seriam morteiros, mortíferos? No estremunho dos lençóis fazia-se contas à morte.

Juvenal se levantou da cama, encandeou o escuro. A mulher, logo em reparos: ele que deixasse o mundo, ninguém lhe convidara.

— *Não vês que há uma situação, mulher?*

Ela insistia: nem situação não era. Quando muito aquilo seria um som, desses. Dona Evalinda costurava o marido ao seu medo. A escuridão, hoje em noite, é muito mortal. Mas, o Juvenal nem com isso. A esposa desfolhava o lençol em convite matreiro, lhe promentendo o mais quentinho da cama. Não, ele tinha que ir. Mesmo já cursara os treinos quase militares, desses destinados aos directores. A esposa riu, desdenhosa. O Juvenal, com aquela vasta barriga, chumbara logo nos exercícios de placar[7]. A pança charruava, em agrícolas funções.

— *Tenho que ir ver o que se passa.*

Evalinda lhe denunciou aquele esboço de valentia. A coragem dele era como os chifres do caracol: só saíam da boca para fora. Mas já Juvenal abria a porta e rumara os passeios.

Na estrada lhe surgiu, extraordinário, o motivo do estrondo: um camião militar cambafhotado! As rodas ainda giravam, bêbedas. Juvenal deu a volta ao veículo gigante, apreciando o insólito. Parecia um bicho verde-escuro nascido de um grande projecto, uma tartaruga prospectiva-indicativa.[8] Olhou em volta: aquele acidente não tinha aparência. Não havia outra viatura, não havia desses postes do passeio que muito atrapalham a circulação nas estradas.

Juvenal espiou a cabina. O condutor, de cabeça para baixo, ainda remanescia ao volante. Parecia alheio à inversão da paisagem. Estivesse ele morto, suspeitou o residente. Fosse o motorista um mortorista. Mas a farda dele não transparecia mancha de sangue. Juvenal bateu no vidro, chamando a atenção do descondutor. Era um tipo cheio de dimensões, a condizer com o

camiãozarrão. Tão grande ele era que o uniforme figurava mais ser um unidisforme.

O homem se incomodou, desperto pelos toques na vidraça. Fingiu travar, rodou o volante como se ainda conduzisse. Que era? Como ousara aquele pedestre interromper a sua viagem? O pobre Juvenal logo começou de desculpar-se, tal era a verdade daquele motorista, posto em máxima dignidade, mesmo se de cabeça para baixo. O sinistrado entoou ameaças:

— *Não vês que somos um cortejo?*

— *Um cortejo, pois claro*, admitiu logo o Juvenal. *O senhor me seja doador de perdões, foi a minha esposa que me mandou ver o barulho.*

— *Que barulho?*

Pois, qual barulho? Ilusão da mulher, a Evalinda, ela devia de estar a ouvir as suas próprias mexas-mexas[9]. Porque aquela noite, tão tranquilinha, só oferecia silêncios. Juvenal rastejava, submissionário.

— *Olha, ali está ela, de roupão. Vai para dentro, Evalinda, vai que isto aqui está cheio de cacimbo.*

E sorriu-se para o condutor às avessas. Confessou: por momentos, acreditara que aquele camião se tivesse virado. Não, calma. Não estou a dizer que está. O que se passa, afinal, é que a rua está de pernas para o ar. Acontece.

— *Estou pedir guardar o camião.*

Juvenal se admirou: de onde vinha aquela voz tão miúda? Olhou, era um molwene[10]. O menino vestia-se de rasgões. Vai-te daqui, miúdo, suca[11], não incomoda o cortejo! Vai antes que apanhes.

— *Esse é seu filho?* — perguntou o acidentado.

Meu filho? Juvenal se indignou: será que tenho cara de calamitoso? Eu não sou um qualquer, espreite ali a minha fachada residencial, veja a garagem, aquele eme-ele-esse[12], novinho em página?

— *Patrão, estou a pedir guardar o camião.*

O motorista, então, saiu do camião. Deu uma cambalhota no ar, sacudiu os ombros, alisou a farda. Juvenal tentou uma simpatia:

— *Já o sangue lhe descia na cabeça?*

O outro nem ouviu. Inspeccionava os vizinhos que, agora, se concentravam no passeio. Falou, com voz patenteada: então vocês não se envergonham, numa altura dessas, em véspera do Congresso, apresentarem uma rua virada ao contrário? Cabisbaixinhos, os moradores se condoíam.

— *E agora, por punição, vocês todos vão meter esse caminhão de cabeça para baixo.*

O Juvenal, predisposto, incitou a multidão a ser participativa:

— *Vamos, gente. Vamos endireitar o caminhão.*

Endireitar, não, rectificou o motorista. Virar, conforme a alteração da rua. E todos, homens e mulheres, se aplicaram a revirar o gigante de ferro. Concluída a obra, o motorista se meteu no veículo e acelerou fumos. O caminhão se fez ao escuro.

Os vizinhos, emudecidos, trocavam muito espanto. Nunca ali se juntou tanto sentimento. Os mais velhos suspiravam: pudessem eles reaprender a vida! Foi então que, sobre o silêncio, se fez ouvir o esganiço do menino:

— *Patrões, estou pedir guardar a rua.*

O filho da morte (No campo de refugiados)

A mulher estava morta, em puro e total falecimento. Seu ventre inchado recortava o inteiro azul. O cadáver, adiantado, não tinha salvação. À sua volta, zunzunavam as moscas, devotas carpideiras.

Daquele corpo não se esperava senão o último pudor: ele que se cobrisse, em deferência à vida. Convidasse a poeira, invocasse a noite, fizesse o que entendesse mas poupasse o olhar dos viventes. Porque, naquele lugar, já não havia força para enterrar ninguém. Os defuntos se extinguíssem às suas custas. Os outros, únicos residentes, estavam demasiado ocupados em sobrevivências.

Refugiados, ali restavam, sem fazerem favor à morte. Por que não cediam, noivos que estavam da ausência? Seria recordação da esperança, saudade de um antigamente?

Talvez, por isso, eles se tiravam da visão da defunta. Os refugiados se doseavam, nas aplicações da tristeza. Estarem vivos era seu resguardado segredo. Estivessem eles no território da vida e teriam seguido a tradição: levavam a grávida à cova e, antes de a sepultarem, lhe abriam o ventre. Nem que fosse para ganharem certeza sobre o sexo do feto. Mas agora não, todos se faziam ninguém.

E assim a morta teimava em sua solidão. Parecia assunto apenas capaz de esquecimento quando do corpo começou a emergir uma levíssima respiração. Parecia as costelas regressavam à sua imperceptível dança. O que seria?

— *É inchaço de gases, digestão dos falecidos.*

Os presentes se aproximaram, atraídos pelo lampejo daquela pele luzidia. Espreitaram, debicaram com os olhos. Foi quando, de entre as coxas da falecida, se viu o desfolhar de um pequeno corpo.

Os olhos se alargaram de espanto a espanto. A coisa carnuda progredia, excrescendo como um desembrulho, ventre afora. A morta estava, creia-se, em obras de parto. A vida, em seu corpo, fazia horas extraordinárias.

Ninguém mexeu, nenhuma mão se baixou. Fosse a criança filha da vida e as todas mulheres se anunciariam de tias, incontáveis seriam os peitos de

amamentar. Mas aquele menino nascera da foz para a fonte, em avessa e agoirenta execução.

Nem valesse o recém-nascido declarar uma choradeira, beicinho a convidar compaixão. Os presentes já davam costas ao sucedido e se afastavam em arrastados passos. Parecia os pés deles eram pertença antecipada do chão, ambos em recíproco afecto.

Foi quando Tazarina se desapinhou da multidão. Ela tinha um ar de a si mesmo se faltar. Se conhecia por ser cabistonta, esquizofrenética, mazelenta e tão magra que, mesmo sem roupa, sua nudez não se notava. Nunca se lhe ouvira palavra, vogalzinha que fosse. Faltava-lhe o cabelo, restando duas magras tranças caídas sobre a testa. Tazarina sempre toda tremia, sequer suas mãos ela segurava. Bamboleava de várias bandas, parecendo ter mais joelhos que pernas, um número ímpar e infinito de tornozelos.

Sua única ocupação era apanhar cigarras. Junto das acácias ela chamava os bichos, imitando-lhes o canto. Segurava-lhes com seus dedos trémulos, abria um furo entre as asas e passava-lhes um fio. Depois amarrava-lhes nas orelhas, a servirem de brincos vivos e sonoros. As cigarras, diziam-se, eram elas que lhe tinham comido o cabelo.

Pois foi esta definhosa, maleijadíssima mulher que se achegou ao nascido e dele se ocupou. Levantou o orfãozito por um braço, erguendo-lhe acima da cabeça. Em seu desajeito devia de magoar o pequeno. Contudo, mesmo em tal desconforto, o menino parou de chorar. E quando Tazarina lhe ofereceu o regaço, o menino procurou o seio dela, sem recheio. À medida que dava mama, Tazarina se ia perfilando mais e mais segura, capaz de exercer ternuras. Seu corpo ensaiava mesmo a graça de ser mulher.

Foi então: os refugiados assistiram ao que nem davam crédito. Pois a pobre mulher começou de cantar. Já não se servia de rouquejos. Antes debitava doces embalos. Aos poucos ela se ia enchendo de corpo, os seios se volumavam, os olhos se maternizavam, seus cabelos se preenchiam, capazes de pentes e penteados.

O menino se saciou e encostou no colo de Tazarina o seu primeiro sorriso. De longe, alguém atirou um pano que Tazarina apanhou e usou para cobrir a criança.

Depois, ela se afastou em caminhar sereno, ativa como se houvesse estrada e o destino fosse sua exclusiva posse. A um momento, Tazarina se voltou para encarar a multidão. Nunca se viu, dizem, mãe em tanta compostura. O rosto dela merecia toda a luz. De cada lado, pendia a fulgência de ouro. As cigarras, seus antigos brincos, se haviam convertido em metal, com sonoras cintilâncias.

Refaçam-se agora as contas da humanidade habitável. Pois cada menino nascido faz nascer uma mãe de uma respectiva mulher. Assim, cada novo ser triplica o número dos viventes. Um filho, afinal, é quem dá à luz a mãe.

A lição do aprendiz

Apresentou-se com uma carta na mão. O barbeiro Lázaro interrompeu a tesouração e foi à porta. O miúdo estendeu a carta, com a mão esquerda segurando respeitos no braço direito. Era uma missiva triste, com notícias escuras dos lados da guerra. O rapaz que ali se apresentava ficara sem ninguém, a família dele era só pena dos outros.

O barbeiro fingiu demorar-se na leitura. Tinha receio de enfrentar aqueles olhos órfãos, parentes da morte.

— *Quem escreveu este bilhete foi meu primo Ezequiel?*

O miúdo acenou com a cabeça, dispensando a voz.

— *E queres trabalhar aqui comigo, aprender o serviço de barbeiro?*

Agora foram os ombros que responderam um encolhimento.

— *Como te chamas?*

Chamava-se Antoninho. O barbeiro aprontou-lhe urna condição. Pequena mas constante. Antoninho trabalharia ali mesmo, ajudante. Dormiria na própria barbearia. Chegada a hora de fechar, retiravam-se as almofadas da cadeira e estendiam-se no chão. Ele deitava naquele sossego frio, até dava jeito para espantar a ladroeira.

O menino foi ficando, vassourando os intervalos da clientela, lustrando o espelho, sacudindo os panos. Nunca de sua língua se confeccionava palavra. Lázaro empurrava-lhe para a vontade, com ordem amiga:

— *Está atentinho, veja como eu faço. Um dia desses vais poder cortar cabelo, tu também.*

Mas o miúdo parecia sempre longe, dissidente da infância, olhos exilados na rua por onde a vida se derramava quente e luminosa. Fazia até medo contemplar aqueles olhos cheios dele. Toda a alma daquele pequeno corpo estava ali naqueles dois luzeiros, pareciam feitos de água incendiada. Antoninho amalhava silêncios, sem que ninguém suspeitasse que sonho brincava dentro dele.

Uma manhã, mais cedo que a hora habituada, Lázaro surpreendeu o miúdo deitado por baixo da cadeira, de alicate na mão.

— *Que estás a fazer?*

O moço gaguejou: a razão por que alicateava era a cadeira que estava a soltar-se dos parafusos. Um dia desses, o cliente se descompunha, placando contra a vontade. Assim se explicou Antoninho, com a vergonha adoçando-lhe as maneiras da voz.

Lázaro espreitou a obra, abanou a cadeira. A dita estava agora bem fixa. O raio do miúdo até que teve boa iniciativa. Dali em diante, sucederam-se as surpresas mecânicas. As dobradiças da porta foram reparadas, as tesouras afinadas. Antoninho revelava seus dotes de consertador.

— *Você bem podia consertar este espelho, adaptar posição dele. Os clientes têm de esticar os pescoços para se verem.*

Mas o suporte do espelho era obra demasiada, pedia habilidades superiores. Antoninho pediu tempo para se instruir dos serviços requeridos. Só um tempo que os dias estão cheios de semanas inúteis.

O tio começou a nutrir admiração pelo rapaz. Uma ideia lhe nasceu: o sobrinho merecia um futuro, quem sabe ele não dava um mecânico da primeira. Falou com o Manjate, proprietário da oficina lá do bairro.

Ficou assente. Depois de despegar da barbearia, Antoninho passou a frequentar a oficina, apreciar técnicas e segredos da mecânica. O jovem tinha olhos aprendizes, reparando em tudo com grande velocidade. Cedo se acostumou às intimidades dos motores, cirurgião dos ferros.

O barbeiro começou a pensar ainda mais alto. A barbearia, com essa coisa da Sida, estava adoecida, aflita de clientes. Talvez nem fosse má ideia aproveitar as tendências do miúdo e abrir ele próprio um negócio de oficina. Uma manhã, a loja repleta, Lázaro anunciou bem alto o seu plano. Na cadeira, Serafindo Matine, estudante de Economia, esticou bem seu português:

— *É um projecto de pequena dimensão, mas se tiver financiamento garantido, meios técnicos viabilizados, então a reprodução do capital investido...*

Levantando a mão, o barbeiro interrompeu os ditos. Nem ele suspeitava que sua simples ideia merecesse tamanha palavreação. E enquanto o futuro economista prosseguia xiricando[13] sabedoria, Lázaro chamou o miúdo e

lançou-lhe a proposta. Seriam sócios, o dinheiro seria por conta dele, mas as receitas não demorariam. E encheu a língua de promessas. Então?

— *Não quero sociedade, tio.*

— *Não queres?*

— *É que vou voltar na minha terra.*

Lázaro estranhou. Mas então ele não via que aqui é que se ganham os tacs, enquanto lá, com essa porcaria dos bandidos, ninguém pára descansado? Mas o miúdo insistia:

— *Já decidi, vou voltar. Lá sou muito precisado.*

— *Há tanta coisa que é preciso reparar lá, você nem imagina, tio.*

No dia seguinte, o miúdo se abraçou à viagem, com um saco cheio de ferramentas compradas de sua economia. O barbeiro deu conta da sua ausência e foi logo à caixa ver se desaparecera dinheiro. A caixa estava intacta, virgem de maldades. Então o barbeiro reparou que um novo suporte, de haste flexível, sustentava o espelho. Sentou-se na cadeira e, horas perdidas, ficou remirando seu rosto, agora mais antigo, mais longínquo, como se houvesse na ausência do sobrinho uma lição que ele lentamente decifrasse.

Mulher roxa em vestido laranja

Já aviso: esta estória eu que inventei. Se há parecenças, a culpa não me pertence. Ficção e realidade são as gémeas e convertíveis filhas da vida. Sendo que a pergunta permanece irrespondida: as cores do quadro constam das mãos do pintor ou são do mundo, despercebidas apenas por nossas apressadas distrações?

Apresento, de início, a Luzinha. O que ela era, já foi. Ninguém hoje que a reconhece. Antes, ela existia em simplicidade, mais miúda que chuva. Agora, lhe subiram os ombros, promoveram-se as pestanas. Mudou quando a Luzinha? Foi quando seu marido, o Alcides, transitou de *Lada* para *Toyota*? Coincidência verdadeira, dizia a vizinhança, vendo-a passar mostradiça, em espectáculo de si mesma. Mulher de dirigente fui, agora sou esposa de empresário, autor de vastos biznesse. Palavras dela, em saliva de luxo. A Luzinha: ela e o universo. O guarda-fatos se enchia de folhos, lantejoulões, dourados. Nem ela tinha já onde guardar suas vaidades.

Introduzo, de seguida, o Alcides. Homem cheio de retrato, com mais cara que rosto. Os bigodes, amplos, mais merecendo o nome de trigodes. Mandante na rua, mandado em casa reescrevo o ditado. Pois Alcides se apagava frente à Luzinha. Nem lhe valiam os bigo des: debaixo dos cujos ele não ganhava nenhuma sombra.

Sucedeu que o Alcides, numa das suas saídas ao exterior, trouxe mais um vestido para sua esposa. Cor da moda, laranja-lustroso. Quase atangerinado. A Luzinha, rebolosa, se meteu pela peça adentro. Ela já tinha vantagem das carnes mas com o vestido se aparentava um citrino ambulatório.

— *É a ultíssima moda* — valorizava o marido.

Luzinha, essa noite, retribuiu-lhe o donativo. Entre a lembrança das carícias e os afagos da bebida, Alcides nem deu por Luzinha sair, na manhã seguinte. Luzinha não levou o carro que lhe cabia. Foi a pé como convém a um desfile alegórico.

E assim, pela avenida, a dona se feirava, barquejando as ancas. Ela imaginava o pestanejo do mundo descendo sobre o seu rasto. Foi quando, de um anónimo muro, veio o chamamento:

— *Psst, eh wena*[\[14\]](#)!

Luzinha estava preparada para os provocos. Manteve-se digna, sem sequer espreitar pelo canto dos óculos escuros. A voz, porém, insistia:

— *Ei, mamã. Deixa lá as brincadeiras, não vê as suas colegas todas a varrer?*

A esposa do empresário se deteve. Colegas? Olhou em volta, fazendo subir os óculos. Foi então que viu as mulheres da limpeza, formigando a avenida com suas fardas cor de laranja. Entendeu: estava a ser confundida com as limpadeiras, por motivo do novo vestido. Num instante, vaidade se converteu em fúria. Nojo de vestido, porcaria de moda, sacana de Alcides. Sua vontade era despir-se, livrar-se do vexame pelo nariz.

Foi assim que Alcides viu sua legítima entrar em casa envergando apenas uma nebulosa combinação. Nem teve tempo: já Luzinha clamava, raivabunda. Trouxeste menos dólares por razão desta casca de tangerina? O Alcides rascunhava argumento, sublinhando os custos, você sabe, querida, a moda lá na Europa... O marido já não tinha perna mas ainda queria dar o pontapé. Pouco lhe valeram as desculpas. Luzinha lhe espetou o dedo:

— *Pois ficas sabendo: não sou eu que vou mudar de vestido.*

Então ela lhe ditou a ameaça: tens bons conhecimentos lá em cima, vais escrever a pedir que mudem a farda dessas mulherzinhas. O Alcides malbuciava: ó Luzita, como é que eu posso?

Subindo no pedestal do mando, ela passou para a chantagem. Se ele não fizesse, ela denunciaria seus esquemas, subornos, notas por fora da manga. Alcides estava como o gafanhoto: apanhado por trás, sem chão para mais nenhum salto. Levantou o braço em rendição. Pronto, pronto.

Alcides escreveu a carta? Não, ele sabe que nem é pedido que se faça. Mas se ele deu folga à caneta, igual repouso não foi concedido à sua pobre imaginação. Desfiava-se o tempo e mais ninguém via dona Luzinha brilhando pelas avenidas. Ter-se-ia adoecido, a pobre dama? Ou aguardava a próxima viagem do marido, um novo presente capaz de fazer esquecer o anterior?

Entrequando, Alcides descobrira a solução. Tingiria o vestido, pela caladinha da noite. Assim fez, mergulhando o assombrado vestido em tinta roxa. Sim, roxa, cor inequívoca, sem azo para confusões. Na manhã seguinte,

ele a convocou para lhe mostrar a nova aparência da vestimenta. Luzinha, contrafeita, aceitou o imprevisto. Até porque lhe dava conveniência: nessa noite se previa a presença dela em oficialíssimas cerimónias.

Foi assim que, em plenos festejos centrais, deu entrada o casal. Ele envergando seus bigodes. Ela trajando o vestido ex-laranja, roxobilitado. Luzinha voltava ao centro do universo.

A dança já levantava bastas poeiras. Luzinha transpirava das antilhas, digo, das axilas. Foi então que se deu o fenómeno. A esposa do empresário se convertia numa outra cor, desbotando-se os panos em suas luzi-diurnas carnes. Luzinha passava a Roxinha, sua nova alcunha. Quem reparou na metamorfose dela entende o actual motivo das tristezas de Alcides, coração enrodilhado, cabeça apagada e lar despedaçado. Desgosto de amor, defendem os românticos. Medo da Luzinha meter a boca num xipalapala[15] em sopro público de privados e comprometedores segredos — versão mais realista de quem sabe de quantas cascas se faz um ovo.

Natural da água

A fonte: ninho da água. Dali ela se constitui, emplumando-se ao modo de ser ave. Primeiro se pintainha, levantando o bico faminto à chuva que desce.

A água nasce de ser plantada? Ou de pedra que se converte, lavando o tempo em suas mesmas lágrimas? Ninguém sabe, ninguém nunca viu. O parto da água não tem testemunha: aparecemos sempre depois.

Quem procure a fonte que escute primeiro seu chilreio fresco. Só depois rasteire os olhos entre a pedra e a erva. Deixe aí seu olhar pousado até que a alma, naquela dobrazinha onde ela se distrai de nós, se sinta molhada e mais que alagada: alaguada. Verá então como a água a si mesma se enche, abrindo as margens, soltando suas asas. Começa a viagem do rio sucessivo.

O rio, caligrafia da água. Do alto, parece um sulco de metal transfluente. Limpo e solene. Mais perto se vê que, nas margens, se empoleira, contagiando-se de terra. O rio ora beija, ora morde a margem.

Entre carícia e rasgão, se fazem seus incertos rumores de amante. Dentro dele se transportam ondulantes gazelas. Nesse tropel, o leito tornava-se savana azul, África liquefazendo sua carne térrea. O continente se oceanifica.

Mas a água só despida está completa. Assim, da terra ela se distingue. A terra exige coberta, requer construção. Enquanto a água em sua própria pele se aconchega. Em tal nudez, nunca nenhum sulco se abriu, nenhuma ruga se desenhou. Os homens magoam o solo, cobrem de golpes o chão. Mas até agora nenhum foi capaz de ferir o rio e deixar cicatriz nele escrita.

O rio da minha infância: sotaque da terra, pronúncia da própria vida. Esse rio transcorre não no mundo mas em mim. Como se eu fora natural da água e não de lugar terreno. Às vezes flui manso, diluindo os amargos recantos, consolando as arestas da minha idade. Outras, fundo e espesso, quase

imitando o fogo. Então, em sua corrente me ensombro. E me duvido: afogar é morrer na água ou no fogo?

Afinal, a fúria é breve. O rio simplesmente se lavava da morte, sacudindo destroços de mim que se espreguiçavam na torrente.

A coragem do rio é o seu caminhar suicida para o mar. A bondade da água é o seu incansável retorno ao regaço da vida.

Balões dos meninos velhos

Era o asilo dos velhos. Nele se albergava gente idosa, sem lugar nem aconchego. Velhos das todas raças passeavam sombras, pastoreando memórias pelos obscuros recantos. No vazio de seus destinos eles se igualavam, partilhando da trémula fronteira que nos separa da imobilidade.

O asilo sofria das muitas, mesmas carências de todo o país. Talvez pior. Os velhos já nem tinham força de reclamar. Apenas resmungavam na solidão dos corredores. Vistos de fora, no longo desfile das horas, pareciam sobreviventes de um navio naufragado. O asilo era a embarcação, já sem viagem. E eles, clausurados na derradeira praia, morriam devagarinho, tão devagar que quase não se dava conta.

Aconteceu, certa vez: os responsáveis da instituição pensaram trazer uma pequena felicidade para os asiladinhos. E aproveitando o clima de peditório geral, endereçaram carta a uma dessas organizações internacionais de beneficência que muito comparecem nas páginas de jornais. Solicitava-se apoio para a festa de Natal, qualquer coisita que alegrasse os pobres velhos.

A resposta foi positiva, o donativo já vinha a caminho. Só que, por lapso da carta, os beneméritos entenderam tratar-se de uma instituição infantil e enviaram caixas com brinquedos, jogos, bonecas, balões. Vieram sandes, doces e bolos. Mas para beber só havia refrescos.

A festa mesmo assim se realizou. Os velhos, primeiro, se espantaram. Alguns, de garganta mais jovem, perguntaram: e as cervejas? Outros, de pulmão mais versado, quiseram saber do tabaco. Seus olhos desconfiados pousaram sobre os responsáveis. Mas quando notaram melhor as cores dos brinquedos, seus olhos se desenrugaram. Num instante, se espalharam risos e alegritos. Os velhos se encriançaram, saltando o muro da idade. Uns de gatas, animavam os brinquedos. Outros enchiam balões, soprando mais para fora que dentro, metendo mais cuspo que ar.

Os responsáveis do asilo não sabiam qual o sentimento que convinha à ocasião. Mas aquela idosa infantilidade já não tinha controlo. Sandes e bolos se esfumaram num repente. Era vingança de uma fome de séculos. Dos

refrigerantes, mais entornados que bebidos, já nada restava. O director distribuiu sábias orientações aos subordinados:

— *Telefonem à televisão, digam para mandarem os repórteres.*

E os balões estouravam entre berros e gargalhadas. Quando o primeiro balão rebentou, o velhinho que o enchia desmaiou de susto. Um dos assistentes o reanimou mas ele, mal recobrou a consciência, se empertigou na cadeira de rodas: mais, quero mais puum!

Quando distribuíram os rebuçados, o alvoroço se tornou muito máximo. Impacientes por suas mãos tremeliqueiras não serem capazes de desembrulhar os doces, alguns velhos metiam-nos assim à boca, com papel e tudo. De repente, um dos assistentes sociais deu o alarme:

— *Senhor director: estão a engolir os chuingas*[\[16\]](#).

E tentaram retirar as pastilhas do trânsito. Mas os velhos resistiram heroicamente, guardando-as nos esconderijos onde usualmente se protegem da cobiça mútua. O director da instituição se encheu de resolução, subiu na mesa e tentou umas palavras discursosas. Foi difícil impor o silêncio, mas ao fim de alguns encontrões e ameaças, a voz do chefe se autorizou:

— *Graças à solidariedade incondicional dos nossos amigos foi possível esta festa de Natal, que nós chamamos de festa da Família...*

Mas, no vira-gira geral, o director levou um empurrinho e se despromoveu da tribuna improvisada, tombando com aparato em pleno chão. Levantou-se enorme algazarra e as brincadeiras logo recomeçaram. E assim o asilo se foi salvando do tempo, até o peso escuro da noite baixar as pálpebras dos asilentos.

Então, por entre destroços de brinquedos e latas vazias, os velhos se arrastaram para seus ninhos sujos e bolorosos. O próprio director ajudou um dos inválidos, empurrando a sua cadeira de rodas. O idoso paralítico estranhou aquela ajuda de tão cimeira individualidade. Nunca sua cadeirinha tivera tanta honra. E, virando-se todo para trás, agarrou as mãos do director e suplicou:

— *Senhor director, não será que podemos ter mais Natais, muitas vezes cada ano?*

Pingo e vírgula

Os deuses pilavam as nuvens cinzeas e a água se amendoinhava, grão a gota. Depois, se despenhava, desamparada. Agua a sul, águia azul. E a terra, aos seus primeiros toques, soltava seu feminino perfume. Mas o namoro é breve. A água é amante incerta e vagueia sua eterna indecisão entre duas residências: o chão e o céu.

Tímidos dedos roçam a vidraça. É a chuvinha, tão leve, tão menina que só pode tombar por lapso do céu. Parto prematuro da nuvem, a chuva não cria poça, nem deixa descendência. Extingue-se, sorvida sem vestígio. E a areia nem se mexe. O aguaceiro foi só cócega na imensa pele do mundo.

Chuvisco é isco da chuva? Enquanto se espera resposta, vale a pena resguardar a pergunta. O chuvisco, adolescente atrevido, molha tudo sem respeito. Ao tempo que vai lençolando as poeiras, o chuvisco abraça a terra mais terna até lhe requebrar a cintura e a fazer barro e matope. E aqui se dividem os nomes: matope é o lodo do mato, capim é a relva que mora fora do nosso jardim. É bom estar perto dos homens para deles receber os nomes mais valiosos.

Às vezes é um rio de pé, verticaindo. Gotas gordas aprisionam os homens e os bichos nos seus abrigos. Até os pássaros vão peixando, humiudinhos. Parecem velhinhos, encarquilhados sobre a bengala de um ramo. E a criança olhando, aflita, o estremecer das aves pergunta: mãe, os pássaros não se constipam?

O cacimbo é a chuva mais preguiçosa. Dependurado nos ares, demora-se tanto que já não se sabe se cai, se vai subindo.

A gota de orvalho sobre a folha se demora, como carícia em corpo de mulher. Escorre vagarinhosa pela nervura do centro. E no dançar da brisa não se conhece quem estremexe, se a folha se a gota.

No vidro da manhã, o Sol com a sua morna toalha de luz vem limpar a água gotejada. As horas transparecem, novíssimas. E os minutos, escovados pelo dia, são tão cristalinos, tão diamantes que os homens deixaram de os ver.

Quem disse que a luz era só uma, sempre a mesma? Qual a primeira ausência que sentimos, longe da nossa terra? A Pátria, merece dizer, constrói suas imensas fronteiras destas ínfimas gotas, água e luz, os primeiros materiais do mundo.

Pela gravata morre o tímido

De tanto esperar o amor, ele acabou por amar a espera. Era Horácio, de olhos inodoros, vida acanhada e sonhos aguados. Tímido e desencorpado, ele era um subexistente. Os outros arrumavam-se com as namoradas, exercendo-se. Horácio não, solteirava em estado de deserto sensual.

— *Às vezes tenho-me pena* — suspirava.

Os amigos escutavam-lhe a solidão, compaixonados. Havia que ajudar Horácio a sair de si, desentocar-se. Procuraram uma miúda que aceitasse dar despacho aos suspiros do solitário. Não existia nenhuma. Horácio, diziam elas, é caril sem tempero, carente de vivência. Os amigos não tinham coração a medir: continuaram, indagando toda a garotaria disponível. Nenhuma acolhia a ideia. Até que se lembraram de Marta, a gorducha do bairro. Ela aceitou.

Nessa mesma noite, iriam os dois ao baile no clube ferroviário. No fundo, também ela sofria de solidão. A alma dela corria o risco das ilhas distantes que, para serem vistas, carecem de muita viagem.

A gorda vestiu-se do melhor: foi ao fundo do armário e ajeitou os veludos sobre o imenso corpo. Eram tantas as carnes e tão sobradas do corpo que o vestido parecia curto, perigosamente ínfimo.

A menina carnosa olhou-se ao espelho e quase desistiu. A imagem dela excedia o reflexo. Quis ir à balança mas teve medo. Só uma perna chegaria para desmanchar o ponteiro. Sufocada em sua própria redondez, desatou a soluçar. E quando se esperava que gordas lágrimas escorressem, finalmente, se viu descender lagriminhas estreitas, em pranto quase de passarinho. Marta quis reagir mas aquela era uma tristeza talentosa: ela ficou, sentada no assento das horas.

No outro canto da cidade, Horácio tentava entender os abismos da vida. A ideia de ir ao baile lhe aterrorizava.

— *Mas fazer o quê?*

Os outros empurravam-no para fora do medo. Ora, você vai, estão lá as miúdas. O pobre Horácio estremecia só de pensar. As miúdas! Queria

explicar os seus temores, dizer que tudo em si permanecia internamente. Era como um prisioneiro que, de tanto cativo, acabara receando a liberdade.

— *Não sei mexer com miúdas.*

Os outros riram-se e forçaram-no a que se vestisse. Horácio era só corpo, desprovido de vontade. Meteram-lhe uma gravata vermelha, ordenando que a usasse assim, sem casaco. Foram pondo ornamentos: óculos escuros, cinto prateado, gola alevantada. Explicaram-lhe alguns trejeitos, tiques e gestos próprios de quem quer acabar a noite em dupla horizontal.

Horácio enfrentou-se ao espelho, nem se reconheceu. Tossiu para ver se o espelho lhe devolvia a aflição. Os amigos ironizaram, divertidos com o novo Horácio, parecia um mascarado fora da época.

— *São horas, Horácio. Agora, passa a buscar a Marta.*

Ele ainda ensaiou barafustar. Quem sabe se ela não está disposta, não será que é demasiado cedo? Mas foi indo, os outros atrás, assegurando-se que o tipo não escapava no virar da esquina.

Foi subindo as escadas do prédio de Marta. Em cada andar se livrava de um enfeite. No primeiro, tirou os óculos. No segundo, retirou o cinto. No terceiro, ajeitou o cabelo e baixou a gola. Só depois de ter tocado a campainha deu conta da gravata, essa tira de mau gosto que lhe pesava toneladas. Mas não dava tempo de a tirar, já alguém abria a porta. Era Marta, espreitando uma entrefresta. Horácio, por aquela nesga, só vislumbrava uma fatia da gorda.

— *Sou Horácio, venho buscá-la para a festa.*

Marta respondeu que ainda não se aprontara. Pela abertura examinava o candidato, atenta ao detalhe dele.

— *Como disse que se chama?*

— *Sou o Horácio.*

— *Tem uma gravata muito bonita, Horácio.*

Ele entrou e esperou na sala enquanto ela, no quarto, terminava a enfeitação. Esperou, esperou, esperou. Foi nesse enquanto que começou de escutar um soluço: no compartimento ao lado, alguém chorava. Era um pranto que vinha das profunduras, uma tristeza que atravessava galerias até

desabrochar em lágrimas. Horácio empurrou ao de leve a porta do quarto e chamou:

— *Marta!*

Do outro lado, o silêncio. Ele insistiu e foi entrando mais um pouco. Foi então que uma mãozinha gorda lhe agarrou na gravata e, de um puxão vigoroso, o atirou para cima da cama. Horácio não viu nem ouviu: apenas sentiu um planeta deitando-se sobre seu corpo desprevenido.

Quem visita o casal, hoje, nota na parede da sala o mais estranho quadro: enquadrada em moldura dou rada, uma gravata vermelha. E ainda agora, tantos anos passados, nos dias de humidade, Horácio se queixa de dores no pescoço, resultado da sua primeira aterrisagem, torcicolado, nos domínios amorosos.

A prenda do viajante

Eu estava cheio de um desses cansaços que nos pesam mais que o corpo. Cansado de ter raça, cansado de ter nome. Estava cansado de ser. Era uma fadiga do universo e dos aléns. Que repouso concederemo-nos nestas alturas senão darmos feriado à existência? E era o que eu estava a dar seguimento naquele dia, fugindo-me do mundo, dando pausa ao pensamento.

A manhã estava entempestada, cinzanolenta. Os coqueiros, com seus altos pescoços, pagavam o preço da vaidade. Mas o cais lá estava, deitado em sua pedra eterníssima. O que surpreende num cais é a tranquilidade imperturbável. Pode ser o mundo a flutuar, ondeandante: o cais é sempre sereno, como um patriarca da paisagem.

O constante milícia está no posto. Entrego-lhe os documentos. Ele mede o meu nome com mais demora que cuidados. Ali estava um miliciano exercendo a vigilância, inspeccionando cada milímetro dos meus documentos. O milícia é proprietário do tempo, resta-nos a propriedade da paciência.

O barco esperava-nos. O marinheiro pousou a sua velha mão sobre o leme e espreitou o marizote. A mão era de camponês: nela a terra escrevera o seu desenho. O cigarro pendia-lhe do sublabio. Era uma beata estacionada que ele deixava queimar até à última palha. O marinheiro usou da saliva para desacender o cigarrito.

Avaliou o tempo e abanou a cabeça.

— *Ahoje vamos ziguezaguear!*

Os passageiros encolheram-se. Descontaram na respiração, a hesitação se instalou:

— *É mais se calhar é melhor não irmos.*

A gente indecidia-se. O mar estava indisposto, em maré do babalaze[17]. Com tanta onda até os peixes enjoavam. Um viajante, de juízo mais idoso, aconselhou:

— *É melhor irmos do modo como assim. Estou-vos a dizer.*

O marinheiro cuspiu uma réstia de fumo e hipoteseou:

— *Talvez há-de haver mais outro barco.*

Não foi considerado. Nos dias de hoje poucos acreditam no talvez. Por isso, todos se meteram na embarcação, empurrados entre bagagens e os cabritos que levavam.

O barco implementou-se. Mas as ondas não sossegavam. O mar parecia querer trincar a barriga do barquinho. Mesmo os cabritos, apetrechados de duplas patas, não apanhavam equilíbrio. Os cascos marrabentavam[18] no convés, pisando o passagentio.

Após muita vaga, eis que um homem me aborda, de conversa delicada. Enquanto se apresenta não tira os olhos do cantil que levo a tiracolo. Quando a confiança vai mais adiantada, ele me pede para mexer no cantil.

— *Isso está à venda, lá na Nação?*

Chegados ao destino e eu já tinha oferecido o cobiçado objecto ao meu companheiro de viagem. Ele transporta-o como um tesouro maior, alevantado num contentamento que quase me causa mágoa. Como pode ser tanto uma tão mínima coisa? E eu já desfechava o episódio quando, ao seguir por um carreiro arenoso, deparei com o mesmo homem sentado num tronco. Esperava-me, ali no meio da ilha, cheio de gravidade. Levantou-se e estendeu-me uma corda, dizendo:

— *Quero dar-te esta uma coisa.*

E antes que eu avançasse um senão, o homem desapareceu-se pelo mato. Fiquei com a corda na mão, sem saber o que havia no fim dela. Fui puxando com lenta curiosidade. Foi então: um esticão se enruidou e, diante do meu espanto, surge um cabrito. Ficámos assim mais ou menos um instante, eu e o bicho medindo nossas surpresas. Quando tentei conduzir o animal ele devolveu-me a sua competente teimosia. Parecia divertir-se com o meu despastoreio. Mas, ao invés da irritação, emergiu-me da alma uma incontível risada. O cabrito, intrigado com meu barulho, empinou-se até ao limite da corda. Aproximei-me do bicho, acariciei o seu dorso, na vã esperança que ele entendesse um humano gesto. O animal pareceu compreender e se amansou.

Sentámos ambos, na sombra de um enquanto. Nessa dolência, falando não sei se com o cabrito se comigo mesmo, agradei o repouso que o estranho

encontro me trazia. Começava, assim, o sossego que procurava ao sair de mim, na despedida da cidade urbana.

As medalhas trocadas

Transcrevo agora uns capítulos da vida de Zeca Tomé, homem de mais acaso que destino. Estava ele no embalo da sua inocência quando chegou a notícia: por feitos de bravura ia ser condecorado. Zeca riu-se: eu? Sim, ele próprioíssimo. Medalhado no Dia da Raça. Zeca desdenhou. Ele, sempre esquecido, por que motivo seria agora maisprezado? Explicaram: é o senhor administrador que está-te chamar, precisa de você no tal dia, o exacto dez de Junho.

— *Vai dizer ao senhor diministrador que parece há urna confusão. Há outro Tomé aqui, a medalha deve ser para esse.*

O mensageiro declarou que o tempo era mais curto que a sua língua, razão que aquilo merecia as pressas. Fosse um ou outro Tomé, para o caso nem interessava. Ele mesmo que lhe acompanhasse à cidade, vestido das boas maneiras.

E foi assim que Zeca Tomé foi condecorado, em cerimónia de praça, raça e canhões. Quando subiu ao estrado seus joelhos tirilintavam. O major português continenciou e mandou que inchasse o peito. O Zeca ainda malbuciou:

— *Patrão, parece essa medalha é muito alta para a minha pessoa, há outro que merece mais...*

O militarusco lhe cortou a palavra: pois aqui está um exemplo da boa modéstia lusitana. E espetou-lhe a medalha. Contudo, a mão do major sofria de muita idade, os gestos nem acertavam com os dedos. A ordem honorífica, mesmo competindo a um outro, custou vários rasgões no único casaco de Zeca.

Os tempos sucederam-se, dobraram-se calendários. Zeca Tomé vivia com suas pazes, inquilino do sossego. Nem ele suspeitava quanto fio se enrolava nos dedos da tranquilidade. Naquela tarde, quando as coisas já entravam em suas penumbras, Zeca recebeu inesperada visita:

— *Sou eu o autêntico Tomé. Venho buscar a minha medalha.*

— *A medalha nem eu sei, irmão. Se para pagar a despesa de reparação do meu casaco tive de vender a medalha ao alfaiate! Trocaram-se azedas*

palavras, o outro desatou-se a espumar ameaças, manchando o nome dele e de toda a família. A cena chegou a aviar-se de factos, e o Zeca ainda recebeu umas doses avultadas. Mas para o vingador não era suficiente. Seguindo-se que foi ao administrador e se queixou do outro, abusador das sagradas insígnias da Pátria.

Zeca e o alfaiate desceram ao calabouço. Para infelicidade do primeiro, os dois foram ambos postos na mesma cela. Pois que o alfaiate, furiabundante, tirou-lhe por repetidas vezes as medidas dos costados.

O tempo rodopiou, esbanjando os dias. Já a Independência tinha subido aos mastros e o País se registara com nome próprio. Em seu novo canto, o Zeca gozava agora de bastas honrarias. Ele ascendera a herói da luta contra o colonialismo. Seus anos de cela, ainda que breves, rendiam agora juros. Zeca recebia os tributos: graças, cargos, cartões. Estava dispensado de ser cidadão, sofrer as vulgares dificuldades. Bastava-lhe o pedestal daquela lembrança equivocada.

Novembro distribuía as primeiras chuvas quando a delegação chegou. Era uma dessas, dos países socialistas, aliados naturais. Convocaram o Zeca Tomé.

— *Você, camarada Zeca, você também consta da lista.*

Na lista, a qual? A dos condecorados pelo Presidente Jivkov. *Mas, desculpem os camaradas, esse homem nunca me foi visto.* Explicaram, era o Tudor.

— *Quê, vão-me dar pilhas?*

— *Não, é por causa os mil e trezentos anos.*

— *Mas eu nem aos quarenta não cheguei,* contrargumentiu o Zeca, aflito com a vigente confusão. *Você nunca ouviu falar a Bulgária, terra onde se descobriram os iogurtes?*

— *Nunca, nunca. Conçateza é um mais velho que vocês procuram.*

Não quiseram saber mais. Era ordem das estruturas bastante superiores. No dia seguinte, o nosso homem lá estava, gravatado, em cerimónia internacionalista e proletária. Desta vez, porém, não lhe rasgaram a lapela.

E, de novo, o tempo se espraizou. Zeca continuava melhor, sem calamidade que lhe atrapalhasse. Certa vez, o alfaiate se apresentou com estranhas falagens. O assunto era confuso: um julgamento de corruptos. Não percebo, corruptos em Moçambique?

O alfaiate rectificou: a coisa ocorria longe, envolvendo o dito Jivkov, o tal que distribuía medalhas a milcentenários.

— *Você se desfaça dessa medalha, para evitar confusão.*

Era o conselho do alfaiate. *Atire a condecoração ao Chiveve, enquanto é tempo. Ou você pretende dar o salto imortal?*

— *Mas eu não tenho nada com esse estrangeiro.*

— *Você não entende de noticiário, vizinho. É que lá na Bulgária estão todos envergonhadíssimos com esse Tudor, parece ele era um açambarcador de iogurtes. Agora estão a tirar limpeza dos pratos, ainda vão dizer que você está comprometido.*

— *Mas como, eu que nunca sal do distrito?*

— *Não interessa, nunca ouviu falar de conflitos internacionais?*

O Zeca já sentia o azedo da mandioca. *O que acha que devo fazer, ó alfaiate?* Concordaram-se: ofereceriam a medalha ao outro Tomé, o tal que foi confusionado nos tempos. Os dois se riram, em gozo antecipado. Quando viessem fiscalizar as lapelas dos casacos, o Tomezito haveria de gaguejar tanto que haviam de pensar que falava búlgaro. E, consequência, seria levado para o paredão. Bem feito, quem lhe manda?

Fizessem ou não o combinado, uma coisa é certa: Zeca Tomé não esperou o desfecho do acaso. O distrito já lhe parecia pequeno, incapaz de lhe dar esconderijo perante as atribulações deste mundo. E, sem que houvesse testemunho, ele se retirou de sua terra natal, antes que o lugar comemorasse mil e trezentos anos.

Mezungos[19]

Mostro o sucedido, lavro as actas do que aconteceu em Inhaminga, ocorrência de que não se apurou o quando. Estava-se em festa, havia terminado o seminário onde se trocaram pertinências e eloquências. Sendo que o assunto era a autenticidade africana e as conclusões foram mais que as intervenções. A recepção, bem recheada, ia em popa. Dançava-se, bebia-se, dançava-se, comia-se. E dançava-se. Tudo no descorrimento das alegrias, sem mancha que não fosse a dos vinhos entornados.

Foi num eis: repente, entra no salão um homem descalço, farraposo, convenientemente bêbado. Era um tipo magro, a pele a roçar o tutano. Avançou em cambaleios, pernas e braços revezando, o homem caranguejava entre os convidados. Interromperam-se as alegrias, abriu-se uma roda à volta do intruso. Que fazia ali aquele borra-chinelos, simples gajo, conturbabado? Seria mais um calamitoso, pedinchorão? O aparecido então fez ouvir suas declarações. Falava em berros elevados, parecia que os outros ele vislumbrasse muito no longe.

— *Me chamo Carlito Jonas, aqui onde me estou ver.*

Mas a surpresa nem tinha começado: no entremeio de balidos e combalidos deu entrada no recinto um cabrito de pelagem de um lustro muito negro. Mas não era um usual qualquer caprino pois que envergava, bem aposta no pescoço, uma gravata de tons verdes.

— *Apresento Zequinha Buzi, meu afilhado.*

O espanto nem deixava mover a vontade de puxar maltrapilho dali, ele mais seu animal que não parava de mastigar a gravata. Os dignos convivas rolam as unhas ou arranhavam os dentes? Antes que alguém impusesse a disciplina da circunstância, o intruso declamou seguintes palavras: *os senhores me desculpem, faz favor. Os senhores são brancos e branco é dono e patrão, mandador da ordem. Eu, aqui onde me estou ver, sou um pobre preto, acostumado da sua raça.* Se interrompeu, ordenando o cabrito que parasse de roer a gravata, houvesse respeito ou seria que o brilhante salão se equiparava à palhota?

Desculpa, é esse bicho não usa cabeça, razão por causa de ser preto, também. É assim: cada um morre com aquilo que foi nascido, ninguém não muda as ordem de Deus. Exemplo: podíamos tirar os cornos a esse meu afilhado. Será que ele havia de deixar de gritar seus mééés? Pergunto, senhores, sem ofensa de ninguém.

A multidão se incomodava. Geravam-se burbúrios, despachos de quem concebia que a intromissão era já uma demasia, acabassem ali os paternalismos. Esse gajo, que ele quer? *Eu? Eu venho conseqüentemente buscar meu filho.* Filho nenhum dele poderia ali vingar. Confirmava-se o estado enevoado do personagem. Mandem-no embora, já chega! *Meu filho, eu sei que estás aí, no meio dos mezungos. Apanha seu juízo, venha para casa.*

Alguém se decidiu e puxou o braço do homem, afeito a lhe tirar dali por força e sem argumento. O intruso não resistiu, seu corpo se desfraldava ao sabor do empurrão. Simplesmente, ele cobriu a boca com a mão e se inclinou numa semelhança de vénia. Uma senhora avisou: *cuidado, ele vai vomitar!* Aconteceu o despejo. A roda dos assistentes se alargou às pressas, dando espaço à poça do desperdício.

O pobre homem, automencionado Carlito Jonas, se penava na contemplação dos sujos: *estão ver? vale a pena um homem sofrer da fome? Entra pouco, sai muito...* E prosseguia seus lamentos, controversátil, lá se foi minha matapa[20], esse prato nem ao cu me chegou, os senhores me desculpem, mezungo não entende o sofrimento de um negro, e pontapinava nas traseiras do cabrito, deixa quieta a gravata. O bicho nem se tinha em cima de si, os cascos escorregavam para lá e para lá. *Vocês não conhecem o dito? Diz assim: vomita cerveja, não faltam os parentes; vomita sangue, todos hão-de fugir de ti. Me entendem, os patrões?* Ninguém tossia. Até que alguém usou de mais compreensão e, passando o braço sobre as costas do intruso, adocicou uma explicação:

— *Nós somos negros, meu irmão. Somos pretos, como tu.*

Os olhos do intruso se arrelampejaram. Negros? E deitou a mão sobre a cara, tudo se afastou crendo que ele ia lançar nova vomitação. Contudo, o que saiu foi uma risada, uma gargalhada assente nos éés, parecia o cabrito se

exercendo ventríloquo. Expliquem-lhe na língua dele, sugeriu uma voz. Mas o homem, o dito Carlito Jonas, levantando o braço, franzindo os sobre-olhos, agravou a garganta: vocês são brancos disfarçados, mascarados com a minha raça, só estão a fazer pouco da gente, eu, aqui como me estou ver, não tenho medo com ninguém, não sou nenhum mijufas, vou queixar-vos, vamusembora Zequinha, vamos denunciar estas ocorrências.

A coisa tinha ultrapassado as razoáveis medidas, já nem se podia tolerar, motivo por que teria um braço saído na direcção do intruso, vai-te daqui seu mamparra[21] e chutos e murros e empurros. O larguíssimo casaco tombou daquele corpo sacudido. Homem e cabrito foram mandados para o anónimo escuro da noite, lugar de sua pertença antes e depois deste episódio.

Aos poucos a alegria se recompôs, a música tomou o fundo, os pares se refizeram. A festa já se recuperava, havendo um só senão: aquelas réstias do jantar do bêbado, raios descessem nele e mais em seu bicho cornudo.

Estava-se nesse compor de risos quando, de entre a multidão, um ilustre se ajoelha, de pano em uso e se apronta a limpar o vomitado. E logo, dos todos lados, reparos e consternações: *deixe isso, há empregados, então?*

Mas dali, do plano dos seus joelhos, o voluntário limpador se sussurra: me deixem. Depois, apanhou o casaco do intruso, os restos roídos da gravata e saiu, juntando-se às traseiras da noite.

A mancha

Caminhava para lá onde o espaço sobrava. Seguia por frios e cacimbos. De repente, entre a luz cega de neblina, ele avistou uma roupa. Um casaco de tropa, desses. Camuflado, como lhe chamam. Parou, desconfiado. Era um casaco sossegado na margem do caminho. Verde entre os verdes, quase não se distinguia.

Olhou em volta: só mato quieto, mundo. Passou pelo camuflado, com entressaltos, como se não o visse. Tinha os olhos de esquina, aquilo podia ser ratoeira. Finalmente se deteve, afiando os ouvidos. Voltou para trás, no inverso passo do caranguejo.

O casaco estava preso numa micaia. Ele puxou devagarmente, não queria rasgar. Mas o tecido era consequente, feito para o tempo. Seria de soldado? Ou fora bandido que deixara? Podia ser de cada ambos mas por que se soltara assim de um corpo respectivo, essa era a ruga por sobre os olhos. Ninguém encontra porção de farda assim, avulso nos matos.

Olhou-a: estava inteira, sem mancha. Cheirou: eram só perfumes que o capim transpira. Não havia odor pensante, aquele casaco parecia nem ter tido primeiro homem.

Ia começar a enfiar uma manga mas hesitou. Conversou com o frio do corpo, sentiu a arrepiagem e conclui-se, vestindo. Ali estava ele, agitando os ombros como se houvesse um espelho em frente. Encasacado de militar. As mangas sobravam-lhe. Ficavam as mãos arrumadas à moda de tartaruga.

Viu-se. Ele, agora, parecia um da guerra. E pensou: não seria que, por confusão da farda, lhe iam disparar? Com certeza, podia ser. No virar de um silêncio, espingardado, shtu-shtututu. Voltou a tirar metade do casaco. Mas parou-se em meio gesto: o frio apertava em volta. E ele sentiu aquele meio abraço quente da roupa, era uma força convidando a entrar no casaco. E revestiu-se.

Fez-se de novo pela distância. Os pés nus, sonolentos, escolhiam sozinhos o caminho. O mato tem medidas que só seus habitantes decifram. De quando em enquanto, ele parava e levava o medo ao pensamento. E se desse

encontro com os bandidos? Os perigos do mato ele sabia calcular, os da guerra não.

Num momento, parou, escasso. Parecia ter ouvido o barulho de um som. Estremeceu, com pressa de não estar no mundo. O estrondo que ele ouviu encheu toda a manhã. Já não era barulho de sombra, era luz que arrebatava, mais adiante. Depois, tudo se calou. Parecia que o mato, medroso, se agarrava ao chão. Agora, era só o silêncio, pé ante pé.

Ele ficou à espera de cair, despedido de si. Mas a morte não chegava. Nem sequer a dor que é vizinha da morte. O homem continuava de sangue inteiro. Até que, por voz do instinto, se resolveu: foi andando para os lados do rio. Por que é que a vida, em aflição, sempre procura a água?

Chegado à margem, ele se concedeu ao chão. Sentou-se e espreitou o corpo. Não havia nem marca, nem arranhão. Despiu-se para conferir seu estado completo. Quando estava sinceramente nu, ele se confirmou intacto, sem ferida nem risco. Admirou-se. Em tão porquê aquele estampido sacudindo os ares e anexos? Ou será que inventara de ouvir, por excesso de medo? Com certeza, fora. A bala voara só em sonhado pensamento.

Estendeu o casaco para se deitar por cima. Precisava descansar, voltar a residir-se. Mas quando se encostava ao chão viu no camuflado uma pequena mancha vermelha. Pequena, quase ínfima, parecia uma gota de sangue. Aproximou o casaco dos olhos para melhor se concluir. Era sangue recente, ainda molhado de vivo. Assustado, voltou a examinar o corpo. Olhou, palpou: nada, nadíssima. De onde saíra aquele sangue, pois então? E, de novo, se demorou a medir a nódoa vermelha no casaco. Aquela mancha crescia, aumentava como se estivesse recebendo de uma fonte rasgada. Primeiro, era um sangue minúsculo. Depois, a gota se foi desembrulhando, multicrescida. Agora, já cobria todas as costas do casaco.

Aflito, segurou a peça de roupa. Pingavam pesadas gotas e na areia se tracejavam. Levantou-se para lavar a farda no rio. Mas então se sentiu fraco, quase vazio. Caiu de joelhos e assim, como se estivesse de rezas, comparou-se com a roupa. O corpo estava todo, junto, sem fresta. Mas a roupa encharcava, até as mangas sanguinavam.

Foi perdendo o gesto. Caiu de boca na terra. A última coisa que sentiu foi como eram iguais seu hálito e o da terra.

Dias depois, lhe encontraram sólido, rasteiro. A gente perguntava-se: morrera como, se seu corpo estava intacto, sem golpe? E, no custo de crer, viram que ao lado se estendia um casaco militar. E lhe tocaram, sentindo que era novo e muito limpo. E que nenhuma mancha havia no camuflado, como fosse recém-recente, como se nunca tivesse graduado o corpo de ninguém.

O rio que bebeu o homem

Quando viram o cadáver boiando, todos se interrogaram: quem será esse que morreu?

Olharam, afiaram os olhos na distância. Nada, não dava para ver. O homem estava de bruços, como se espreitasse o fundo do rio. Era um corpo grande, parecia que a morte nele se encharcara. Dizem que os naufragos sempre crescem. Ou será que os mortos todos se movem do seu tamanho original?

Pela margem, a multidão seguia o afogado. Embrulhadas nas capulanas, as mulheres neblinavam parecendo só um cacimbo mais cheio. Os homens, consoante as vozes e os vultos, caminhavam na dianteira. Elas choravam, eles praguejavam. Mas todos obedeciam à mesma ardência: queriam saber quem era o falecido. Afinal, a regra deve ser respeitada: nenhum morto deve ficar inédito. Ao desabitar a vida, o moribundo deve publicar seu rosto e declarar seu estado irremediável. Só assim se reconhece a fronteira dos mundos.

A multidão desassosseitava. Decidiram de puxar o cadáver para a berma. Usaram um pau comprido. Mas o corpo só aceitava a vontade da corrente. Era pertença da água, nela fizera seu túmulo movente. E seguia, de deslocação morta, nesse solitário funeral. Ele falecia com dedicação: em cada minuto exercia sua morte.

Na borda do rio, os homens desesperavam. Lançaram uma rede, queriam pescá-lo. Esperavam que o corpo se entregasse, rendido às malhas. Depois, seria só tirá-lo e desembrulhar a sua identidade. Mas eis que ali se apresentou um outro espanto: os braços do morto subiram numa vaga súbita e arremessaram contra a rede. O rio não dispunha de onda que explicasse aquela repentina fúria. Mas a golpes certos, os braços se desfizeram das amarras e os pedaços de rede se apressaram rio abaixo. O morto defendia a sua irreverente solidão. Redemoinhou e retomou a viagem.

Um outro sentimento crescia agora na multidão. Aqueles homens já não temiam a embarcação anónima e sinistra. Estavam era ciumentos daquela morte que desfilava sereníssima, ao desgosto da corrente. E uma raiva foi

combustando na lenha da sua impaciência. Uns começaram de recitar insultos. As mulheres pararam: injuriar um morto? Chamaram por eles e lhes pediram respeito. Mas na labareda dos ânimos, já alguns apedrejavam o cadáver. Quando a primeira pedra certeirou-se no corpo, houve como um rasgão invisível no olhar de todos. De repente, o morto volteou-se e começou a transitar em sentido inverso ao das águas. Rumava a nascente, negando as leis que ordenam aos flutuosos a direcção da foz.

As mulheres fugiram. No fúnebre desfile, só restavam homens. O corpo foi prosseguindo rio acima. Até que chegou a um desses remansos onde as águas se atrasam, num passo quase felino. Ali era o princípio, naquela esteira límpida o rio se iniciava. Foi nesse ventre líquido que se assistiu ao que, de tanto assombro, me foge de vislembrar. O cadáver iniciou uma dança suave e se foi enroscando, dobrando-se no encontro do seu centro. Com arrepio na alma, viram que o morto se transfigurava em feto. As mãos entrecobriam o rosto, a cabeça se envolumava e os joelhos lhe vieram beijar as faces.

Então, as águas soltaram um gemido fundo, de lamento quase humano. No leito manso se foi abrindo um sulco estreito mas transfundo. O cadáver teve uma demora, à entrada da fenda, como se inspirasse uma última claridade. E, num embalo terno, como um lenço no soluço da despedida, foi-se afundando no ventre da nascente.

Um pilão no nono andar

Dá licenssss.

A voz empurrava o espaço para dentro, criava assunto.

O que se passa, ó vizinho?, perguntou o do nono. Se passa o problema de morar. Quando se mora, tudo fica perto.

Um prédio é uma casa só, inteira de única. Todos, no prédio, são noivos do mesmo espaço. Matrimoniados pelo mesmo habitar. Acredite, a vizinhança é um casamento. Veja lá: os quartos adormecem encostados uns aos outros. Os filhos dos vizinhos gritamos-lhes ralhando com os nossos. Nos cheiros provamos a comida alheia antes de ela ser servida lá, na respectiva casa. Somos os dois lados da parede, um e outro, não acha?

E porquê esta toda introdução, meu amigo?

É que é por causa disso, por causa dessa introdução, que eu estou aqui, vizinho.

Então veio a minha casa por causa de uma introdução?

Calma, eu explico: esse seu pilão, no nono andar, barulha até lá no chão. É um barulho: até doenta-nos os ouvidos. Tunc, tunc, tunc... É de mais, parece que estão a pilar a cabeça da gente. A nossa paciência, caro vizinho, está nos últimos grãos. Desculpa-me, mas eu tenho que lhe fazer esta autocrítica.

O homem do nono andar aceitou a queixa, razão dos incómodos sonoros. E explicou, apontando a menina: a pilosa é a minha sobrinha. Mas tem que ser, desculpe. A farinha toda moemos aqui em casa. Não pilamos por gosto.

Mas o queixoso não desarma e prossegue os seus argumentos. O vizinho, diz ele, tem o chão lá no pátio que é tanto e funciona tão bem, sem avaria. Aí no chão é o lugar próprio de pilagens. A sua sobrinha mais o pilão devem descer.

Sim, o outro, mas o vizinho inferior tem que pensar nas inconveniências sucedíveis. Outro dia, veja lá, o elevador avariou-se. A sobrinha, coitada, conseguiu de carregar o pilão. Não podia subir das escadas, ou acha? Claro que não, o pilão é um peso vertical. E ela deixou lá o pilão, deixou-lhe no tal em baixo que você está propor. Que aconteceu ainda por cima do resultado? Não sabe, nem chegou de ouvir? Pois, vizinho: roubaram o pilão.

Roubaram, todo de uma vez. E hoje o preço do pilão está mais que caríssimo. É um preço, vizinho.

Está certo, compreendeu o queixoso. Mas diga-me uma coisa: agora o elevador já funciona mais outra vez, já repararam. O vizinho ou a sobrinha podem viajar de pilão, do rés ao nono.

Com certeza, o outro respondeu, mas se estando no piso terrestre o levador se lesiona maistravez? Ou aqui há horário de avarias? Isso só nos países avançados, meu amigo. E depois, lá se desaparece outro pilão. Não, isso não, se faça-me um favor. Lhe encomendo uma pergunta, com a sua licença: o guarda-chuva nos guarda a nós ou â chuva?

O reclamante não entendeu a questão. Respondeu, expondo uma ideia: e se você guardasse o pilão na minha garagem? Lá tenho a minha carrinha nova mas ela não ocupa tudo, fica um espaçozinho, dá muito bem para o pilão.

E assim acordaram os dois, o vizinho e o outro. A sobrinha ficou com uma cópia da chave do cadeado e lá pilava no pátio, tunc, tunc, tunc, mas agora só a terra sofria e ela, a terra, nem queixava. A terra tem tanta paciência com os homens, nem uma mãe! Mas eis um dia: volta o reclamante, cara de azedos. O outro, o do nono, sem compreender: o que se passa, meu amigo? É o barulho? Mas já terminou, o pilão trabalha lá em baixo, conforme do nosso acordo au-diplomático.

O pilão não é, vizinho, mas agora tenho a minha carrinha nova toda riscada, essa sua sobrinha não tem nenhum cuidado, está tudo raspado, se fosse a um bate-chapa não vinha assim tão raspadinha. Se apanho essa sua sobrinha risco-lhe o focinho.

Calma, vizinhinho. Calma que isso se resolve, há sempre um meio. Somos parentes bastante geográficos, não somos? Vamos analisar a situação: o pilão, por acaso ninguém o roubou ultimamente, estou bastante satisfeito com o comportamento desse pilão. Agora, sobre da sua carrinha, vamos lá ver. Não será o senhor, caro vizinho, pode deixar a carrinha cá fora e a garagem fica só exclusivamente com serviço de guardar o pilão. Que tal, vizinho? Não me responde?

Entre a missa e as misses

De Eulália ficou Lalinha, tão pequena que era. A menina teimava em seu minimozito tamanho, parecia que a idade a evitava. Não fosse a obrigação da escola e nem se notava Lalinha, tão comportada que era.

Os pais apostaram nela toda a vaidade. Nem o vestidinho ela suja, parece brinca sempre longe do chão. Era a mãe, à saída da missa, propagandeando a alminha sem ruga da filha. Que se lembrem os pais, só uma vez lhe notaram um desejo desarrumado:

— *Quando for grande quero ser cooperante.*

Corrigiram-na, sugerindo outras vocações. Queriam-na cursada, diplomada, matrimoniada. Reze o provérbio: o céu não morre se a chuva não apodrecer lá em cima.

Entretanto, o corpo da menina actualizava os formatos. As ancas arriscavam nova e perigosa redondura. Os seios, bem espertos, pareciam em conversa constante com a blusa. Afinal, se a menina demorou em desabrochar é porque estava ocupada em apurar a mulher que nascia de si.

A mãe, em suas preces, não tinha outro assunto: que Deus protegesse a pureza de sua menina, tão cobiçada pelos olhos malandros da rapaziada. Mas fosse por deferimento divino ou por falta de ocasião, a verdade é que Lalinha não saía da linha, virada só nos estudos.

— *Não tenha pressa em namoricos, minha filha. Depois do curso tem todo o tempo.* pai acenava a cabeça, bem informado de quanto é escorregadio o piso da vida:

— *Cuidado, minha filha! O SIDA é o bandido armado dos namoros sexuais: uma emboscada e pronto...*

Mas a inflação de conselhos era injustificada: La-linha não oferecia matéria para preocupação disciplinar. De casa para a escola e viceversamente: a menina não tinha outro caminho. A não ser aos domingos, nas idas e saídas para a missa.

Até que um dia, o pai telefonou a avisar que ia chegar tarde, era preciso fechar as contas lá na empresa. Do outro lado do fio, a voz da mãe anunciou um grande sobressalto:

— *São essas horas e a Lalinha ainda não regressou.*

O marido, interiormente, estranhou. Mas não declarou perturbação. Vai ver que ela demorou-se a estudar em casa das colegas. E desligaram-se. pai tinha inventado a história do inventário. O que ele queria era ir ao tal concurso de misses, esse espectáculo que todos comentavam no serviço. Não foi sozinho: o director acompanhava-o. «Não é que eu concorde», dizia o director saltitando sobre os buracos do passeio. «Essas mulheres mostrando os talentos do corpo é como se fossem feira de gado», filosofava o chefe.

— *Nem sei como é que a nossa mulher ainda não reagiu.*

— *A nossa mulher?*

— *Sim, a mulher moçambicana, a mulher emancipada. Está a perceber?*

Ele percebia, apressando o passo para não chegar tarde. Entraram, sentaram, afinaram a vista. Mas o director não dava pausa: tudo isto é uma vergonha, um atentado contra a dignidade feminina, mas a gente tem que estar presente para poder criticar, está a perceber?

— *Essa sem rabo não é uma concorrente: é uma com o cu rente!*

Ele começou a pensar que seu lugar não era ali, aquele tipo de piada pertencia a gente de um outro mundo. Envergonhou-se da mentira que dera em casa. Decidiu então regressar, retirar-se do lugar e da culpa. Inventaria uma justificação para o director, ele que ficasse sozinho. Mas quando seus olhos se despediam do palco, uma visão lhe estilhaçou o coração:

— *Mas é ela, Santo Deus!*

Era Lalinha. Por muito que esfregasse as pálpebras, a imagem de sua filha se confirmava, requebrando as medidas ao sabor dos aplausos. O pobre pai, em estado de calamidade, empenhou-se em disfarçar: o director não podia notar seu sobressalto. Pelo canto do olho, espreitou o companheiro. Surpreendeu-lhe uma aflição tão grande como a sua.

— *Que se passa, senhor director?*

— *O que se passa? É aquela menina que está desfilar, aquela menina...*

— *Aquela menina, o quê?*

Debruçando a cabeça sobre o outro, o director explicava-se às metades, gaguejava semifrases. O barulho em volta ajudava a surdez do diálogo.

— *Mas, senhor director: não me diga que conhece aquela menina?*

— *Se conheço? O problema é esse mesmo. Conheço aquela miúda até de mais...*

— *A Lalinha?*

— *O quê? Não me diga que você também...*

E calaram-se, ambos, em silêncio de igual espanto. À volta, o público deliurrava, aplaudindo os congénitos ornamentos das candidatas.

— *Vou ter uma grande conversa com aquela menina.*

— *Desculpe, senhor director: quem vai falar com ela sou eu.*

— *Está bem, homem. Se calhar até você a conhece há mais tempo que eu.*

— *Com certeza absolutíssima!*

Já no regresso a casa, o director arrumou um sorriso malandro e, numa cotovelada cúmplice, atirou:

— *Você também me saiu um bom malandro. Francamente, não esperava isso de si. Eu, ainda vá lá. Mas você, com essa idade, quase podia ser pai dela.*

Parece que foi então que o pai da Lalinha desapareceu num desses buracos das ruas da capital em que a cidade se vai extinguindo, em memória de pouco cimento. Nos dois desaparecimentos, um mesmo cansaço: Maputo cansada de ser cidade e o pai cansado de ser gente.

O homem com um planeta dentro

Reporto um caso, o Mamudo, sentiu-se ele um dia. Era uma dorzinha, um lapso no corpo. Ou seria desencosto na alma? Ele nem deu as confianças. A vida é a maior gatuna, nos rouba até os motivos da tristeza. A quem nos queixaremos?

Mamudo, enfim-se. Nem ligava aos apelos das dores. Só numa posição ele se aguentava. Sentado, olhos fitando as pálpebras.

Os outros lhe chamavam, apontando os deveres. Sonhar é bom, Mamudo, mas não com os bolsos murchos. Ele que acordasse, conforme os socorros deste mundo. Porém, aquela sua versão era irremediável.

— *Sofro de doença de sonhar. Nem quero escutar nem ver, ocupado que estou-me.*

Levaram-lhe ao médico. Doutor, este homem não dá acordo. O especialista revistou as entranhas do queixado. Ao cabo de alguns pestanejos, falou:

— *O senhor tem um planeta dentro.*

Mamudo nem se admirou. Simples, só inquiriu:

— *E qual é esse planeta, doutor?*

O médico hesitou-se, duvidando. Suas artes não eram os astros.

— *Me parece a Terra, não tenho a certeza.*

O doutor se explicou: é que seu corpo não se excedendo, ele, em si, albergava milhões de seres.

Aquele cansaço dele provinha de carregar infinitas almas. Um familiar perguntou: por onde lhe havia entrado toda aquela matilha de almas? Pelo coração, só pode ser.

— *Agora, este homem está muito povoado, tem que se habituar ao tamanho da humanidade.*

O remédio nem eu sei, confessou. Vejam lá nos tradicionais, o que eles dizem. Os curandeiros já fomos, doutor. Só dão conselho de pagar, mais nada. E saíram todos, de mãos dadas com o doente.

Passaram-se os tempos e o Mamudo sem benefício. Parado, contemplava o mar com o vagar das ilhas. O tempo, para ele, era um navio que jamais

acostava. O que ele via? Só algumas vezes ele confessava quais as visões, tontices que ninguém não entendia: no céu da água estão peixes a voar! Os familiares abanavam a cabeça, mal resignados. Aquele homem quando é que voltaria a trocar as razoáveis falagens?

Foi quando por ali passou um velho conhecido pelo poder de seus espíritos. Vinha de longe, terras que nem são mencionadas. Chamaram o velho e lhe mostraram Mamudo. O velho se debruçou no caso, com grave silêncio. Mamudo desfez a sua nuvem:

— *Eu lhe conheço, velho.*

O velho baixou o rosto. Pegou nas mãos e apertou-lhas como se faz a um filho quando está de partida. Depois, o espiriteiro se levantou e pediu aos outros que lhe seguissem. Mamudo ficou no assento da sua ausência.

Este homem não tem regresso, sua viagem é bonita de mais. Foi assim que o velho declarou: só há uma maneira. E qual é, diga-nos.

É vocês olharem o dentro dele, procurando-se cada uns lá no meio da multidão. Vos faço ver, atentem-se.

E espreitaram o interior do mudo Mamudo, agora vertido em Mamundo.

— *Já se encontraram?*

Todos se haviam achado. Que faziam nesse universo? Sonhavam, parados, no mesmo que o actual Mamudo. E viram que lá nesse mundo interior só o Mamudo é que laborava as penas, surdeiro.

Afinal, concluiu o feiticeiro, o sonhador tinha os direitos. Pois se concebiam, agora, os cansaços com que ele chegava ao cimeiro plano da vida visível.

Retribuísem os amigos a subterrânea bondade do Mamudo e lhe favorecessem, neste outro tempo, toda a sua preciosa inutilidade.

Sangue da atriz no cinema da vida

Dois namorados dividem o mundo ao meio e cada metade é ainda o mundo todo. Assim estavam os dois apaixonados frente a frente, ensinando a vida a ser bonita. Via-se que ele estava cercado por ela, a beleza dela transbordava mesmo onde ela não estava.

Borboleteou dois dedos à volta da blusa dela: a menina foi saindo de sua roupa. Sobre seus pés, a blusa tombou como essas folhas que as árvores lacrimejam. Foi quando ele se sacudiu, baixando o rosto. Nos olhos dela dançava uma tentação, mas o coração dele pestanejava.

Olhou-a no alvoroço da nudez, agora com mais pensamento que sentimento: uma flor pode sair de suas pétalas? Essa pergunta lhe afligia. Afinal, desfeita a corola, o que resta da flor? Ela notou a ausência de seu rosto. Avaliou mal, crendo que seu amado ficara sem governo. Aquele desmaio em seu gesto só podia ser tontura do desejo, embriaguez de se tocarem. Disse-lhe:

— *Já descobri: sabes o que te faz ser tão magro?*

— *Não. É o quê?*

— *É falta de sorriso.*

Ela chegou-se até ficar junto à respiração dele. Agora, repartiam do mesmo suspiro. A menina ficou de cintura à espera. O abraço não veio. Desceu as pálpebras para que a luz daquele momento fosse só a que brotava de si mesmo. Mas o outro não se entregava. Então ela deu folga às pestanas e contemplou o namorado. Estava parado. Mais que parado: era uma estátua. O rapaz crepusculava.

Num murmúrio de búzio assustado, ele retocou o momento:

— *Veste a tua roupa.*

Ela se espantou: porquê aquela desistência súbita? Em silêncio consultava o amado procurando razões. De onde provinha aquela demissão no exacto momento em que se cumpria a promessa de um sonho tão professado? E como não encontrasse resposta, seus olhos se molharam.

— *Desculpa* — disse ele. — *Tu, assim tão nua, não sou nem capaz...*

— *Quer que apague a luz?*

— *Não, quero ver-te. Mas vestida.*

Com gesto sonâmbulo, ela foi recolhendo as roupas. Antes de as voltar a vestir, seus dedos a elas se dedicaram, alinhando-as, consolando-as. Como se pedisse desculpa.

Saíram os dois para a rua. Ele, mais à frente, de rosto em meia haste. Ela puxou decisão, avançou alguns passos e, a seu lado:

— *Olha, sabes fazemos o quê? Vamos ver outra vez o filme!*

— *Outra vez?*

— *Sim. Para vermos como que eles faziam, os dois namorados do cinema.*

Ele sorriu, embaraçado. Inventou argumento, desculpou-se. Mas o sorriso dela acabou vencendo. Iriam repetir as cenas, recapitular românticas visões. Fez as contas: será o dinheiro chega?

Foi então que o susto lhe estremeceu: meu Deus, a carteira? Apalpou os bolsos: nem sombra. Mas, onde?

Não podia ter desaparecido, ainda agora sentia o volume da carteira roçando-lhe o peito. Mesmo há pouco a sentiu quando ensaiavam o namoro. A suspeita se desenhou quase com fúria:

— *Ei, nada das brincadeiras: onde é que está a minha carteira?*

Ela teve o embate. Preveniu-se. Ele repetia a pergunta sem mais querer escutar. Ela desconhecia o tom da sua voz, aquela cena quase lhe fugia da realidade. Ia tentar a primeira desculpa quando a mão do namorado se fechou em pedra no seu rosto. Segunda e terceira bofetada. Ela começou de chorar. Mas, por dentro, a situação lhe foi aparecendo como sendo dos cinemas, igual à do filme em que a actriz caía de pintura escangalhada, esmurrada pelo herói. E aquela parecença lhe deu quase um contentamento, como se o pavimento sujo em que tombara fosse o macio do écran, a toalha luminosa onde ela se parecia com as estrelas.

No zoo-ilógico

Zoo, ainda aceito. Mas lógico, porquê? As mais das vezes é mesmo ilógico: os animais com ordem de prisão, detidos sem outra legalidade que não seja a prepotência de nossa espécie. O senhor duvida? Então venha por outros olhos visitar o parque.

Desta feita, daremos volta à passarada. Dá pena ver tanta pena subusada. Contudo, os cantares de encanto, os pios e os rodopios, as súbitas colorações, todas essas maravilhas permanecem, resistindo à jaula. Mar, ave, ilhas.

Primeiro, as aves de rapina. Estes majestosos caçadores não merecem tão pejorativa nomeação. No domínio das aves muitas correcções se necessitam, como haveremos de ver.

Comecemos pelo falcão: já viram os olhos, como são felinos? Certo seria chamar-se de falgato.

Já o mocho tem os olhos como as lojas antes do PRE[\[22\]](#): estão abertas mas não atendem ninguém.

Haverá uma estória de amor, feita de eterno desen contro, entre a ave nadadora, o pinguim, e o peixe-voador.

O macho da catatua: o catateu. Entre guerreiro e palhaço a catatua se assustou com o temor que quer infligir aos outros.

O tucano emitiu o bico em triplicado. Não está pousado num galho mas sobre um cano. Pelo nome se vê que trata o cano por tu, o tucano.

É preciso ter perna para pernoitar. Quem diz é a garça em suas pernaltitudes.

Rectifico o albatroz: alba, sim; atroz, nunca.

O maior da família, a avestruz. É uma ave que não exerce. As asas, desempregadas, quase estão murchas. Alguma coisa deve ter acontecido para Deus lhe tirar *o brevet*.

De raspão quase o morcego se empassarava. No escuro-fusco, o mamífero aviador se orienta só de ouvido. Desgraça do morcego, então, era ser morsurdo.

Há hierarquia nos nomes. Pássaro não é sinónimo completo de ave. Pássaro é menos que ave, estatuto menor da carreira alada. Da mesma maneira, pluma e pena não são sinónimos gémeos. A pluma é a pena de gala, o traje de cerimónia.

O galo: mais cavalheiro não conheço. Cisca e debica mas quase não come. Oferece o melhor às galinhas do seu harém. Exemplo para os homens que, ao comerem as galinhas, não deixam parte valiosa para as mulheres.

A mais volátil de todas as feras: a atmosfera. Ela é como o coração de certas mulheres: todos nela residem, ninguém lá mora.

O leitão pequeno: o leitinho.

O marisco, primeiro foi mar. Só depois foi isco. Como a amêijoia, no balanço da onda, amenjoada.

O macho da gazela? O gazele. A fêmea do elefante: a elafante.

Ficando nos paquidermes: não será que, de tão enormíssimos, eles em vez de digestão, têm trigestão?

A mais bela cá na área? A canária? Nas artes do chilreio, a maior: a chilrainha. E que dizer da ave que pia e logo se arrepende? É a ave dos arrepios. E ainda de passarada, se diz dos compromissos: antes comprometido que com o peru metido.

E, no fim da volta, mais além, enjaulado, o pelicano. Como ele está magro: é só pele e cano!

A visita findou suas horas. A tabuleta, no fecho da estória, rezava: proibido retirar comida aos animais. Um outro letreiro, virado para o interior das jaulas avisava a bicharada: «não provoque os homens, sua humanização está em curso».

A cidade e o zoo-ilógico: qual deles aprisiona o outro? Ao menos, se isentem de pagamento os bichos quando entenderem visitar os homens em suas urbaníssimas gaiolas, os altos prédios que tanto arranham os céus.

Animais, animenos

Na solidão da jaula os bichos se autrofiam. Que desanimaldade! Assim, arrisco: o homem é o antecessor de todos os animais. Ofendo? Que outro ser, portador de alma, é tão sem-respeitoso? Amanhã, em suas fábulas, os bichos narrarão: no tempo em que os homens sujavam o mundo. Passemos aos animais, antes que esgotem:

O polvo, multipérmico, em sua imóvel impaciência. Tentaculista, dono de suas serpentes, quem sabe ele pressente o polvilho da morte, o polvo em transição para o guisado?

Já as lulas, em seus líquidos voos, lembram suas aéreas parentes, as libélulas.

Quem não simpatiza com as gazelas é o Lopes. Pensa que são contra ele, os antílopes.

A avestruz mete a cabeça no deserto. Vá lá ela. Porque homens há que escolhem bem pior: meter o deserto dentro da cabeça.

O piolho, saltitando de contente, esbarra na fivela do cinto do hospedeiro. Do choque vazou-se-lhe a vista. Sem um olho, o piolho já só assina: pi.

Já o outro, bem higiênico: o pirilimpo.

E agora com o SIDA? Coitado do vampiro, viciado nas refeições sanguíneas. Que poderá o pobre quiróptero fazer? Qual a sua quiropção? Pedir o teste do HIV às vítimas? O melhor será, talvez, retirar-se. Vampirar-se.

Avultado nome leva o esquilo que, somado, não chega nem a um quarto de quilo. Recertificado seja seu título: fique o esgrama.

Ao inverso, o hipopótamo. Acertado seria: o hiperpótamo.

A rã que faz cópias? A rã que xerox!

Restem dúvidas, a cor do azul é a água. A um instante, me desvio, submarinheiro. Descubro as algas, algicas, nostálgicas em seus líquidos canteiros. Regam-se de terra, adubam-se de luz. Suas verdes guelras, os raminhos onde assobiam as ondâncias.

O cágado, na caixa de si, tartaenrugado. Corcunda-rilho, marcha a remo. O cágado é o único que morre já em construído mausoléu.

O monstro infantil

(Declaração de amor ao *Loxodonta africana*)

O elefante: sendo o maior é o que menos cresceu. Seu corpo se fez de enormidades, sua alma restou na meninice. Daí que seu tão-manho se suavize em redondura, todo ele uma rechonchudice. Nesse corpanzil que alma outra se poderia formar senão uma afeiçoada em bola, aos saltitos de brincar?

Preço da sua tridimensão: ele se despende em refeição. O tempo não lhe chega para o estômago. Mais barriga que olhos, o elefante, em verde verdade, é um herbivoraz.

Toda a paisagem, em sua apressada indolência, se converte em pastagem. Percorrer distâncias tão quilométricas não é, para ele, um fardo. O ditado bem o diz: o elefante nem sente o próprio peso. Pois seus modos são os de um comediante tímido, desses que só se exibem quando não há espectador. O elefante é uma bailarina que engordou, um malabarista traído pelas hormonas.

Vendo seu grácil bambolinar, nos fica esse espanto: como o movimento pode anular o corpo. Seu desenjeitado manear: imitará ele o cintilar da borboleta? Ou festeja a exclusiva felicidade de atingir extensas idades sem nunca ficar adulto?

Seus pés de menino se redondam, fofos. Tanto corpo se pode sustentar em tais pezinhos de lã? Sem a elegância do tornozelo, o redondo pé do paquiderme não passa de simples rodapé.

Sua vaidade se mostra de difícil execução. Vejamos, parte por parte. Primeiro, ele sempre anda de tromba. Estivesse constipado e teria que se assoar com o próprio nariz.

Depois, a orelha. Se dos mamíferos se diz terem pavilhão da orelha que dizer do elefante? Que tem estádios da orelha?

E os dentes? Nem vale a pena. Se pela boca morre o peixe, o elefante está pagando a existência pelo marfim. Seu futuro virou assunto transcendente.

A fechar a lista: sua ignorância do que é ridículo. Pois para encobrir as rugas o coitado faz maquilhagem de lama, seu pó-sem-arroz.

A humana desumanidade o leve à extinção: dele ficará o registo, nossa memória de elefante. De tudo se verá, quando o último se apagar: este animal estava inocente, seu coração se suprimiu distraído. Tivesse ele usado todo seu peso contra o lucro de sua morte. Tivéssemos aprendido quanto nos bichamos, nós, mais selvagens. E quanto o mundo se vai tornando mendigo. Porque o elefanticínio, ao extirpar tão doce menino, se converteu em nosso vergonhoso infanticídio.

O secreto namoro de Deolinda

Encontrei o marxista não-praticante. Ponha-lhe aspas, quem quiser. Por respeito do marxismo, eu lhe denomino de marxistianista. Pois, o homem. Cara gatafunhada, parecia ter tomado bicarbonato de ódio. E era comigo, motivo das minhas crónicas. Quem faz uma crónica acrescenta uma tónica, isso ele sabia. Contudo, eu precisava ser mais directo, de escrita bem pontiaguda.

O mundo, adiantava ele, é um assunto gravíssimo, não tolerando ambivalentias. E sentenciava: há que ser mais contundente. Expliquei-me, eu que de contundentição nem tenho escola. Mas ele, militante, mil e tanto. Ou já eu não alvejara o inimigo de classe, a interna burguesia? Ou considerava eu que a luta de classes, sempre em fase aguda, era uma questão decadente? Ora, decadente, não é a pessoa que tem dez dentes, perguntava eu. Mas ele, em fase de nervoso crescente, não autorizava brincadeira. O marxistianista se pronunciava sempre em maiúsculas. Que o capitalismo, o imperialismo, a África Austral. As suas ideias, de grandes formatos, abrangiam amplos futuros. Enquanto eu apenas me propunha ele decretava ora queixumes ora sentenças. Às duas por triz, eu me surpreendia: pode alguém estar apetrechado de tanta certeza? Parecia o sujeito já tinha lido toda a redacção de Moçambique, enquanto nós andamos num saltitar de olhos, lendo à moda de Mussagy Papá, nosso ilustre e empresariado contorcionista. A história de qualqueríssimo país é um texto de parágrafos salteados. Só o futuro os ordena, alisando as linhas, retocando as versões. E ainda, o marxistianista explicava tudo pela base material. Eu pergunto: só por ver alguém comer sandes, pode-se concluir que é um homem sandesfeito?

Mas aquele indivíduo não queria nenhuma resposta, não requeria nenhum diálogo. O que ele carecia era exportar suas angústias. Um ladrão de sossegos, era o que ele era. Ali estava, pois, um vivente solitário, com olhos cheios de páginas. Ele tinha contemplado a vida, sem gosto de vivências. E agora, o pobre defensor dos pobres necessitava de certeza onde se encostar. Ele desconhecia a alma da sua nação, despatriado, autogâmico. A política

dera-lhe um véu, em vez de uma ponte para atravessar as distâncias. Ele deixou de escutar Moçambique, seus muitos protagonistas.

Durante catorze anos, este homem não falou: apenas usou da palavra. Seu único cenário de existência foi a reunião. Não se deteve na rua, no caudal do passeio. Não repartiu bula-bulices[23] com a vizinhança. O povo, para ele, começa e acaba no empregado doméstico. O resto, são as massas. Assim mesmo, vagas e cacimbolentas. Nem ele sabe o concreto de um vivente, seu nome, sua história. Coitado do marxistianista, sem aperto de mão que lhe aqueça.

Então eu fui medindo a solidão daquele homem. Tanta sozinha fazia inveja até às ilhas. Para distrair tristezas eu lhe ofereci uma pequena estorinha, dessas que cabem no oco da mão. No princípio ele recusou. Estória? E rematava: eu só compatibilizo com História. Ingénua vaidade. Há muitos assim. Exemplo: um amigo beirense praticante de corrida acredita que é citado de cada vez que se fala no «Corredor da Beira». Enfim.

O que ele esperava era que eu me desatasse, vociferasse, em dispêndio de muita saliva e pouca ideia. Mas, ao custo de muitos vacilos, ele me escutou a estória abaixo mencionada.

Foi o caso de Deolinda, maneira como ela se devotou a Karl Marx. Que eu conheça, jamais alguém chegou ao marxismo pelo caminho dela. Senão, compare-se.

Deolinda, já pesando suficiente idade, foi mandada trabalhar. A família precisava que ela se exercesse como filha, em escasso mas precioso rendimento. A Deolinda arranhou emprego na fábrica, achava até graça às sirenes tocando ao entrar e despegar. O trabalho é que maçava. Os dedos descascam o caju ou é vice-versa?

Um dia, ela se apresentou em casa de crachá na lapela. Era desses alfinetes de propaganda, com a imagem de Karl Marx, sempre fotogénico, parece os anos nem lhe pesam. Já o pai, apontando a medalhinha:

— *Esse branco quem é?*

A Deolinda soergueu um ombro, a ignorância lhe encolhia o outro. Essa foto fui dada lá na fábrica. Nem ela chegou de acabar. Uma bofetada. Duas.

Duas e meia, que a última já levava um arrependimento.

— *Quem é esse cooperante?*

E o pai, sem receber explicação, já desenhava todo caso. Devia ser um desses estrangeiros, esses que transitaram de internacionalistas para cooperantes. O gajo anda-lhe a descaminhar, sacana, só por aceno dos dólares. O pai decretou, mais categórico que o nosso marxistianista: nunca mais quero ver o focinho desse gajo a farejar o teu sutiã.

Fosse por causa do peito ou do despeito, a menina levou o crachá para o caixote de cabeceira, ao lado de sua cama. Todas as noites, antes de adormecer, ela beijava as felpudinhas barbas do pensador. Tal clandestina devoção ficaria nos anais da doutrina proletária não fosse Deolinda, um desses dias, se ter lançado nos braços de um barbudo real, grisalhudo. Ainda por cima, a cena ocorreu-se em plena Avenida Vladimir Lênine. Vítima do beijo, soube-se mais tarde, foi um empresário estrangeiro, pronto a investir seus capitais em Moçambique. Ao que consta, o tal empresário não apresentou queixa. O que fez foi investir em provisórias negociatas e vestir a definitiva Deolinda.

E final da estória que já me doem as teclas. O meu interlocutor, tchopé-tchopé, pestanejou. Era aquilo, a fabulazinha? Não voltei com a palavra atrás Milho que entra no pilão só sai quando já virou farinha. Assim, no farelo espalhado, ele suspirou, parecendo desiludido. Mas depois, para ganho do meu dia, eu lhe entrevi um sorriso. O meu amigo se entendia? Ou talvez que a sua esperança, tal igual à nossa, ainda tivesse sobressalentes, dessas infindáveis peças de fabrico interior, apuradíssima manufatura da nossa alma nacional.

Ossos do ofício

Julinho, na sala de espera, aguardava a hora da visita. Seu primo Inacito, o *Mbava*, restava preso, acusado de polivalente roubaria. Clausura que demorava há muitas luas, caso se a lua fosse medida dos tempos, lá na prisão.

Na desconfortável cadeira, Julinho dava turno das nádegas enquanto olhava os outros esperantes, suas várias raças e idades. Todos, no diverso, partilhavam um mesmo sentimento: a vergonha. Rosto no chão, faces de imperceptível grafia. Os visitantes carregavam o peso da culpa. Todos, menos ele, Julinho. Ao contrário, ele quase saía do pescoço, de vaidade hasteada.

— *É meu primo Inácio que venho visitar. Malandro da primeira, esse meu primo.*

Lá no bairro, o mesmo orgulho se propagava. Inacito?! É um gajo que vale as penas, não é desses que é preso por engano, depois pedido desculpa e solto. Não. Nem o próprio se maricava, reclamando inocência. Tenho mais anos de prisão que da vida, se vangloriava. E a família toda lhe consagrava, em coro de inconsciência: neste mundo os que não prestam são os que mais servem. O pecado nos alumie, que justiça é coisa que já nada manda neste mundo. A prova? Um rouba a fatia e merece castigo; o outro rouba o bolo inteiro e é promovido.

E, agora, naquela salinha de espera, Julinho traçava a perna, retraçava o sorriso. Os outros visitantes levavam coisas, cestos, lembranças. Todos tinham qualquer donativo para aliviar a solitária carência do familiar detido. Todos levavam menos o Julinho. Pois em seu inédito caso se dava o inverso: o preso é que oferecia presentes ao visitante. Julinho trazia a lista dos pedidos, requisições das vastas famílias. Lá em casa precisamos disto, disto, disto. E o prisioneiro apontava na memória, despachando promessa: deixa comigo, para a semana desarasco. Seu dito, seu feito.

Quando tocava à saída, os outros visitantes olhavam Julinho de braços cheios, abrindo caminho aos «dá licenças». Espantavam-se? Nem tanto. Em

nossos dias, o lugar onde mais chove é por baixo do guarda-chuva.

Nessa tarde, porém, Julinho encontrou em seu primo as graves tristezas de um mero aprisionado. Ele que, ao mínimo rastilho, sempre dispensava gargalhada, estava agora de semblante grave.

— *Que se passa, ó primo?*

Destapou-se então a trágica novidade. Ele, Inácio Mbava, estava para ser solto, liberto, desencanado. Assim se relatou o roubador, de olhos em lágrimas, seguramente vítima de perseguição. Veja só uma coisa dessas, Julinho, ser dado alta, assim sem razão explicada.

— *Desconsigo acreditar.*

Mas a versão se confirmava: a liberdade incondicional estava à porta. Julinho protestava. O que teria feito Mbava para merecer semelhante soltura? Mas o primo jurava: só praticara maus comportamentos, agravos à pena original. E, desconsolado, abanava a cabeça — o que vale a gente implementar maudades?

Concordaram-se os dois: a família não podia nem suspeitar de tão desonrosa novidade. Para efeitos públicos, Inacito se mantinha gradeado. Entretanto, se encontraria maneira de prorrogar a prisão. E despediram-se.

No caminho, Julinho conduzia o carro que Inacito lhe oferecera, produto de competente desvio. Enquanto dirigia, ele pensava a vida do primo, o intitulado Inacito. Desde pequeno ele se vocacionara em patifarias, preferindo roubar leite a ser amamentado. E de gatunismo se procedeu a sua infância. Ele, em si, era uma quadrilha individual. Na escola, sua única aritmética era a subtração. Carteiras de aula decoravam as salas de visita de seus todos tios. E sucessivamente.

Nessa noite, Julinho conseguiu um plano. O primo, mal que fosse liberto, tinha que merecer nova prisão. Seu pé nem teria tempo de pisar a liberdade. De novo, seria encaixotado. O modo seria deixar que a vigilância popular lhe capturasse. Seria mais rápido. Afinal, sempre há mais povo que polícia.

No dia seguinte, Julinho anunciou o esquema ao primo. O outro: que sim, já mesmo ele dera à penumbra um gêmeo pensamento. Não se demorou em ideia o dito plano. Pois, já nesse fim de tarde, Julinho esperou o parente às portas da prisão. Inácio saiu de passo fúnebre. Julinho lhe consolou: calma,

o assalto já está planejado, aqui mesmo, a dois passos da prisão. E rapidamente, os dois se dedicaram a vistoso gamanço. Desses roubos cheios de exteriores, próprios para dar nas vistorias. Tudo às mostras, bem exibido: tudo na mão, tudo na manga. E logo se montou tremendo pandiabo, com o próprio assaltante ajudando na gritaria: agarrem-me, agarrem-me que sou o ladrão!

Os residentes se armaram de paus e saíram à estrada. De imediato, Inacito se lançou nos braços dos populares. Afinal, porém: começaram pancadas, mais que as da meia-noite. Inacito ainda suportou as primeiras: ossos do ofício, contra bofetada não há argumento. Mas vendo que a dose caminhava para o excesso de carga, começou a chamar pelo primo. Mas o dito nem concedia resposta. Onde andarás esse Julinho, me deixando à sombra de uma tempestade?

— *Chame a polícia, Julinho!*

Nada, nem primo, nem polícia. Só avalanche de porradas. Os residentes escolhiam fazer justiça por seus próprios paus. Senhores, escutem-me: entreguem o caso às devidas autoridades. Mas ninguém escutava o apelo do civilizado ladrão.

— *Julinho: corre na esquadra, depressa-te!*

Foi então que ele viu o primo, disfarçado de residente, de chamboco[24] na mão. Só fingia que batia? Questão que se colocou bem por cima de suas costas, no derradeiro vislumbre da noite.

Ainda hoje, no leito do hospital, Inacito desconfia do verdadeiro desempenho do primo, no tal caso. Até que, de novo, na hora da visita, Julinho comparece com a lista das encomendas.

— *Meu caro primo, lá em casa estão a pedir tudo isso.*

E dobrando-se a encontrar conforto, cuidando de não repisar os ossos que partira junto com o ofício, em gemências promete: arranja-se, primo, arranja-se.

O retro-camarada

No princípio, foi um desconfio. Começou quando Juvenaldo Bambo desatou a tratar a mulher por «camarada esposa». Margarida, a dita, riu-se. O marido brincava-lhe.

Ainda se riu quando o Juvenaldo convocou toda a família para a jornada de trabalho voluntário. Eram cinco da manhã, madrugada espessa de domingo. Os meninos mesmo assim encontraram graça, o papá é um gozão da primeira. Viraram costas e regressaram às respectivas camas. Já redormiam quando um insistente apito ecoou pelos quartos. Depois, soou um tambor, com estrondo de quartel. A família acorreu, em aflição, cuidando ter a guerra ali entrado.

— *Chegou a cultura moçambicana, camaradas!*

Aí, já começaram os protestos. Mas o Juvenaldo, categórico, ameaçava: se a família não estava na linha política, então ele faria uso de medidas muito administrativas. Foi assim que, num domingo matinal, a família Bambo saiu à rua a varrer buracos.

Passou-se. Os parentes aceitaram: o pai estava em estado passageiro. Deixassem-no. Contudo, uma dessas noites todos queriam assistir telenovela. Nasceu a zanga. O Juvenaldo Bambo estava de outras intenções: meus filhos, chegou a hora de fazermos vigilância. Uma onda de protestos. Mas o pai, autoridade bastante máxima, impôs a disciplina. Há estruturas, não há? Outra coisa que há são bofetadas, isso provou Juvenaldo na fachada familiar. E lá foram, marido, mulher e filhos cacimbando pelas ruas do bairro.

Consta que o Juvenaldo, mais tarde, foi surpreendido por um grupo de milícias, sem poder explicar o que fazia a tantas horas nocturnas. Nem ele, camarada Juvenaldo, é capaz de relatar o exacto sucedido. Porque se, em primeira versão, lhe parece que os milícias escoltavam um grupo de ladrões, já na versão seguinte os ladrões é que conduziam os milícias às competentes autoridades.

Um outro dia, nova missão: pintar no muro da casa as palavras de ordem. Só que, no caso, foram palavras de desordem. Porque as urbanas instâncias ordenaram que a original pintura fosse repostada. A cidade não podia destoar.

Foi um milando[25], o Juvenaldo invocava os direitos dos membros, citava os estatutos do militante. Margarida, a coitada, chamou as autoridades à margem e explicou o lamentável marido.

Mais gravidades se juntaram, entretanto. Pois o Juvenaldo se pôs a calcorrear situações, controlando passeios, montras, tendas, barracas. O que fazia? Combatia as candongas, açambarcamentos, corrupções, nepotismos. Espalhou críticas, recomendou reuniões e sessões de esclarecimento, ordenou prisões, campos de reeducação. Abaixo a exploração ou pensam que a Independência foi simples substituição de raça na equipa dos opressores? Era a voz peregrina do Juvenal, cruzando estradas.

Vendo a demasia do marido, dona Margarida consultou o psiquiatra. O diagnóstico foi definitivo: o Juvenaldo viajava no tempo, recuando para os anos transactos. A pobre esposa recebeu a notícia em lágrimas. O médico a consolou, estamos num país em metamorfose, disse. Não percebi, doutor, meta... o quê? Sim, camarada, desculpe, minha senhora: nas nossas condições, é vulgar um homem descer da cabeça, tropeçar no juízo. E o psiquiatra, no enlevo de suas próprias considerações, começou a abalançar estranhas perguntas. Por exemplo: se dependesse da Avícola, inquiria ele, alguma vez o Cristóvão Colombo teria descoberto o ovo em pé? Margarida decidiu sair, captando só o conselho da paciência.

De então, levava seu marido a passear pelas redondezas, a ver se ele se reconhecia. Num desses passeios, ele perdia os olhos na visão de uma enorme machamba. Ao fundo, um grupo de homens trabalhava à torreira do Sol. Juvenaldo ordenou à mulher que parasse a viatura. Logo ali começaram as imprecações. Malditos capitalistas! Obrigarem esta gente a transpirar toda a saúde. E antes que a mulher o pudesse deter, aproximou-se dos trabalhadores. Pediu que se juntassem em volta, queria declarar umas análises políticas. O Juvenaldo discursou por horas de tempo. De vez em quando, um dos trabalhadores esboçava uma interrupção: mas senhor... O Juvenaldo corrigia, de pronto: senhor, não. Camarada! O orador terminou em vivas e abaixos. Juvenaldo convidava ao coral: abaixo os patrões capitalistas! Mas ninguém gritou com ele. Insistiu. Nada. Tudo calado.

— *Como é? Estão com medo do vosso patrão?*

Então, um mais velho, em humilde dicção:

— *Gritar, como? Se agora o nosso patrão, o próprio dono dessa machamba, é o senhor, ou, desculpa, o camarada Juvenaldo...?*

O cabrito que venceu o Boeing

Ignorem, senhores, as testemunhas: nenhuma não houve. Este escrito saiu do nada, sem depoimento nem substância. Se alguma lei nele cabe é apenas a permissão do invento. O resto são rabiscos, rascunhos de fantasia. Aos nervosos, que buscam parecença por trás do espelho, eu prescrevo calma. Tudo aqui são personagens. Lendo no entrelinhado se verá que ninguém é parecido com os figurantes. E, no mais, só tropeça quem tem o pé. Entremos na estória que esperar só traz magreza.

De visita à província iam o responsável mais a delegação estrangeira. Iam espreitar, num pestanejo rápido, os públicos terrenos da miséria. Os delegados tiravam notas, chapavam fotografias, enchiam de sombras seus muitos relatórios. Que o mundo se resolve num projecto, basta o financiamento. Entrepouco, se vai dando o milagre de repartir a migalha por fomes de milhões. Pois, os visitantes. Saberiam eles distinguir os homens da poeira onde se vertiam? Ou pensariam que província se resume a subúrbio de país, lugar onde todo cidadão se converte em população?

No todo o tempo da visita, os estrangeiros viram o responsável bichanar instruções, gatafunhando segredos. Única palavra entendível: cabritos. Que seria, o homem interessava-se por gado caprino? Estaria preo cupado com o estado infralimentar daquela gente? Mas, se assim era, porquê tais clandestinos modos? Os visitantes já enchiam linhas com barrigudos pontos de interrogação. A verdade, porém, não se alcança por roer o mesmo osso. Muitos se desdentaram, conseguindo mais soluços que soluções. Só o tempo, com suas compridas paciências, nos transparece os mistérios. Em diante.

Na cerimónia de despedida, já no aeroporto, outras dúvidas enrugaram a razão dos estrangeiros. Porque o homem do protocolo, usando gravata tal igual o papel de 25 linhas usa a estampilha fiscal, parecia desmentir seu digníssimo porte. Numa trela ele segurava oito cabritos, despenteados e fedorentos. Os bichos mastigavam a infalível alcatifa, chegando mesmo a dentejar alguns relatórios.

— *Mas esses cabritos também vão embarcar?*

Os estrangeiros que não se preocupassem, os animais estavam vacinados, documentados. O protocolista espirrava, parecia o nariz lhe tinha caído em tropical depressão.

— *Alergia ao pêlo?*

— *Não, aos chifres.*

E os alienígenas mantinham a estranheza, vendo o funcionário em apuros, empurrando os caprissaltantes escada acima.

— *Mas eles vão connosco no avião?*

Sim, vantagem da liberdade. Agora, cabritos de todas as cores tinham acesso. Mas estes capríneos, de quem eles se encomendavam? Do chefe, sim, dele. Os estrangeiros, em singela anuência, interpretaram: o responsável exercia colectivas bondades, levava proteína para o centro social dos trabalhadores. E apontaram tal generosidade em seus relatórios.

Todos já em seus lugares, uns passageiros, outros passacheirosos. Os da companhia aérea eram três: uma tripulação. Mas desmerecessem o nome: não pulavam. E todos se apertaram, cintos no fecho. Os aviões são os seguros, inabaláveis meios? Então, por que razão nos recebem logo prevenindo das acidentáveis eventualidades? Credite-se a máxima desconfiança. A mesma que a gente ir ao dentista e ele, no prévio, nos instruir como andarmos de muletas.

Pois, a descolagem se demorava sem aparente motivo. A delegação já ouvia pela vintésima vez os preceitos de segurança, o comissário já tinha o nariz roxo de exemplificar a máscara. O homem, já de si feio, aparentava agora um comissáurio. Que se passa? O máximo dignitário se incomodava: o avião parado, o piloto perdeu a chave? Não, excelência, o protocolo quase pisava a gravata, prometendo desvendar o caso. E, aos espirros, desapareceu no corredor. Voltou segundos mais tarde, com a esclarecida resposta: pois que um desavisado cabrito tinha sido aspirado pela turbina, inibindo os mecanismos.

O responsável deixou as surdinas, promovendo imprevista gritaria. Pelas proferidas ameaças, os estrangeiros entenderam que a cabritada, afinal de contas, se destinava às mais privadas posses. E, ali mesmo, na berma da espera, recitificaram o relatório.

A culatra saiu pelo tiro

Pergunto: de onde saem todos essas pistolas que tanto balburdiam o nosso quotidiano? A gente abre o jornal e lê tiros, tiros, tiros. Não desses disparos da guerra, profissionais, semeadores de amplas mortes. Estes outros são tiros urbanos, de domésticas competências.

Recapistolemos: nos tempos saiu a ordem, bem clara. Arma de fogo deve ser entregue às autoridades. E as espingardas, com seus todos calibres, caminharam para mãos bem apontadas.

Mas, de há uns tempos para cá, começaram a aparecer armas por fora, em não previstas posses e para menos previstos usos. O que aconteceu? Entregaram a balística aos privados? Negativo. Libertou-se o uso de porte de arma? Negativo, também. Felizmente, permanece a interdição. Mas então, como se abastecem todos esses assaltantes, vingadores de adultérios, ajustadores de injustiças? Sem desejar ofensa, eu volto a perguntar: será que a interdição de uso de arma só abrange o cidadão honesto, o vivente de boa e límpida intenção?

O que vale é que, nestas e noutras matérias, eu me desisti de grandes sapiências. Não consisto nos que querem alinhar o mundo na recta da sua lógica. Pergunto só de inocente, aceito as contrárias vertentes da montanha. Vejo o que vejo, deixo o espreitar para a girafa. Depois, os frutos só caem é na cabeça de quem abana a árvore. Eu passo de lado, deixo o orvalho encher o meu poço, que a ambição me é rasteira e a paciência minha única conselheira.

Passo ao caso que o intróito vai longo e o quintal já é maior que a casa. Aconteceu na minha rua, onde espraio minhas privadas indolências. Sucedeu que o meu vizinho Sigaúque me chamou pela madrugada, usando de grosseiros pontapés na minha porta. Eu estava diminuindo o sono, quase esqueci os olhos no lençol. Quando vi quem era, me supreeendi: o Sigaúque é um desses raros coleccionadores de sossegos, existindo quase sem nenhum ruído. É o que admiro, sua alma bem oleada, girando sem fricção. Como se explicava então aquela pontapesaria na minha porta? Abri, estremundano.

— *Venha rápido: me assaltaram a casa!*

Então, era só isso? Assalto é coisa normal, mais desvalorizado que moeda no terceiro mundo. Enquanto nos dirigíamos a sua casa eu tentei animar o Sigaúque. Um roubo até engrandece um lar. Que estima pode merecer uma casa que nunca foi contemplada pela ladroagem? Ele que pusesse visão nos Cuambas, de casa bem arranjada, mas sempre chorosos por nunca serem eleitos pelos gatunos. «Já fizemos tudo para facilitar mas não há pé de cabrito que nos arrombe», era o constante lamento dos Cuambas.

Sigaúque seguia à frente, não me emprestando ouvidos. Passo decidido, abriu o portão do jardim, convidando-me.

— *Mas, apanharam o ladrão?* — perguntei.

O vizinho reservava resposta. Eu que entrasse e apreciasse. Foi o que eu fiz, curioso praticante. Na sala estava um homem, bem envergado, de aparência qua lificada. Levantou-se, cumprimentando-me com habilidade. O Sigaúque fez a apresentação, com alguns gaguejos:

— *Este é que é o... o ladrão.*

O homem corrigiu, com modos. Aquilo nem roubo era. Era uma apropriação redistributiva dos bens. pediu que nos sentássemos, isentos de cerimónias.

Sigaúque também foi convidado a fazer uso do seu sofá, não havia problema.

— *Que lhes posso servir?* — inquiriu o ladrão.

Eu recusei. O Sigaúque quase engoliu a garganta antes de encomendar um uísqui com muito, muito gelo. Iarápio hesitou antes de acertar no devido armário.

— *As bebidas estão ali* — apontou o expropriado dono da casa.

E ia guiando o intruso: os copos são aqueles, o gelo pode pôr numa dessas tigelas que estão nessa gaveta. Já servidos, se iniciou a conversa amolecida dos estranhos. O Iarápio quis saber se o meu vizinho tinha gravado o último episódio da telenovela. Que ele, com esta apropriação, perdera o filme à meada. Depois, falando para mim, se encantou de me ver na vizinhança, quem diria um escritor ao pé de sua nova casa. Então o Sigaúque, com voz de suplente, ainda tentou:

— *Desculpe, mas os documentos da casa? O contrato está em meu nome...*

O gatuno falou com extensas tranquilidades. Sigaúque que não se afligisse pois tudo se providenciaria sem lhe sobrar incómodo. Suas antigas propriedades seriam tratadas com merecido zelo, o novo ocupante mudaria as fechaduras, encomendaria grades à prova de arrombarias. O Sigaúque estava meio aparvalhado, com cara de mocho fazendo horas extras. Decidi intervir, em benefício da bondade. Que a pergunta me fosse perdoada: mas não seria justo o Sigaúque levar umas coisinhas de sua sentimental pertença? O homem sorriu, com amplo abrir de peito.

— *Boa ideia, caro vizinho. Ele que faça isso depressa que já não me preenche o sono.*

Eu e o Sigaúque, de passo tímido, fomos recolhendo umas réstias migalhentas, coisa de pouca valia. Isso não, isso não: era a voz do gatuno, recomendando parcimónia.

— *A televisão nem pensar! Que me custou muito para a conseguir.*

Então, aconteceu. O Sigaúque, de súbito e imprevisto arranque, agarrou no aparelho de vídeo e desatou a correr, feito um pilha-patos em flagrante saque. Saiu, porta fora, em velocidade jamais vista. Nós nos abeirámos do passeio, olhando a sua fuga. E antes que eu me pudesse realizar, já o assaltante desatava aos gritos de «pega ladrão!». E na rua se desenrolou a habitual correria, de perseguições e tiros aéreos. Sigaúque, entrando na escuridão, extinguia-se do mundo. E eu, em meu sono, desaparecia também.

Os anjos embriagados

Joca, no degrau da cantina, pisava promessa:

— *Deixo de beber depois de amanhã.*

A água passa mas o rio permanece. Como a vida e os viventes. E assim, adiava-se o amanhã ou o Joca se mantinha sempre na véspera? Resposta que há-de vir depois da estória.

Dessa vez, Joca regressava a casa. Embriagado, brigado consigo, tropeçava no poente. Mas à porta de casa uma surpresa lhe esperava: seu irmão mais velho, Aússe. Homem de um só rosto, desses que têm a bondade por profissão. Fizera-se sacristão, caso raro para um negro nesses tempos. Aússe sempre no caminho das almas, deitava evangelhos sobre o irmão, ovelha branca da família. Agora, vendo seus tropejos sobre o passeio, decidiu levar Joca para sua casa. Amolecido, este deixou-se levar. Foi, ficou. Vezes e revezes, escutou os sermões do irmão:

— *Há um anjo a guardar a alma de cada um de nós.*

Joca respondia que o anjo dele devia estar lá, na cervejaria.

— *O melhor é eu ir lá, ver se ele está bem.*

Mas Aússe não desistia. Converter o irmão à abstinência parecia ser o serviço que Deus mais lhe destinara. O Joca renitentava:

— *Nem vale a pena, mano. Você é bonzito, enquanto eu sou desses que, quando espreme a borbulha, rebenta a cara.*

— *Você reze, mano Joca. Deus lhe ajudará.*

Ele, em verdade, tentou. Algemava a sede até sentir um caranguejo comichando-lhe o céu-da-boca. Joca passou até a encomendar orações. Mas Deus é lento em enviar resposta. Será problema de Deus ou dos seus quadros médios?

Na demora, a bebida teimava em convocar Joca. Não é que ele abandonasse as rezas. Não. No intervalo dos copos, um padre-nosso. No intervalo das garrafas, uma ave-maria. Já os textos bíblicos se trocavam, o Joca se confundia, às tantas as palavras seguiam em relato futebolístico.

— *Mas, como é, você reza sentado?*

— *Parece, mano. Parece. Mas, se olhar bem, vês que estou ajoelhado. Só que viro os joelhos para cima, você repara-me lá.*

Como o milagre tardasse, Joca optou por conduzir o irmão à missa.

— *Não vou, Aússe. Já espirei lá, na igreja. É muito escuro, faz arder-me os olhos. Deixa, eu rezo em casa, orações domésticas...*

— *Mas você adormece logo.*

— *Rezar me dá sono, mano. Que culpa tenho?*

Entredecidiram-se: melhor seria mudar o horário de sua recente devoção. Joca devia transferir as orações para de manhã. E, meu dito, teu feito.

Pois, um domingo bastante matinal, Joca acedeu estrear-se em igreja. Foi primeira e última visita. Em meio do acto religioso, ele se dirigiu ao padre, interrompendo os sagrados silêncios:

— *Desculpe: aqui não se vende bebida?*

Foi assunto de muitos ós. Os devotos, revoltos. Os crentes, incrédulos. As beatas, com a alma em coma. O padre, em fúria, cálice tremendo nas mãos.

— *Desculpe, senhor padre. Mas é que eu vi o senhor se abastecendo agorinha mesmo.*

O padre não perdoou. Foram expulsos da casa do Senhor. Pior: Aússe foi demitido de sacristão. Desfeito, não suportou. Ele, tão no princípio da carreira do sacristianismo.

— *Eu era o único negro, aqui.*

Nos degraus da igreja, se lamentava, aos descaídos. Então, a mão de Joca lhe pousou, fraterna.

— *Vamos Aússe. Agora, sou eu que te levo a tomar as minhas hóstias.*

— *Não, Joca. Hoje eu não estou do meu tamanho.*

Insistiu o irmão, com terna autoridade. Aússe acabou por ceder. Seguiram os dois para a cantina. E lá se sentaram os quatro: os dois irmãos e os anjos respectivos, ombro na asa. Como o escuro ali crescesse, Joca sacou do bolso dois pés de vela. Acendeu dois lumezinhos, o irmão se espantando:

— *E onde encontrou velas, mano?*

— *Tirei na igreja. Não se preocupa, mano: fui rápido de mais, nem Deus notou...*

Aússe despachou a cara feia, em contas com a consciência. Mas, súbito, aviou uma gargalhada bem cheia. E copo a copo, deslizaram pelas horas, madrugando-se embriagados, todos os quatro.

A derradeira morte da estátua de Mouzinho

Até então Mouzinho cavalgava a praça. Um cavalo de pedra dera-lhe a altura das acácias. A seu lado, a catedral perdoava o excesso do gesto bélico. A espada ganhava assim um fingimento de justiça, a decepar a maldade rente ao chão.

Nesse dia, quando contemplei o monumento pareceu provir dele um suspiro triste como se Mouzinho nos confiasse um infinito cansaço de posar para o retrato do mito. Mas era tarde, não havia tempo para emendar nem lenda nem verdade. Dentro de instantes, iriam derrubar a estátua.

A meu lado está uma família de portugueses, confusa perante aquele percalço nas suas certezas.

— *Não me digas que vão mandar com aquilo tudo abaixo!*

Arrancam Mouzinho com violência, o cavalo cai desamparado.

— *Não é que mandaram mesmo, louvado seja*

— *Nosso Senhor Jesus Cristo!*

Dói a estátua ser pedra indefesa. Afinal, Mouzinho é apenas um nome, um herói contrafeito. As brutalidades da dominação excedem este solitário cavaleiro. Do militar fizeram lenda e era esse artifício que mais magoava. Esculpiram-no em nossos livros de escola para que ele reivindicasse a nossa admiração. Mas isso não foi nunca conseguido: ele estava extinto, incapaz de mover nossos sonhos.

Hoje, a multidão vibra ao tombar do monumento, embalada na ilusão de ser possível, de um só golpe, derrubar todo o sofrimento. Um dos portugueses puxa-me pelo braço, pede-me uma palavra de amparo. Mas eu não acedo à cumplicidade: a sua tristeza não é igual à minha. Sem esperança, tento um entendimento. Vejam: estes dias foram imensamente esperados. Nem que seja só por isso eles são belos. O resto seremos nós a descobrir sem que nos digam como devemos fazer.

Percebem que sou um estranho e respeitam a distância dos nossos sentimentos. Um deles pergunta:

— *Será que a vão transferir lá para o outro lado do mar?*

Mas o outro lado encolhe os ombros, não sabendo o que fazer com os mitos de antigamente. Já não há lugar para os ressuscitar. E um dos mais velhos, confessa:

— *Sabemos perder. Não saberemos partir.*

O velho não fala em nome de ninguém. É a sua alma que não consente mais rasgão. O seu amor, como o dos outros, está povoado de áfricas. Nelas todos seus sonhos se consumiram. Ele já não se pode mais inventar.

— *A estátua ainda é como o outro: um bocado de cimento e ajeita-se. Mas agora nós? Quem nos deita a mão?*

Os outros assentam, em silenciosa e unânime tristeza. Ninguém pode renascer depois de tudo isto, ninguém pode habitar outro lugar depois deste lugar. A estátua terminou a sua queda mas, por dentro daqueles olhos portugueses, cavalo e cavaleiro continuam a tombar, já sem arte nem aprumo. O país que tinham obrigara-os a viajar mas não os deixara nunca partir. Para onde quer que fossem levavam a sua terra. A saudade que tinham nascia de estarem longe de si mesmos.

Quando aqui chegaram traziam a dor de todas as despedidas, como se desembarcassem de suas próprias vidas. Toda a nova paisagem lhes doía porque era estranha mas eles amavam-na como se amassem outra, a que ficara na outra margem do mar.

Cajueiro: por que não dás flores brancas de amendoeira? E tu, acácia da mais rubra flor: por que não finges a arrojada seta do pinheiro?

Os sinos devolvem-me ao momento: há Mouzinho que morre, não posso desviar o olhar. Há um mundo que termina, um luto que não é meu mas que me ensombra o peito. Eu estou só, ninguém me pode ajudar a recompor dessa morte. Porque nenhuma morte nos é alheia, mesmo a do insuficiente inimigo.

E as estátuas que vierem depois, serão menos mortais? E se abolissem as estátuas todas, qualquer outra coisa mais viva nasceria? Mas não existe outro modo de abandonar o passado, de ensinar o cavalo e a pedra. Por isso, há que tombar Mouzinho, o da estátua. Talvez ele próprio o queira, cansado de cavalgar aquele postal tão gasto.

Quando lanço um derradeiro olhar sobre a praça, vejo um velho português a apanhar do chão uma pedra que saltara da estátua. Segurou-a entre as duas

mãos como se pretendesse reanimá-la. Depois, com um lento gesto de desânimo, arremessou-a de encontro ao chão. A pedra estilhaçou-se, convertida em poeira. Só então sucedeu a última e derradeira morte da estátua.

Sonhar de bicho

Era um lugar muito pegado ao chão, de endereço pequeno e quieto. Ali assisti aos inícios do mundo, a vida escrevendo-se em sua primeira mão. Nenhuma coisa acontecia e eu descia as costas da montanha, leve daquele ar só sonhado.

Os pássaros, que se confundem com as luzes do poente, piavam a segunda alvorada. Mas, num contra-repente, o silêncio se mostrou. Essa brusqueza me sobrepulou. Olhei em volta: o mundo não tinha nada para me explicar. Foi assim, aconteceu-se. Os meus passos já não eram de vir nem de ir. Meu andar era de água, na corrente do medo. Até então o mato se vegetara. Súbito, se abria uma clareira, vazia de verde. Ali morara uma aldeia. Qualquer coisa destruíra as casas, enxotara a vida. Ninguém, agora. A desgraça sucedera fazia pouco. Mas a morte não deixara recado de si, nem sangue, nem osso. Ou fora quase pouca ou a morte passou nuvem.

Eu estava precisando de sombra. Procurei folga do sol, por baixo da mafurreira. Olhei o cheiro do lugar e estremeci, piorado. Foi quando comecei de ouvir os latidos. Primeiro, um. Depois, vários tantos. Pareciam cães. Mas servindo-me melhor dos sons, eu percebi que não eram cães. Eram mabecos, cheios desses dentes deles. Ainda nenhum não tinha visto mas acertei que estavam vindo, avançando-se. Sem ordem, minha mão levantou a catana. Fiquei-me olhando: eu quase me aparentava, surgido da minha magreza. Assim, levantado naquele nada, eu só, por mim socorrido.

Os bichos cada vez ladravam mais perto. Eu, abreviado, me rendia quando vi saltar um homem coberto de peles. Ficou acorado no centro vago da aldeia. Não andava: pulava, gafanhotando. Trazia um pau de madeira na mão direita. Não me olhou, atento à ameaça. Escutava, exacto, como se fossem mensagens. Aprovava e negava com a cabeça, para lá, para cá. E foi com pasmo: o homem puxou a voz do seu pescoço. Verdade, não foi nenhum grito. Foi ladrar igual ao dos mabecos. Ouvi! Juro o que escrevo. Ainda hoje ouço que então desacreditei. Pois o homem, cachorrando-se, fez calar os bichos por trás do medo. Ficaram de silêncio, ordenadinhos. Então,

um por um, despiram seu aspecto, aparecendo em cada um a figura de pessoa. Eram gente, os bichos!

O aparecido me chegou-se perto. Escutei nos seus olhos aquele roncar que é a fervura das almas. Baixei, vagaroso, a catana. Ele desatou-se numa dança desajeitada, perdendo as humanas semelhanças. Ficou de costas se contorcendo. Quando se virou ele já transitara para animal. Uivando, se retirou para além do mato.

Os outros, se foram também.

Outra vez, eu conhecia o silêncio: enchia mais que mundo mas sobrava só em mim. Eu precisava sair daquele tempo. Até que encontrei um passo já pisado o meu pé se encostou na pegada já escrita por um alguém. Foi então que vi quanto eu carecia de lugar, pequeno que fosse, mas de gente falada e ouvida, como eu. E, em esforço igual ao da luz, fui saindo do fundo viscoso do meu sonho.

Escrevências desinventosas

Estava já eu predisposto a escrever mais uma crónica quando recebo a ordem: não se pode inventar palavra. Não sou homem de argumento e, por isso, me deixei. Siga-se o código e calendário das palavras, a gramatical e dicionarica língua. Mas ainda, a ordem era perguntosa: «já não há respeito pela língua-materna?»

Não é que eu tivesse intenção de inventar palavras. Até porque acho que palavra descobre-se, não se inventa. Mas a ordem me deixou desesfeliz. Primeiro: porquê meter a mão no assunto? Por acaso sou filho de língua, eu? Se nasci, mesmo inicialmente, foi de duplo serviço genético, obra inteira. Segundo: sou um homem obeditoso aos mandos. Resumo-me: sou um obeditado. Quando escrevo olho a frase como se ela estivesse de balalaica, respeitosa. É uma escrita disciplinada: levanta-se para tomar a palavra, no início das orações. Maiusculiza-se deferente. E, em cada pausa, se ajoelha nas vírgulas. Nunca ponho três pontos que é para não pecar de insinuência. Escrita assim, penteada e engomada, nem sexo tem. Agora acusar-me de inventeiro, isso é que não. Porque sei muito bem o perigo da imagináutica. Às duas por triz basta uma simples letra para alterar tudo. Um pequeno «d» muda o esperto em desperto. Um simples «f» vira o útil em fútil. E outros tantíssimos, infindáveis exemplos.

Afinal das contas, quem imagina é porque não se conforma com o real estado da realidade. E nós devemos estar para a realidade como o tijolo está para a parede: a linha certa, a aresta medida. Entijole-se o homem com tendência a imaginescências.

Voltando à língua fria: não será que o português não está já feito, completo, *made in* e tudo? Porquê esta mania de estrear caminhos, levantando poeira sem a devida direcção? Estrada civilizada é a que tem polícia, sirenes serenando os trânsitos. Caso senão, intransitam-se as vias, cada um conduzindo mais por desejo que por obediência.

Estraga-se a decência, o puro sangue do idioma. E porquê? Por causa dessas contribuições dispérsicas que chegam à língua sem atestado nem guia

de marcha. Devia exigir-se, à entrada da língua, um boletim de inspecção. E montavam-se postos de controlo, vigilanciosos.

Se forem criados tais postos eu mesmo me voluntario. Uma espécie de milícia da língua, com braçadeira, a mandar parar falantes e escreventes. A revistar-lhes o vocabulário, a inspeccionar-lhes o saco da gramática.

— *Vem de onde essa palavra?*

E mesmo antes da resposta, eu, arrogancioso:

— *Não pode passar. Deixa ficar tudo aqui no posto.*

Os queixosos, nas cartas dos leitores, reclamando. E eu, abusando dos abusos, rindo-me deles. Mas não me divertindo de alma inteira, não. Porque a vida é uma grande fábrica de imagineiros e há muita estrada para poucos postos vigilentos.

Mas, em escrevendo «deter gente» eu me lembro de «detergente». Sim, escrevo sério. Um produto que lavasse a língua de sujidades e impurezas. Pegava-se no idioma, lavava-se bem, desinfectava-se. Depois, para não apodrecer, guardava-se no gelo, frigorificado.

Porque isto de falar ou escrever tem de ser dentro das margens. Como um rio manso e leve, tão educado que não acorde poeiras do fundo. Um rio que passe com essa eterna transparência que, verdade autografada, só a morte possui. Seja então a pureza pela morte trazida e por ela conservada.

A morte nascida do guardador de estradas

(aos puristas da língua)

Era uma vez uma estrada e um homem que lhe guardava. A estrada se compridava como o tempo. O guardião dela se vigiava: o mínimo trilho espontava e ele o reconduzia ao devido nada. À margem da estrada nenhum carreirinho estava autorizado a nascer. Nem o guarda podia endormitar, tantos eram os atalhos com incorrigível mania de nascer.

Quem sabe da estrada não sabe do mundo. Por causa que a estrada é uma casa errante: no final dela, a gente conhece mais o dentro que o fora. Há que sair do caminho para se conhecer o destino.

Talvez por isso o guarda via-se a braços. Supondo, como o triste caracol, que ele é que defende a concha. Nem a estrada concebia o necessário daquela vigília. Ou fosse que o vigilante, mais que a estrada, a si mesmo se guardasse. E sucessivamente.

Acontece que o mundo é sempre grávido de imenso. E os homens, moradores de infinitos, não têm olhos a medir. Seus sonhos vão à frente de seus passos. Os homens nasceram para desobedecer aos mapas e desinventar bússolas. Sua vocação é a de desordenar paisagens. E o guarda, aflito, concluía: os viventes se apuram é como anarquitectos.

Ou será, se perguntava ele, que toda a paisagem é um arredor do homem? Sim, porque daqueles todos desvios nem se descortinava intenção. O fim da viagem é iniciar uma outra viagem? Que gosto é esse de, eternamente, trocar destino por partida?

Ai, a gente!, queixumava o defensor. Doentes por terem deuses, enfermos por os perderem. Afinal, tudo para eles é uma janela dando para a vida.

Mas se há estrada ela deve ser única, teimava o guarda. Cada vez ele mais se sentava no empenho. E mesmo dormindo ele prosseguia o seu mandato. Cumpra-se uma só via, anulem-se as poeiras que este mundo já está mais que completo, com atestado e registo. O trilhozinho é de serviço cheio, destinado a encurtar distância ou a embelezar as cercanias? Pouco importava, para ele.

Que toda a estrada foi outrora um carreiro descalço? Dessa verdade ele se abstinha.

O que ele não via era o seguinte: é que o pé, posto em viagem, anula a condição terrestre. Em troca, o chão se vai desnudando: na alma humana surgem as pegadas do planeta. Afinal, os carreiros, esses teimosos surgentes, não servem apenas para levar os viajantes. Eles próprios se movem junto com a travessia. Deste modo, os lugares se visitam entre si, recordando-se do tempo em que o universo estava todo no ventre de uma pequena gotinha.

Até uma noite. O guardião se revolvia nas insónias. Despertou com um ruído parecia vindo das vísceras da terra. Olhou no escuro e viu a estrada levantar-se do seu sítio e esvoar no espaço, igual uma ave gigantíssima. Ou fosse uma serpente alada, prateando-se nos céus. O guarda nem sabia sentir-se. A estrada se envolava, disparada no firmamento. O velho guarda se afligiu: como responderia ele por aquela ausência?

Quem acreditaria na sua versão, o súbito desaparecimento da eterna estrada?

Mais que a vista, esfregou o olhar. Estaria ele contaminado dos vadios desejos dos demais? Tentou acertar o pensamento, voltou a focar a realidade. Mas o Sol olhado de frente só traz escuridão. A dúvida, essa toupeira, penetrara o chão da sua alma. E ele, sentado sobre seu desespero, em descuidadoso abandono, soprou: quem me dera ser ave, eu também. Com a crença só de brincar, com essa fé a que chamam infantilidade, ele bateu os braços, feito um pássaro. E, sem espanto, levantou-se nos ares, em voo mais errante que a própria estrada.

África com kapa?

— *Escreve-se com kapa e dablíú!*

O brasileiro não entendeu.

— *Como?*

O meu amigo sorriu benevolente. Puxou a barriga para cima do cinto e dispôs-se a ajudar o funcionário da migração a preencher nossos papéis de entrada. Pegou na caneta e escreveu o nome, recheado de «k», «w» e «y».

O anfitrião brasileiro franziu o sobreolho. Remirou as fichas e, certamente, ressentiu-se de o terem corrigido. Ele tinha escrito o nome do meu compatriota, empregando as normas ortográficas da língua portuguesa. Usou as letras «c», «u» e «i» onde o meu amigo insistia em emendar para kapa, dablíú e ipsilon.

— *Não percebo por que escreve assim* — teimou o funcionário.

Temí que o meu companheiro de viagem puxasse de resposta arrogante. Mas ele praticou a sua gorda paciência.

— *Porque assim é que é a maneira africana de escrever.*

E antes que o recepcionista retomasse fôlego para mais pergunta, o moçambicano adiantou basta filosofia. Foi um discurso. Ali mesmo, entre malas e empurrões, pronunciou-se: era urgente romper com as imposições ortográficas da língua dos colonizadores. A revolução, exclamou ele, é para isso mesmo, para romper espartilhos. Uma dama que passava escutou a sentença e, desconfiada, apressou-se a sair dali. O meu compatriota continuava, inflamado.

— *Temos que assumir as nossas raízes africanas, respeitar as nossas tradições.*

Aqui o brasileiro conseguiu interromper.

— *Será que os kapas são mais africanos que o cês?*

Era uma pergunta, sim senhor. Afinal o brasileiro estava de espertezas. E discutiram-se os dois, divergentes. Eu não emiti opinião: não queria que se fizesse trivergência. Nem fica bem entrar num país com pé na controvérsia. Mas os dois prosseguiram a questão que se colocava. O brasileiro

despachava argumento atrás de argumento. Dizia que, para ele, se tratava de pura transferência das normas do português para as do inglês.

— *Você sai da sombra da mangueira para entrar na sombra do abacateiro, moço.*

O moçambicano ficou embaraçado, descontou no discurso a demora de um raciocínio à altura. Mas não contra-atacou directo. Preferiu uma incursão no flanco do adversário.

— *E sabe que mais, meu caro? Há muita revolução por aí que se distraiu na dignificação da personalidade.*

O brasileiro solicitou explicação. Então o Gorbatchov ainda não tinha rompido com o alfabeto de S. Cirilo? E Fidel de Castro, tão consequente em tudo, mantinha-se agarrado a padrões instituídos pela monarquia espanhola? E ambos se alfabatiam.

Atrás de nós já uma considerável bicha de pessoas se impacientava. Alguns comentavam: parece que é gente ligada a esse negócio do Acordo Ortográfico. Uma voz se ergueu nervosa:

— *E será que vão assinar o acordo aqui, no balcão do aeroporto?*

Os dois contendores resolveram adiar o despacho final da querela. O funcionário pegou então nos meus papéis e disse, levantando o rosto em desafio:

— *Pronto, também emendo o seu. Mas é só por esta vez, viu?*

E com gesto enérgico, riscou a ficha. No formulário, em letras garrafais, escreveu: MYA KOWTO.

Carta entreaberta do corrupto nacional

Desta vez, não cronicarei. Folgo-me, em dispensa de rabisco. Não haveria rubrica se não tivesse recebido uma carta, vinda de anónima identidade. A assinatura se resumia assim: um corrupto nacional. A carta, fui a ver, estava cheia de teor. Daí a ideia de a transcrever mesmo sem o permissão do desconhecido autor. Dois pontos:

«Caros,

«Supra-escrevo-me: sou um corrupto nacional. Dedico esta minha carta a todos que têm contribuído para a nossa normal desorganização, estado que muito me tem facilitado a obra e o recheio. Se hoje me promovi a dono é devido desses incógnitos. Bem hajam.

«Contudo, a verdadeira razão desta minha reactividade é uma lamentação. Desejo publicar esta minha tristeza, muito desiludida. Passo a expor o problema central, nem vale a pena trincar o fruto antes de tirar a casca: nós não estamos a valorizar devidamente a corrupção nacional. Um corrupto moçambicano dedica-se, esmera-se: nunca o seu valor é publicamente reconhecido. Seus feitos só são obra de menção vaga, boatável, mais fluida que cacimbo. Eu pergunto, caros senhores: então só a corrupção estrangeira é que me rece? Colunas e colunas nos jornais, com nomes, fotografias e destaques. Só a nossa indígena depravação é que é rebaixada. Lá fora, cambalachos e subornos valem escândalos, justificam primeiríssimas páginas. É só ver os jornalistas a investigar, coleccionando provas e argumentos. E os agentes policiais num rodopio, à caça de flagrantes. Demora o seu tempo, mas depois o assunto vem ao baile, com pompas e arraias. Vale a pena, nesses tais países, ser-se corrupto de médio alcance. Pois um desonesto se sente devidamente divulgado e apreciado. Agora, entre nós, não.

«Que complexo é este, meus irmãos? Que imagem estamos a dar nós ao mundo? Então só em Moçambique é que ninguém é apanhado com a mão na massa ou surpreendido com a boca na botija? O que pensarão, no estrangeiro? Certamente, que não dispomos nem de massa nem de botija. Ou pior: acreditarão que não passamos de manetas desbocados.

«Eu me adianto, com a devida requisição de desculpas: os moçambicanos tardam em arregaçar as mangas. Será sempre por falta de mangas, pergunto. Não. Se o caso fosse, se o motivo fosse, só indisposição de roupa, veríamos muitos a arregaçarem os braços. Será o quê, então? A verdade é que os nossos jornalistas só comentam as vigarices no seu aspecto geral, rosto largo e nuvemuloso. Enquanto nós merecemos um glossário, com registo de patente. Outros escrevem com linguagem maltrapilha, baixando o nível da temática. Será incapacidade? Não posso aceitar. Se há talentos para a corrupção, não haverá os mesmos talentos para a correspondente vacina? Há terapêutica menor que a doença? Piso e repito: nós, os depravados nacionais, merecemos uma reportagem integral com nossos autenticados nomes e comprovados números. Recusamos continuar misturados com os demais honestos, coitados, não é por falta de respeito. Mas assim, nesta mestiçagem de trigo e jóias, é que não pode ser.

«Resublinhando: os jornalistas fizeram o seu trabalho no Zimbabwe, nos Estados Unidos, onde e onde. Porque há que dividir tarefas: jornalistas fazem jornalismo, polícias fazem averiguações e corruptos fazem corrupção. Nada de mistura. Só assim se conseguiram fazer explodir essas escandaleiras, os “gates” de variadíssima ordem. Nós, peixe-graúdo, queremos ser exibidos, boca aberta, bolsos luzindo espertezas.

«Porque, em Moçambique, um corrupto mesmo pode desmoralizar. Uma pessoa entrega-se à sua vocação, aplica golpes por baixo do ventre nacional, rouba aos pobres para dar aos ricos, tudo isso para ser ignorado. O que pode fazer um subornista interno? Esperar que, em algum outro lado, se construa um túmulo ao corrupto desconhecido? Ou que tal, nós, os artistas do cambalacho, entrarmos em greve? Quantos países, por esse mundo, não paralisariam com semelhante greve? Era só ver o planisfério ponteadado de nações paráliticas. Mesmo eu já pensei em entregar-me às autoridades. Porque se estou à espera de ser apanhado, corro o risco de nunca mais comparecer nas bocas da gente.

«Por isso, eu apelo ao público em geral: investiguem-nos, denunciem os nossos esquemas. Concedam-nos a atenção e seriedade que nos é devida. Não nos reservem o boato, que deixa tudo igual ao que já foi. Nós, como

todos humanos, queremos venerações. Vejam o tal general cubano, famoso como militar de hierarquia, mais famoso como candongueiro de alta patente.

«Termino, apelativo: valorizemos a corrupção nacional, sem complexos de inferioridade em relação ao estrangeiro. Mostremos ao mundo que nós outros não somos quaisquer, já dispomos de competência equiparável aos modernos padrões internacionais. «Atenciosamente,

«Um corrupto nacional.»

Escreveu o candongueiro. De boleia, termino também a viagem. Vou-me apear neste parágrafo. O que mais existe na vida é aquilo que mais se inventa. Pois se o mundo está às avessas, sábio é o morcego que dorme de travesseiro nos pés. Cá eu prosseguirei o fatigável labor de encontrar a ostra dentro da pérola.

O português, as raças, os corvos

Desta vez, ponho o nome: o Américo. Nascido e recapitulado em Portugal. A bem dizer, um indígena. Nunca saíra de sua naturalidade, pés imaculados, virgens de caminhos. Nem à Europa tinha ido: palavras de sua expressão.

Tenho o personagem intitulado que é para as sombras das dúvidas. Acusem-me de inventanias, até prefiro. Dispensar é polemiquices, ando em poupança da alma. Enfim, mantenho o princípio: contra argumentos não há factos. E voltemos ao Américo, antes que a faca esfrie.

Acontece que o nosso homem fechara seu destino para balanço. E decidiu: viria para África, para aumentar de vida. Medidas as conveniências, rumou para Moçambique. Trazia mais medos que bagagem. Homem de paz, rezava para que o máximo possível de nada lhe sucedesse. Não quero problemas com ninguém, avançava ele, acenando respeitosos cumprimentos, com olhos de cordiais saudações.

Mal que se instalou, procurou um velho amigo, cooperante veterano. Américo queria receber instruções sobre o ambiente, afinar sua existência com a terra que escolhera. Mas, logo, o amigo:

— *Não leste o jornal?*

Era o aviso: se queria ser chapado de racista tinha que dar boleias.

— *E se não der?* — inquiria o recém-recente.

— *Não dás, toma. És logo classificado: racista em primeiro grau.*

— *Racista?*

— *E com direito a denúncia no jornal e tudo.*

O Américo engoliu saliva: o amigo estava de sério colóquio? Em gerais, se sabe que há dois tipos de analfabetizados: os que lêem o matutino e os que matutam as leituras. Ou talvez o amigo fosse pessoa de raça mal resolvida. O que mais há, nos dias actuais, é gente de muita pele. Parece que o povo se vai salvando da doença. A epidermia, diz-se, abunda muito-muito entre os de decisão sentada.

— *Não acreditas: lê tu mesmo o jornal.*

Daí em diante, o Américo muito demorava a chegar ao emprego. A sua carrinha ia parando de esquina em esquina, oferecendo simpatias, boleias

gratuitas. A carrinha extralotada e ele ainda parava, desta feita, para se explicar. Não havia discriminação, compreendessem, era apenas a lotação. Em todo o mundo há lotação, mesmo nos países socialistas.

E, assim, transitaram os dias, sobrecarregados. Até que a carrinha reclamou conserto, em aflição reumática. Aproveitando a pausa, Américo de novo consultou o amigo. Estava confuso, ele que vinha à procura de pacatismo. Anunciou, em sopro de vencido:

— *Estou cansado. Vou começar a andar a pé.*

Agora é muito tarde, ripostou o outro. Todos já te conhecem como boleeiro, não podes parar. Senão é que seria apelidado. O português regressou a casa, carregando os ombros.

E prosseguiram as boleias. Até que, um dia, a carrinha esbarrigando-se pelo asfalto, Américo é ordenado ser parado. O Polícia de Trânsito nunca vira carregamento tão cheio, fazia pena até às magumbas[26] enlatadas. O agente da autoridade só entendia o Américo no âmbito da chapice-centenária. Você é um chapa-cem, os papéis!

Calafrígido, o português negou, esmigalhando-se em desculpas. Já ali havia um problema. O Américo explicava-se: ninguém ali pagava nada.

— *Nem eu quero que me pague* — respondeu o polícia incorruptível.

— *Não é consigo, refiro-me a esta gente. São boleias gratuitas.*

O lusitano transpirava, a mandioca bem que azedava. Foi quando um boleante interveio, sugerindo ao guarda que apressasse uma solução.

— *É melhor deixar seguir, senhor guarda. Você sabe a quem pertence este chapa-cem?*

O agente já em regime de dúvida não metódica. O boleante, sem esperar resposta, apontava para cima. Américo, admirado, contemplou os céus, na procura do altíssimo e presumível proprietário. Nada, só o azul inocente. Ou seria aquele bando de corvos, rodopiando em círculos vorazes sobre a cidade? O português se interrogou: haveria, por certeza, superstição envolvendo os cujos pássaros.

— *Toutadizer* — insistia o boleante para o polícia. — *O melhor é não causar problemas.*

E o carro, desimpedido, passou o controlo. Não se peça explicação, o impossível anda à solta. O Américo, coitado, ainda põe nos corvos a chave do enigma.

Dizem que ele, agora, passa de cotovelo na chapa ria, vagarinhoso, boné sobre a testa. É o quê, um verdadeiro chapeiro-centesimal? Não se sabe. Aprendamos do camaleão que de correrias nunca tropeça.

O mundo, caros amigos, não está ao alcance das palavras. Eu pergunto: de tanto se gritar «abaixo a exploração» só os baixinhos é que passaram a ser explorados? Negativo: nem os mais crescidos se safam. Voltemos ao Américo, antes que ele aqueça. Teria ele aprendido o sábio ditado: abelha mansa não faz mel?

No bairro, não há quem não conheça suas populosas viagens. E não há quem não o tenha visto, num controlo de trânsito, apontando para os céus, em derradeiro argumento. Pairem ou não pairem os mencionados corvos.

Amar à mão armada ou armar a mão amada?

Parece há uma única versão: Luciano foi dado ordem de despejo do coração de Ermelinda. Motivo da desocupação? Aí, o caso já é mais versátil. Uns dizem ela arrendou o peito a outro. Outros adiantam foi obra do cansaço. Pode o amor viver da troca de um para nenhum? Fiquemos pelo não saber, pelo menos por estas primeiras linhas.

Comecemos de antes do início, como mandam as narrativas. Luciano era pessoa sem enredo nem licença de porte de alma. Sua ambição era tão rasteira que até seus sonhos lhe davam sono. Seu único percalço: as mulheres. No resto, nem mais frio, nem menos arrepio. Enganava-se quem, no entanto, lhe acreditava satisdesfeito. Porque ele nem se exigia mais que a sobra da migalha. Lembrava seu avô, sempre jovem, adolescentenário. Palavras do mais velho: moçambicano nunca se trapalha. Nunca. Se não há alto-falante ele desenrasca um baixo-falante. E onde o economista vê mão-de-obra ele anexa apenas um dedo-de-obra.

Regressemos: o Luciano casou-se com Ermelinda, com pouca paixão e ainda menos dinheiro. Fidelidade foi coisa que ele deixou para os outros, generosamente. Ele queria servir-se da vida com tempero, sua idade se apaladava em molho de especiarias.

Luciano em todas se passeava, em nenhuma ancorava. Uma colecção de mulheres cada uma sendo menos que nenhuma. Até que, um dia, ele se apaixonou, atingido de gravíssimo sentimento.

E a quem se prendeu o dito? Nem se imagine: a uma mulher-polícia, dessas que comandam trânsitos nos urbanos cruzamentos. Ali, no poleiro de seus mandos, a sinaleira enfeitiçara Luciano. Em infinitos meios-dias, ele frequentava o cruzamento para se encher daquela miragem: a mulher dançaricando ordens em suas enluvadas mãos. O trânsito escoava, sim. O engarrafamento era no peito de Luciano, promovido de motorista a amortorista.

Os dias passaram, sem excesso de velocidade. O Luciano povoara seus sonhos de fumo, buzinas, motores. Seu coração era uma rua congestionada

carecendo de intervenção policial.

O que sucedeu nesse enquanto? Não se conhece por que parágrafos andou Luciano mais seus afectos. Teria a mulher-polícia cedido? Ou será as forças da ordem não sofrem de desordem nem de fraqueza?

Pois no adiante, se impôs o verso da estória. Assim, certa noite, caiu um apito da pasta de Luciano. Daquela pasta só era suposto saírem paginudos relatórios, as inaudíveis inauditorias.

— *O que é isto? Ora, Ermelinda: é um apito.*

A mulher arrotava os olhos, nem parecia parente da humanidade. Suas ganas eram de encarquilhar o esposo. Mas, Ermelinda, um apitozinho, sim, um apito do meu amigo, o tal que é árbitro. Pois não conheces, Ermelinda, é um recente...

— *Luciano, tu estás no âmbito de uma mentira...*

Sacudindo o assobio frente ao nariz do marido, ela desconfiava: do amigo, como? E este *bâton* aqui à volta?

Luciano gaguejadiço, não saía do mas. O assunto ficou na seguinte pendência: de ora em diante, Ermelinda dormindo de perna e alma cruzada. Duraria tal cruz até que desvanecesse a dúvida: árbitro anda de *bâton*? nosso homem era alvo de cercas dúvidas. Ermelinda já desconfiava de ele lhe trair com um matulão da arbitragem, desses corvos de meias-altas. E lançava piadas:

— *Futebol de salão, já ouvi. Só faltava ouvir de futebol de quarto...*

Luciano engolia, sem reclamar. Preferia assim, ela que duvidasse de sua macheza. Falso como a curva do céu, ele chegou a pedir de ser consultado no devido hospital. Isto, Ermelinda, é matéria de médico. Você, Luciano, não prefere as sabedorias do curandeiro? Ele objectou: estava por de mais evoluído. A mulher sentenciou:

— *Fique bom ou seja homem só de pronome: eu fico fora, à espera da sua condição.*

E separaram-se. Luciano, propriamente dito, não chegou a fazer uso de sua solteireza. Porque, no posterior dia, por alegada desobediência dos travões, seu carro atropelou a sinaleira, poleiro incluído. Ao que constou, Ermelinda, ela sim, tinha ido ao feiticeiro. A sinaleira saiu ilesa. Multado foi o affecto

dela por Luciano, dali em diante visto como anónima nulidade entre os mil condutores.

Deste modo, se abandonaram mutuamente todos, Luciano, Ermelinda e a sinaleira. Mais uma vez se cumpriu a sina: que um casal se constitui em dois e se desfaz em três.

Agora, as famílias das partes andam de coração ao peito. Pois que para final do episódio, eles só sonham em tolices e pistolices, dramas de pranto e pólvora. Não é o que se ouve falar: amores resolvidos à bala? Fosse esse o desfecho e o cronista colocaria os pontos nos jotas, arrematando o final da estória. Mas o tiroteio que por aí se escuta não diz respeito a este caso.

A vida acontece por falta de jeito da morte? Ou será inversamente? A verdade, senhores, é que ninguém armou a mão destes personagens. Desarmados, personagens e respectivo autor se retiram, deixando a crónica limpa de sangue, isenta de lágrimas.

Desculpem.

Pescador na ida, herói na chegada

Entre a ilha e o continente eu seguia de viagem. Sobre as ondas, minhas lembranças se soltavam, circulaguando. A água onduliscava ao de leve, a espuma salpingando os passageiros.

De cada vez que barquejo vêm-me perguntas que não pertencem à duvidação terrestre: a onda é água que sobra do mar? Ou será que o mar não sabe de seu devido sítio? E os bichos da água será que dispensam lágrimas? Por onde escoa, então, a tristeza dos peixes?

Sorri-me daquelas perguntas, feitas só para distrair o tempo da viagem. Inspirei profundo enquanto me dava à visão do azul extenso. Aquela era a minha refeição de sossego. Ao menos me fosse concedido o gosto daquela indolência.

Foi quando se escutou o alarme. A uma distância ilegível, um barco gaivoteava, sem modos de ter rumo. Dentro, um homem acenava um pano vermelho, reclamando socorros. Por certo, era um pescador. A sua embarcação dançaricava: o mar lhe dava ondapés, raivecido. Aproximaremos. O piloto do meu barco reduziu o motor e gritou:

— *Há problema, amigo?*

O pescador respondeu:

— *É a ventania que não funciona.*

Houve quem risse no convés e ele, acreditando estar em erro de explicação, rectificou:

— *É o vento que hoje não fornece bem.*

Os barcos tocaram-se e ficaram enleados em namoro breve. Na amurada, era eu o mais próximo do pescador. Estendi-lhe o braço para que se transferisse para o nosso barco. Aceitou com reserva. Não esperava tanta deferência, era um homem habituado a si mesmo. Simpatia demasiada seria para ele motivo de desconfio. Não levei a mal aquela sua quase recusa. Pescadorando a vida inteira, sem benefício de favor, quem acredita em rendição de peixe?

O homem amarrou o seu barquito aos nossos ferros. O seu concho[27] viria de boleia, no rasto de nossas líquidas pegadas.

O pescador sentou-se a meu lado. Tirou de seu bolso a mais idosa beata que vi em minha vida. Acendeu-a e meteu a parte acesa dentro da boca. Fumava às avessas, engolindo o fumo à moda dos candeeiros. Ficou olhando talvez para nada, o horizonte flutuando em suas pupilas. Via-se que era um homem capaz de paciências compridas. Mas o corpo, de músculo sucessivo, estava tenso. De manso, lhe pedi um pedaço de sua história. Então, ele se contou.

Era um fugido da guerra. Os bandidos queimaram-lhe a casa em Machangulo e ele saiu com a família para a ilha. Mas, na aflição, deixara todas suas coisas no continente. Apertada pela fome, a família decidiu que ele arriscasse caminho e tentasse reaver algumas comidas que haviam deixado na machamba. Talvez os animais sobrassem, quem sabe os bandidos tivessem-nos poupado?

Mas na ida, o tempo se esventara e o barquinho fora empurrado nas correntes. Há dois dias que saíra, só agora regressava. E o pior: voltava sem abastecimento, sem nada.

— *Só ainda levo mais fome, desses dias que não comi.*

Aquela amargura era maior que ele. Como explicar à família que só o vento tinha as culpas? Com o estômago roído, como que estava, não acreditariam em história. O pescador estava vencido pela vergonha de sua missão falhada.

Quando chegámos ao lugar do desembarque, havia uma pequena multidão aguardando. Na maioria eram mulheres, envoltas em capulanas, nesse jeito antigo de esperar. O pescador, excitado, apontou:

— *Olha, é a minha família, essa.*

Disse-o com desespero, como se fosse aguardado por hienas.

— *Estou trapalhado, máxima certeza. Era melhor que me tivesse morrido, lá.*

Foi descendo, vagaroso. Tentei adivinhar os sentimentos dos seus. Mas, em chegando perto, fui vendo que aquelas mulheres choravam. Mal que o pescador pisou a praia firme, vários braços se consolaram no abraço do regresso. Ele voltara, estava sobrevivendo. Um dos tios, mais sóbrio na emoção do reencontro, falou com sonância.

— *Nós ouvimos que você foi lá e os bandidos lhe atacaram. Foi por isso você conseguiu de trazer as coisas. É verdade, não é?*

O pescador, admirado, hesitou em responder. Os olhos gaguejavam no fundo do rosto. Fitou-me, como se buscasse auxílio. Eu, sem dar despacho à voz, acenei confirmativamente. O pescador abriu um alívio e falou para os familiares:

— *Eu já conto tudo, vamos lá se embora.*

E retirou-se, junto com os seus. Nem gesto desenhado só atrás das costas ele me declarou uma despedida, quase um agradecimento. Assim, me tornava eu cúmplice daquele herói de inventada batalha.

O Gentipó, suas gentis poeiras

Vou falar de Gentipó, homem desses que não sai da sua sombra. O Gentipó não pisa a estrada: qualquer minimozinho carreiro é para ele uma trebulosa avenida. Para se comparecer em minha casa, ele escolhe o chão descalço, terra despida como seus pés.

Veio de lá, nem é terra de levar nome. Pois se dela não se extraía viagem, nem idas nem vindas, por que razão havia de levar tabuleta? Fique o anónimo lugar, deixe-se no cacimbo sua sempre inacabada proveniência. O que fazia ele lá, no lugar onde deu vazagem? Fazia o serviço de estar, ajudava as madrugadas. A montanha ocupa-se da altura, a árvore labora verduras. Pois o homem fazia nenhumidades, na palma de sua mão desaguava um continente. Nele estava a foz da terra. Do seu gesto transpiravam vastos verdes mas ele, o Gentipó, não figurava em condecoração de peito. Nem se clamava dono de suas naturais extensões.

— *Se ganho a vida, perco o tempo.*

No fim, pouco lhe presentearam as colheitas. Faltava adubar o céu, serviço para altíssimo feitiço. A fome dera licença para ele sair da vida. Ele negou. Depois, veio a guerra. Só ela, a guerra, lhe fez muita incompreensão. Havia um motivo para todo aquele cinzeirar dos campos? Ou será uma nação é coisa para ser pisada com tal desrespeito?

Os tiros, me dizia ele. Podem ter várias direcções, sua intenção é sempre a mesma. Pois, os disparos lhe empurraram a existência, obrigado a cortar suas mesmas raízes. Seu título de hoje se resumia: deslocado. Gentipó sacudiu a cabeça, enxotando o pensamento.

— *Nossa casa é mais pequena que pensamos.*

Para ele, camponês rural, toda a cidade lhe era estrangeira. Sua alma carecia de passaporte para entrar na urbanidade. O Gentipó vivia como se o todo tempo fosse um sábado, na macia indecisão entre levantar e ficar.

Numa dessas noites, ele se ancorou no meu serão, vindo de seus passos, esses passos parecendo pisar só em luar. Nos demos notícias, sua vida exibindo nenhuma estória. Mesmo o morto contém mais novidade, se refrescava o Gentipó, em jeito de rir. Afinal, após passearmos em muito

nada, ele anunciou seu motivo. Que aquela vela, ali posta a lumiar nossa troca de destino, não era modo para uma casa com tanta construção. Ainda se fora no meu sítio, ainda vá lá.

Cortaram a energia, mais uma circuncisão dos fios. Mas se os bandos insistiam com sabotagem, ele, o Gentipó, havia concebido a solução. Cortam sempre no mesmo lugar, não é? Então, levam lá o nhamussoro[28]. Sim, o feiticeiro que fosse lá, levasse sua bênção, espalhasse rezas no dito chão. O Gentipó repetia sua convicção, a vela bocejava, cansada de transgredir a vocação da noite.

Eu arregalinhei os olhos, retrocedi as razões do visitante. Não pode, meu amigo, este assunto não é competência de nhamussoro. O Gentipó teimava: não se pedia serviço de parar toda a guerra. Só aquela pequena porção. O deslocado tinha matutado, pesado as validades. Como podia eu argumentar tão escasso sorriso? Porque ele ambicionava mais que a esperança: queria voltar ao seu lugar, essa pequeníssima sua pátria. Eu estou cansado, foi seu murmúrio. Sua voz pousava no escuro, parecia uma gentil poeira. No alto, o céu estrejava.

Me fiz de muito coração: hás-de voltar, Gentipó, nem falta tanto. Nem vi se sorria, se dormia. A vela se havia extinguido, ficara só a memória de uma outra luz sobre nossas silhuetas.

[1]Xitimela: comboio, termo proveniente do inglês *steamer*.

[2]Gala-gala: lagarto de cabeça azul.

[3]Satanhoco: maldito.

[4]Bacecola: pequena bicicleta.

[5]Sacudu: mochila militar, do francês *sac-au-dos*.

[6]Téksmanta: de Texmanta, nome de uma fábrica têxtil em Moçambique.

[7]Placar: rastejar.

[8]Alusão ao Plano Prospectivo-Indicativo elaborado pelo governo moçambicano na década de 80 e caracterizado por alguma megalomania dos projectos económicos.

[9]Mexa-mexa: trança de ráfia que se aplica no cabelo.

[10]Molwene: criança abandonada.

[11]Suca: vai-te embora, sai daqui!

[12]Eme-ele-esse: referência de matrícula de viatura.

[13]Xiricando: de xirico, pequeno pássaro.

[14]Eh wena: Eh, tu!

[15] Xipalapala: corneta feita de chifre.

[16]Chuinga: pastilha elástica, do inglês *chewing gum*.

[17]Babalaze: ressaca após a embriaguez.

[18]Marrabentavam: de marrabenta, dança do Sul de Moçambique.

[19]Mezungos: brancos.

[20]Matapa: prato típico do Sul de Moçambique.

[21]Mamparra: de baixa categoria social.

[22]PRE: Programa de Reabilitação Económica lançado pelo governo moçambicano em meados da década de 80.

[23]Bula-bulices: de bula-bula, conversa fiada.

[24]Chamboco: pau, chibata.

[25]Milando: zaragata, confusão.

[26]Magumba: peixe pequeno, semelhante à sardinha.

[27]Concho: canoa.

[28]Nhamussoro: curandeiro.